

**WOMAN**

**HATING**

**ANDREA DWORKIN**

## Nota das tradutoras

O presente livro foi traduzido por um casal sapatão no intuito de difundir essa importante obra de Andrea Dworkin sobre o "ódio às mulheres" (*Woman Hating*). Não somos as primeiras a traduzi-lo para o português, usamos como referência a tradução feita pela Carol Correia disponível no Medium da Revista Subjetiva até o capítulo 3<sup>1</sup>. A tradução já existente do livro completo está incompreensível em algumas partes, dificultando a leitura e entendimento pleno.

Adicionamos algumas notas ao longo do texto - umas surgiram da necessidade de comentar e nos posicionar sobre passagens problemáticas, como termos e colocações racistas e comparações assimétricas; outras surgiram para facilitar a leitura e evitar lacunas, explicando termos de difícil tradução que mantivemos em inglês por suas especificidades, por exemplo.

Utilizamos a edição original da editora A Plume Book de 1974.<sup>2</sup>

Contato das tradutoras: th95@riseup.net

**PIRATEIA E DIFUNDE!  
TODA PROPRIEDADE  
EH UM ROUBO!**



---

<sup>1</sup> <https://medium.com/revista-subjetiva/cap%C3%ADtulo-1-de-woman-hating-por-andrea-dworkin-f04020ca37b2>

<sup>2</sup> <https://www.feministes-radicales.org/wp-content/uploads/2010/11/Andrea-DWORKIN-Woman-Hating-A-Radical-Look-at-Sexuality-1974.pdf>

*Para Grace Paley e em Memória de Emma Goldman*

...Shakespeare tinha uma irmã; mas não procurem por ela na vida do poeta escrita por Sir Sidney Lee. Ela morreu jovem — infelizmente, ela nunca escreveu uma palavra... Mas acredito que essa poeta que nunca escreveu uma palavra e foi enterrada no cruzamento ainda vive. Ela vive em você e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e colocando as crianças na cama. Mas ela vive; pois grandes poetas não morrem; são presenças duradouras; precisam apenas da oportunidade de caminhar entre nós em carne e osso. Esta oportunidade, acredito, está agora ao seu alcance para lhe dar. Pois acredito que se vivermos por mais um século — estou falando da vida comum que é a vida real, não das vidinhas isoladas que levamos como indivíduos — e tivermos quinhentas libras por ano e quartos próprios; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco das salas de visitas e enxergarmos o ser humano não apenas em relação aos outros, mas em relação à realidade... se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há em quem se apoiar, mas de que seguimos sozinhas e nossa relação é com o mundo da realidade... então a oportunidade surgirá, e a poeta morta que era a irmã de Shakespeare encarnará no corpo que tantas vezes ela sacrificou. Extraíndo sua vida da vida das desconhecidas que foram suas antepassadas, como seu irmão fez antes dela, ela nascerá. Quanto à sua vinda sem essa preparação, sem esse esforço de nossa parte, sem a certeza de que, quando ela renascer, poderá viver e escrever sua poesia, isso não podemos esperar, porque seria impossível. Mas insisto que ela virá se trabalharmos por ela, e que esse trabalho, seja na pobreza, seja na obscuridade, vale a pena.

Virgínia Woolf,  
*Um teto todo seu* (1929)

## AGRADECIMENTOS

Ricki Abrams e eu começamos a escrever este livro juntos em Amsterdã, Holanda, em dezembro de 1971. Nós trabalhamos longa e duramente e durante muito tempo de vida, e depois, por muitas razões, nossos caminhos se separaram. Ricki foi para a Austrália, depois para a Índia. Eu voltei para Amerika. Então o livro, em suas primeiras peças e fragmentos, tornou-se meu assim como a responsabilidade de terminá-lo tornou-se minha. Eu agradeço Ricki aqui pelo trabalho que fizemos juntos, e o tempo que tivemos juntos, e este livro que veio daquele tempo e cresceu para além dele.

Andrea Dworkin

## SUMÁRIO

Introdução	7
Parte Um: OS CONTOS DE FADAS	14
Capítulo 1 - Era uma vez: Os Papéis	16
Capítulo 2 - Era uma vez: A Moral da História	24
Parte Dois: A PORNOGRAFIA	26
Capítulo 3 - A mulher como vítima: História de O	27
Capítulo 4 - A mulher como vítima: A Imagem	32
Capítulo 5 - A mulher como vítima: <i>Suck</i>	39
Parte Três: <i>HERSTORY</i>	49
Capítulo 6 - Ginocídio: Pés de Lótus Chinês	51
Capítulo 7 - Ginocídio: As Bruxas	65
Parte Quatro: ANDROGINIA	83
Capítulo 8 - Androginia: O Modelo Mitológico	84
Capítulo 9 - Androginia: Androginia, Transa e Comunidade	95
Posfácio	107
Bibliografia	112

Há uma miséria do corpo e uma miséria da mente, e se as estrelas, sempre que olhássemos para elas, derramassem néctar em nossas bocas, e a relva tornasse-se pão, nós ainda ficaríamos tristes. Nós vivemos em um sistema que fabrica a tristeza, derramando-a de seu moinho, as águas da tristeza, o oceano, a tempestade, e nós afogamo-nos, mortos, demasiado cedo.

...revolta é a inversão do sistema, e revolução é a virada das marés.

Julian Beck, *The Life of the Theatre*

A Revolução não é um evento que leva dois ou três dias, em que há tiroteio e enforcamento. É um longo processo no qual novas pessoas são criadas, capazes de renovar a sociedade para que a revolução não substitua uma elite por outra, mas para que a revolução crie uma nova estrutura anti-autoritária com pessoas anti-autoritárias que, por sua vez, reorganizem a sociedade para que ela se torne uma sociedade humana não alienada, livre da guerra, da fome e da exploração.

Rudi Dutschke  
7 de março, 1968

Não se ensina alguém a contar apenas até oito. Você não diz que nove e dez e além não existem. Você dá tudo às pessoas ou elas não são capazes de contar em absoluto. Há uma verdadeira revolução ou não há nenhuma.

Pericles Korovessis, em uma entrevista em *Liberation*, junho de 1973

## INTRODUÇÃO

Este livro é uma ação, uma ação política onde a revolução é o objetivo. Não tem outro propósito. Não é uma sabedoria cerebral, nem uma merda acadêmica, nem ideias esculpidas em granito ou destinadas à imortalidade. É parte de um processo e seu contexto é a mudança. É parte de um movimento planetário para reestruturar formas de comunidade e consciência humana para que as pessoas tenham poder sobre suas próprias vidas, participem plenamente em comunidade, vivam em dignidade e liberdade.

O compromisso de acabar com a dominação masculina como realidade psicológica, política e cultural fundamental da vida terrena é o compromisso revolucionário fundamental. É um compromisso com a transformação do eu e a transformação da realidade social em todos os níveis. O núcleo deste livro é uma análise do sexismo (esse sistema de dominação masculina), o que é, como ele opera sobre nós e em nós. No entanto, quero discutir brevemente dois problemas, tangenciais a essa análise, mas ainda cruciais para o desenvolvimento do programa e da consciência revolucionária. O primeiro é a natureza do movimento feminino como tal, e o segundo tem a ver com o trabalho do escritor.

Até o aparecimento da brilhante antologia *Sisterhood Is Powerful* (A Irmandade é Poderosa) e do extraordinário livro de Kate Millett *Sexual Politics* (Política Sexual), as mulheres não pensavam em si mesmas como pessoas oprimidas. A maioria das mulheres, deve-se admitir, ainda não o faz. Mas o movimento feminino como um movimento de libertação radical na América pode ser datado a partir do aparecimento desses dois livros. Aprendemos ao reivindicarmos nossa história (*herstory*<sup>3</sup>) que havia um movimento feminista que se organizava em torno da conquista do voto para mulheres. Aprendemos que essas feministas também eram abolicionistas ardentes. As mulheres “saíram” como abolicionistas — dos armários, das cozinhas e dos quartos; para reuniões públicas, jornais e ruas. Duas heroínas ativistas do movimento abolicionista eram mulheres negras, Sojourner Truth e Harriet Tubman, e elas permanecem como modelos revolucionários prototípicos.

As primeiras feministas americanas pensavam que o sufrágio era a chave para a participação na democracia americana e que, livres e emancipadas, as ex-escravizadas<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> *Herstory* é um termo em inglês para a história escrita numa perspectiva feminista, enfatizando o papel das mulheres, ou contada do ponto de vista de uma mulher. Originou-se como uma alteração da palavra “história” (em inglês *history*), como parte de uma crítica feminista da historiografia convencional, que é tradicionalmente escrita como a “história dele”, ou seja, do ponto de vista masculino. (Um jogo com os pronomes *his*, que significa “dele”, e *her*, que significa “dela”). [N.T.]

<sup>4</sup> No texto original a autora utiliza a palavra “*slaves*”, com tradução literal de “escravas”. Traduzimos por “escravizadas” pois a palavra “escrava” tem um cunho racista já que sinaliza a constituição de uma identidade imposta por brancos às pessoas negras e indígenas escravizadas, além de desumanizá-las e naturalizar a escravidão como uma condição “inata”, tirando de cena a ação escravizadora de homens brancos, o contexto

seriam, de fato, livres e emancipadas. Aquelas mulheres não imaginavam que o voto seria efetivamente negado aos negros através de testes de alfabetização, qualificação de propriedade e ação policial vigilante de racistas brancos. Nem imaginavam a doutrina "separado, mas igual" e os usos a que ela seria submetida.<sup>5</sup>

O feminismo e a luta pela libertação negra eram partes de um todo atraente. Esse todo foi chamado, ingenuamente talvez, de luta pelos direitos humanos. O fato é que a consciência, uma vez experimentada, não pode ser negada. Uma vez que as mulheres se experimentaram como *ativistas* e começaram a entender a realidade e o significado da opressão, elas começaram a articular um feminismo politicamente consciente. Seu foco, seu objetivo concreto, era alcançar o sufrágio para as mulheres.

O movimento de mulheres formalizou-se em 1848 em Seneca Falls, quando Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott, ambas militantes abolicionistas, convocaram uma convenção. Essa convenção redigiu a *Declaração de Direitos e Sentimentos de Seneca Falls*, que é, até hoje, uma declaração feminista notável.

Na luta pelo voto, as mulheres desenvolveram muitas das táticas que foram utilizadas, quase um século depois, no Movimento de Direitos Cívicos. A fim de mudar as leis, as mulheres tiveram que violá-las. A fim de mudar a convenção, as mulheres tiveram que violá-la. As feministas (sufragistas) eram ativistas políticas militantes que usavam as táticas da desobediência civil para alcançar seus objetivos.

A luta pelo voto começou oficialmente com a Convenção de Seneca Falls, em 1848. Só em 26 de agosto de 1920 é que as mulheres *receberam* o voto do bondoso eleitorado masculino. As mulheres não imaginavam que o voto mal tocaria, muito menos transformaria, suas próprias situações opressivas. Tampouco imaginavam que a doutrina "separado, mas igual" se desenvolveria como uma ferramenta da dominação masculina. Tampouco imaginavam os usos a que ela se destinava.

Houve também, sempre, feministas individuais — mulheres que violaram as restrições do papel feminino, que desafiaram a supremacia masculina, que lutaram pelo direito ao trabalho, ou pela liberdade sexual, ou pela libertação da escravidão do contrato de casamento. Essas indivíduos eram muitas vezes eloquentes quando falavam da opressão que sofriam como mulheres em suas próprias vidas, mas outras mulheres, devidamente treinadas para seus papéis, não ouviam. As feministas, na maioria das vezes como indivíduos, mas às vezes em pequenos grupos militantes, lutaram contra o sistema que as oprimia, analisaram-no, foram presas, foram ostracizadas, mas não houve reconhecimento geral entre as mulheres de que eram oprimidas.

---

e a estrutura nos quais essa escravização se deu, colocando essas pessoas numa condição de mercadoria, passivas e desprovidas de consciência. [N.T.]

<sup>5</sup> "*Separate but equal*" era uma doutrina legal na lei constitucional dos Estados Unidos, segundo a qual a segregação racial não violava necessariamente a Décima Quarta Emenda à Constituição dos Estados Unidos, que garantia "igual proteção" perante a lei a todas as pessoas. Segundo a doutrina, enquanto as instalações fornecidas a cada raça fossem iguais, os governos estaduais e locais poderiam exigir que serviços, instalações, acomodações públicas, moradia, assistência médica, educação, emprego e transporte fossem segregados por "raça", o que já era o caso em todos os estados da antiga Confederação. [N.T.]



Nos últimos cinco ou seis anos, esse reconhecimento tornou-se mais difundido entre as mulheres. Começamos a compreender a extraordinária violência que nos tem sido feita, que nos está sendo feita: como nossas mentes são abortadas em seu desenvolvimento pela educação sexista; como nossos corpos são violados por imperativos opressivos de aliciamento; como a polícia funciona contra nós em casos de estupro e agressão; como os meios de comunicação, escolas e igrejas conspiram para nos negar dignidade e liberdade; como a família nuclear e o comportamento sexual ritualizado nos aprisionam em papéis e formas que nos são degradantes. Desenvolvemos sessões de conscientização para tentar sondar a extraordinária extensão do nosso desespero, para tentar buscar a profundidade e os limites da nossa raiva internalizada, para tentar encontrar estratégias para nos libertarmos das relações opressivas, do masoquismo e da passividade, da nossa própria falta de autorrespeito. Houve tanto dor quanto êxtase neste processo. As mulheres descobriram umas às outras, pois verdadeiramente nenhum grupo oprimido jamais havia sido tão dividido e conquistado. As mulheres começaram a lidar com opressões concretas: para se tornarem parte do processo econômico, para apagar leis discriminatórias, para ganhar controle sobre nossas próprias vidas e sobre nossos próprios corpos, para desenvolver a capacidade concreta de sobreviver em nossos próprios termos. As mulheres também começaram a articular análises estruturais da sociedade sexista — Millett fez isso com *Sexual Politics*, em *Vaginal Politics* (Política da vagina) Ellen Frankfort demonstrou os complexos e mortais preconceitos anti-mulheres do estabelecimento médico; em *Women and Madness* (Mulheres e loucura) a Dra. Phyllis Chesler mostrou que as instituições mentais são prisões para mulheres que se rebelam contra o papel feminino bem definido da sociedade.

Começamos a nos ver claramente, e o que vimos foi horrível. Vimos que éramos, como Yoko Ono escreveu, os negros do mundo, escravos do escravo. Vimos que éramos os derradeiros negros da casa, lambe-botas, curvando-se, raspando, tolos baralhados.<sup>6</sup> Reconhecemos todo nosso comportamento social como um comportamento aprendido que funcionava para a sobrevivência num mundo sexista: pintamo-nos, sorrimos, expusemos pernas e bunda, tivemos filhos, cuidamos da casa como nossas acomodações para a realidade da política de poder.

A maioria das mulheres envolvidas na articulação da opressão das mulheres era branca e de classe média. Gastamos, mesmo que não ganhássemos ou controlássemos, enormes somas de dinheiro. Por causa da nossa participação no estilo de vida da classe média éramos as opressoras de outras pessoas, nossas irmãs brancas pobres, nossas irmãs negras, nossas irmãs Chicanas — e os homens que por sua vez as oprimiam. Este tecido estreitamente entrelaçado da opressão, que é a estrutura de classe racista da

---

<sup>6</sup> Nessa passagem, Dworkin reproduz um discurso extremamente racista. Além de colocar os “negros da casa” como submissos, num olhar colonizador de infantilização das pessoas negras escravizadas, ela faz uso da infeliz frase de Yoko Ono “Woman is the nigger of the world”. De acordo com Sueli Carneiro (diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra), essa frase usa um processo discriminatório para legitimar outro, e questiona: “Se a mulher é o negro do mundo, a mulher negra é o quê?”. [N.T.]

Amerika de hoje, assegurava que onde quer que se estivesse, estava com pelo menos um pé pesado na barriga de outro ser humano.

Como mulheres brancas de classe média, vivíamos na casa do opressor-de-todos-nós que nos apoiava enquanto abusava de nós, nos vestia enquanto nos explorava, nos “valorizava” em pagamento pelas muitas funções que desempenhávamos. Éramos as concubinas mais bem alimentadas, mais bem guardadas, mais bem vestidas e mais dispostas que o mundo já conheceu. Não tínhamos dignidade nem liberdade real, mas tínhamos boa saúde e uma vida longa.

O movimento feminino não lidou com essa questão do ganha pão, e esse é o seu fracasso mais terrível. Tem havido pouco reconhecimento de que a destruição do estilo de vida da classe média é crucial para o desenvolvimento de formas comunitárias decentes, nas quais todas as pessoas possam ser livres e ter dignidade. Certamente não há programa para lidar com as realidades do sistema de classes na Amerika. Pelo contrário, a maioria do movimento de mulheres, com uma cegueira terrível, tem se recusado a assumir esse tipo de responsabilidade. Somente o movimento de creche refletiu, ou agiu pragmaticamente, sobre as necessidades concretas de todas as classes de mulheres. A ira contra a administração Nixon por cortar fundos para a creche é, na melhor das hipóteses, ingênua. Dada a estrutura da política de poder e do capital na Amerika, é ridículo esperar que o governo federal aja no interesse do povo. O dinheiro disponível para as mulheres de classe média que se identificam como feministas deve ser canalizado para os programas que queremos desenvolver, e *nós* devemos desenvolvê-los. Em geral, as mulheres da classe média têm se recusado absolutamente a tomar qualquer ação, a assumir qualquer compromisso que interfira, ameace ou altere significativamente um estilo de vida, um padrão de vida, que é endinheirado e privilegiado.

A análise do sexismo neste livro articula claramente o que é a opressão da mulher, como ela funciona, como ela está enraizada na psique e na cultura. Mas essa análise é inútil se não estiver ligada a uma consciência política e a um compromisso que irá redefinir totalmente a comunidade. Não se pode ser livre, nunca, jamais, em um mundo sem liberdade, e no curso da redefinição da família, da igreja, das relações de poder, de todas as instituições que habitam e ordenam nossas vidas, não há como se agarrar ao privilégio e ao conforto. A tentativa de o fazer é destrutiva, criminosa e intolerável.

A natureza da opressão das mulheres é única: as mulheres são oprimidas como mulheres, independentemente da classe ou raça; algumas mulheres têm acesso a uma riqueza significativa, mas essa riqueza não significa poder; as mulheres podem ser encontradas em toda parte, mas não possuem ou não controlam nenhum território apreciável; as mulheres vivem com aqueles que as oprimem, dormem com eles, têm seus filhos — nós estamos emaranhadas, irremediavelmente parece, nas vísceras da maquinaria e do modo de vida que é ruinoso para nós. E talvez o mais importante, a maioria das mulheres têm pouco senso de dignidade ou de autorrespeito ou de força, já que essas qualidades estão diretamente relacionadas a um senso de masculinidade. Em *Revolutionary Suicide* (Suicídio Revolucionário), Huey P. Newton nos diz que os Panteras

Negras não usaram armas porque eram símbolos da masculinidade, mas encontraram a coragem de agir como agiram porque eram homens. Quando nós mulheres encontramos a coragem de nos defendermos, de tomarmos uma posição contra a brutalidade e o abuso, estamos violando todas as noções de feminilidade que já nos foram ensinadas. O caminho da liberdade para as mulheres é, por esse motivo sozinho, tortuoso.

A análise deste livro aplica-se às situações de vida de todas as mulheres, mas todas as mulheres não se encontram necessariamente num estado de emergência primária como mulheres. O que eu quero dizer com isto é simples. Como judia na Alemanha nazista, eu seria oprimida como mulher, mas caçada, massacrada, como judia. Como nativa americana, eu seria oprimida como uma mulher indígena, mas caçada, massacrada, como uma nativa americana. Essa primeira identidade, aquela que traz consigo como parte da sua definição a morte, é a identidade de emergência primária. Este é um reconhecimento importante porque nos alivia de uma séria confusão. O fato, por exemplo, de muitas mulheres negras (de forma alguma todas) experimentarem a emergência primária como negras não diminui de forma alguma a responsabilidade da comunidade negra em assimilar esta e outras análises do sexismo e em aplicá-la no seu próprio trabalho revolucionário.

Como uma escritora com um compromisso revolucionário, estou particularmente aflita com os tipos de livros que escritores estão escrevendo, e com as razões por que o fazem. Eu quero que escritores escrevam livros porque estão comprometidos com o conteúdo desses livros. Eu quero que escritores escrevam livros como ações. Eu quero que escritores escrevam livros que possam fazer a diferença em como, e até mesmo porque, as pessoas vivem. Eu quero que escritores escrevam livros pelos quais valha a pena ser presa/o, pelos quais valha a pena lutar, e se chegar a isso neste país, que valha a pena morrer por eles.

Os livros são em sua maioria na Amerika empreendimentos comerciais. As pessoas os escrevem para ganhar dinheiro, para se tornarem famosas, para construir ou aumentar outras carreiras. A maioria dos americanos não lê livros — eles preferem a televisão. Os acadêmicos fecham os livros numa teia emaranhada de confusão mental e abstração. A noção é que há ideias, depois arte, depois em outro lugar, sem relação, a vida. A noção é que ter uma ideia decente ou moral é ser uma pessoa decente ou moral. Por causa dessa estranha esquizofrenia, os livros e a sua escrita tornaram-se bordados sobre um modo de vida moribundo. Porque há desprezo pelo processo de escrever, por escrever como forma de descobrir o sentido e a verdade, e por ler como uma peça desse mesmo processo, destruimos com regularidade as poucas e os poucos escritores sérios que temos. Nós os transformamos em figuras de quadrinhos, os extraímos de toda a privacidade, coragem e senso comum, exorcizamos deles sua visão como esporte, exigimos que entretenham ou sejam ignorados no esquecimento. E é uma grande tragédia, pois o trabalho de quem escreve nunca foi tão importante como é agora na Amerika.

Muitos veem que nesta terra de pesadelo, a linguagem não tem sentido e a obra da escritora ou do escritor está arruinada. Muitos veem que o triunfo da consciência

autoritária é a sua habilidade de tornar sem significado a palavra falada e escrita — para que não possamos falar ou ouvir uns aos outros. É a obra da escritora ou do escritor recuperar a linguagem daqueles que a usam para justificar assassinato, pilhagem, violação. Quem escreve pode e deve fazer o trabalho revolucionário de usar as palavras para se comunicar, como comunidade.

Aqueles de nós que amamos ler e escrever acreditamos que ser escritor é uma responsabilidade sagrada. Significa dizer a verdade. Significa ser incorruptível. Significa não ter medo, e nunca mentir. Aqueles de nós que amamos ler e escrever sentimos grande dor porque muitas pessoas que escrevem livros se tornaram covardes, palhaços e mentirosos. Aqueles de nós que amamos ler e escrever começamos a sentir um desprezo mortal pelos livros, porque vemos escritores sendo comprados e vendidos no mercado — nós os/as vemos vendendo seus produtos manchados em cada esquina. Muitas escritoras e muitos escritores, de acordo com o estilo de vida americano, venderiam suas mães por um centavo.

Manter a responsabilidade sagrada do escritor é simplesmente respeitar as pessoas e amar a comunidade. Violar essa responsabilidade é abusar de si mesmo e fazer mal aos outros. Eu acredito que quem escreve tem uma função vital na comunidade, e uma responsabilidade absoluta para com as pessoas. Peço que este livro seja julgado nesse contexto.

Especificamente, *Woman Hating* é sobre mulheres e homens, os papéis que desempenham, a violência entre eles. Começamos com os contos de fadas, os primeiros cenários de mulheres e homens que moldam nossas psiques, ensinados a nós antes que possamos saber diferente. Passamos à pornografia, onde encontramos os mesmos cenários, explicitamente sexuais e agora mais reconhecíveis, nós mesmas, mulheres carnis e homens heroicos. Passamos à *herstory* — a atadura de pés na China, a queima de bruxas na Europa e na Amerika. Lá vemos as definições de mulheres dos contos de fadas e da pornografia funcionando na realidade, a aniquilação real de mulheres reais — o esmagamento da sua liberdade, da sua vontade, da sua vida, até não sobrar nada — como foram obrigadas a viver, e como foram obrigadas a morrer. Vemos as dimensões do crime, as dimensões da opressão, a angústia e a miséria que são uma consequência direta da definição polar do papel, das mulheres definidas como carnis, más e “o Outro”. Reconhecemos que é a estrutura da cultura que engendra as mortes, as violações, a violência, e procuramos alternativas, formas de destruir a cultura como a conhecemos, reconstruindo-a como a podemos imaginar.

Eu escrevo, porém, com uma ferramenta quebrada, uma linguagem que é sexista e discriminatória até o seu âmago. Tento fazer as distinções, não “história” (*history*) como toda a história humana, não “homem” como o termo genérico para a espécie, não “masculinidade” como o sinônimo de coragem, dignidade e força. Mas eu não tenho tido sucesso em reinventar a linguagem.

Este trabalho não foi feito isoladamente. Deve muito a outras. Agradeço às minhas irmãs que em todo lugar se levantam, por si mesmas, contra a opressão.

Agradeço às minhas irmãs, as mulheres que estão procurando nosso passado comum, escrevendo-o para que o possamos conhecer e orgulhar-nos. Agradeço às minhas irmãs, estas mulheres em particular, cujo trabalho contribuiu tanto para a minha própria consciência e determinação — Kate Millett, Robin Morgan, Shulamith Firestone, Judith Malina, e Jill Johnston.

Também agradeço a outros que, através dos seus livros e vidas, me ensinaram tanto — em particular, Allen Ginsberg, James Baldwin, Daniel Berrigan, Jean Genet, Huey P. Newton, Julian Beck e Timothy Leary.

Agradeço aos meus amigos em Amsterdã que foram família para a escrita de muito deste livro e que me ajudaram em tempos muito difíceis.

Agradeço a Mel Clay que acreditou neste livro desde seus inícios mais obscuros, aos editores da *Suck* e em particular a Susan Janssen, Deborah Rogers, Martin Duberman e Elaine Markson que tem sido maravilhosa para mim. Agradeço a Marian Skedgell pela sua ajuda e gentileza. Agradeço ao Brian Murphy que tentou me dizer há muito tempo que O era uma pessoa oprimida. O capítulo 3 é dedicado ao Brian.

Agradeço a Karen Malpede e Garland Harris pelo seu apoio e ajuda. Agradeço a Joan Schenkar por me empurrar um pouco mais do que eu estava disposta a, ou podia, ir.

Agradeço a Grace Paley, Karl Bissinger, Kathleen Norris, e Muriel Rukeyser. Sem o amor e a amizade deles este trabalho nunca teria sido feito. Sem os seus exemplos de força e compromisso, eu não sei quem eu seria, ou como.

Agradeço ao meu irmão Mark e à minha cunhada Carol pela sua amizade, calor e confiança. E agradeço aos meus pais, Sylvia e Harry Dworkin, pela sua devoção e apoio durante todos estes anos, que lhes deve ter parecido interminável, quando a sua filha estava aprendendo seu ofício. Agradeço-lhes por me criarem com muito carinho e ternura, por acreditarem em mim para que eu pudesse aprender a acreditar em mim mesma.

Andrea Dworkin  
*Nova Iorque, julho de 1973*

# PARTE UM

## OS CONTOS DE FADAS

Você não pode ser livre se estiver contido  
dentro de uma ficção.

Julian Beck, *The Life of the Theatre*

Era uma vez uma bruxa má e o seu nome era

Lilith  
Eva  
Agar  
Jezebel  
Dalila  
Pandora  
Jahi  
Tamar

e havia uma bruxa má e ela também era chamada de deusa e o seu nome era

Kali  
Fátima  
Ártemis  
Hera  
Ísis  
Mari  
Ishtar

e havia uma bruxa má e ela também era chamada de rainha e o seu nome era

Bathsheba  
Vashti  
Cleópatra  
Helena  
Salomé  
Elizabeth

Clytemnestra  
Medeia

e havia uma bruxa má e ela também era chamada de bruxa e o seu nome era

Joana  
Circe  
Morgana le Fay  
Tiamat  
Maria Lionza  
Medusa

e elas tinham isto em comum: que eram temidas, odiadas, desejadas e veneradas.

Quando se entra no mundo do conto de fadas procura-se com dificuldade o lugar real de onde partem a lenda e a história. Quer-se localizar o momento preciso em que a ficção penetra na psique como realidade, e a história começa a espelhá-la. Ou vice versa. As mulheres vivem no conto de fadas como figuras mágicas, como a beleza, o perigo, a inocência, a malícia e a ganância. Nas personagens do conto de fadas — a bruxa má, a bela princesa, o príncipe heroico — encontramos o que a cultura nos faria saber sobre quem somos.

A questão é que nós não formamos esse mundo antigo — ele nos formou. Nós o ingerimos inteiro enquanto crianças, tivemos seus valores e consciência impressos em nossas mentes como absolutos culturais muito antes de sermos de fato homens e mulheres. Levamos conosco os contos de fadas da infância para a maturidade, mastigados, mas ainda firmados no estômago, como verdadeira identidade. Entre Branca de Neve e seu heroico príncipe, nossas duas grandes ficções, nunca tivemos muita chance. Em algum momento, a Grande Divisão aconteceu: eles (os meninos) sonhavam em montar o Grande Corcel e comprar a Branca de Neve dos anões; nós (as meninas) aspirávamos nos tornar esse objeto da luxúria de todos os necrófilos — a Bela Adormecida inocente, vitimizada, belo pedaço adormecido de bem supremo. Apesar de nós mesmas, às vezes desconhecendo, às vezes sabendo, não querendo, incapazes de fazer de outra forma, nós atuamos os papéis que nos foram ensinados.

Aqui é o começo, onde aprendemos quem devemos ser, assim como a moral da história.

# Capítulo 1

## Era uma vez: Os Papéis

A morte é aquele remédio com que todos os cantores sonham  
Allen Ginsberg

A cultura predetermina quem somos, como nos comportamos, o que estamos dispostos a saber, o que somos capazes de sentir.

Nascemos num papel sexual que é determinado pelo sexo visível, ou gênero.

Seguimos cenários explícitos de passagem do nascimento para a juventude, para a maturidade, para a velhice e depois morremos.

No processo de adesão aos papéis sexuais, como uma consequência direta dos imperativos desses papéis, cometemos homicídio, suicídio e genocídio.

A morte é o nosso único remédio. Nós imaginamos o paraíso. Não há sofrimento lá, dizemos nós. Não há sexo lá, dizemos nós. Queremos dizer, não há cultura lá. Queremos dizer, não há gênero lá. Nós sonhamos que a morte nos libertará do sofrimento — da culpa, do sexo, do corpo. Reconhecemos o corpo como a fonte do nosso sofrimento. Sonhamos com uma morte que significará libertação dele, porque aqui na terra, em nossos corpos, estamos fragmentados, angustiados — homens ou mulheres, presos pelo próprio fato de um corpo particularizado a um papel que é aniquilador, totalitário, que nos proíbe qualquer verdadeira autotransformação ou autorrealização.

Os contos de fadas são a informação primária da cultura. Eles delineiam os papéis, interações e valores que estão disponíveis para nós. Eles são nossos modelos de infância, e seu conteúdo temeroso e terrível nos aterroriza à submissão — se não nos tornarmos bons, então o mal nos destruirá; se não alcançarmos o final feliz, então nos afogaremos no caos. Ao crescermos, esquecemos o terror — as bruxas más e a sua malícia sufocante. Recordamos os paradigmas românticos: o heroico príncipe beija a Bela Adormecida; o heroico príncipe busca seu reino para encontrar a Cinderela; o heroico príncipe se casa com a Branca de Neve. Mas o terror permanece como o substrato da relação homem-mulher — o terror permanece, e nós nunca nos recuperamos dele ou deixamos de ser motivados por ele. Os homens adultos ficam aterrorizados com a bruxa má, internalizada nas partes mais profundas da memória. As mulheres não estão menos aterrorizadas, pois sabemos que não ser passiva, inocente e desamparada é ser ativamente má.



O terror, então, é o nosso verdadeiro tema.

## A Mãe como uma Figura de Terror

Seja “instintivo” ou não, o papel materno na constituição sexual tem origem no fato de que somente a mulher está necessariamente presente no nascimento. Somente a mulher tem uma conexão confiável e facilmente identificável com a criança — um laço no qual a sociedade pode confiar. Este sentimento materno é a raiz da comunidade humana.

George Gilder, *Sexual Suicide*

A mãe biológica da Branca de Neve era uma rainha boa e passiva que se sentava à sua janela e fazia bordados. Ela picou o dedo um dia — sem dúvida um acontecimento na sua vida — e três gotas de sangue caíram dele sobre a neve. De alguma forma isso levou-a a desejar uma criança “branca como a neve, vermelha como o sangue e preta como a madeira da moldura do bordado”<sup>7</sup>. Logo depois, ela teve uma filha com “pele branca como a neve, lábios vermelhos como o sangue, e cabelos negros como o ébano”. Depois, ela morreu.

Um ano depois, o rei voltou a casar. A sua nova esposa era linda, gananciosa e orgulhosa. Ela era, de fato, ambiciosa e reconheceu que a beleza era moeda no reino masculino, que a beleza se traduzia diretamente em poder porque significava admiração masculina, aliança masculina, devoção masculina.

A nova rainha tinha um espelho mágico e ela perguntava: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”. E, inevitavelmente, a rainha era a mais bela (se houvesse alguém mais bela, podemos presumir que o rei teria casado com ela).

Um dia a rainha perguntou ao seu espelho quem era a mais bela, e o espelho respondeu: “Rainha, tu és completamente bela, é verdade, mas mais bela que tu és Branca de Neve.” A Branca de Neve tinha 7 anos de idade.

A rainha ficou “amarela e verde de inveja, e a partir daquela hora seu coração se voltou contra Branca de Neve, e ela a odiava. E a inveja e o orgulho como ervas daninhas doentes cresciam em seu coração cada dia mais alto, até que ela não tinha paz...”.

Agora, todos sabemos o que as nações farão para alcançar a paz, e a rainha não era menos engenhosa (ela daria uma excelente chefe de Estado). Ela ordenou que um caçador levasse a Branca de Neve para a floresta, a matasse e trouxesse de volta o seu coração. O caçador, um bom rapaz sem inspiração, não podia matar a doce jovem, então ele a soltou na floresta, matou um javali e levou seu coração de volta para a rainha. O

---

<sup>7</sup> The Brothers Grimm, *Household Stories* (New York: Dover Publications, 1963), p. 213. [Todas as citações seguintes são desse livro também. N.T.]

coração dele estava “salgado e cozinhado, e a mulher malvada comeu-o, pensando que era um fim para a Branca de Neve.”

A Branca de Neve encontrou o caminho para a casa dos 7 anões, que lhe disseram que ela poderia ficar com eles “se você cuidar da nossa casa para nós, e cozinhar, e lavar, e fazer as camas, e costurar e tricotar, e manter tudo arrumado e limpo”. Eles simplesmente adoravam-na.

A rainha, que agora pode ser chamada com convicção de rainha *má*, descobriu pelo seu espelho que Branca de Neve ainda estava viva e mais bela do que ela. Ela tentou várias vezes matar a Branca de Neve, que caiu em numerosos e profundos sonos, mas nunca morreu. Finalmente a perversa rainha fez uma maçã envenenada e induziu a sempre vigilante Branca de Neve a mordê-la. A Branca de Neve morreu, ou ficou mais morta do que de costume, porque o espelho da perversa rainha então verificou que ela era a mais bela da terra.

Os anões, que amavam a Branca de Neve, não suportavam enterrá-la debaixo do chão, por isso a encerraram num caixão de vidro e colocaram o caixão no topo de uma montanha. O príncipe heroico estava passando por ali, imediatamente se apaixonou pela Branca de Neve sob o vidro, e a comprou (aquela coisa?) dos anões que a amavam (aquela coisa?). Enquanto criados carregavam o caixão atrás do cavalo do príncipe, o pedaço de maçã envenenada que a Branca de Neve tinha engolido “voou para fora de sua garganta”. Ela logo ressuscitou completamente, ou seja, não muito. O príncipe a colocou diretamente na categoria “coisa”, e o casamento também em sua perspectiva adequada, quando ele propôs a felicidade conjugal — “Eu preferiria você a qualquer outra coisa no mundo”. A rainha malvada foi convidada para o casamento, ao qual compareceu porque o espelho lhe disse que a noiva era mais bela do que ela. No casamento “eles tinham sapatos de ferro em brasa prontos, nos quais ela tinha que dançar até cair morta.”

A situação da mãe da Cinderela era a mesma. A mãe biológica dela era boa, piedosa, passiva e logo morta. A madrasta dela era gananciosa, ambiciosa e impiedosa. A sua ambição ditava que as suas próprias filhas fizessem bons casamentos. Enquanto isso, Cinderela era forçada a fazer trabalhos domésticos pesados, e quando seu trabalho terminava, sua madrasta jogava lentilhas nas cinzas do fogão e fazia Cinderela separar as lentilhas das cinzas. A malícia da madrasta em relação à Cinderela não era flutuante e irracional. Pelo contrário, a sua própria validação social dependia dos casamentos que ela fizesse para as suas próprias filhas. Cinderela era uma ameaça real para ela. Como a madrasta da Branca de Neve, para quem a beleza era poder e ser a mais bela era ser a mais poderosa, a madrasta de Cinderela sabia como funcionava a estrutura social, e estava determinada a ter sucesso nos seus termos.

A madrasta de Cinderela foi supostamente motivada pelo amor materno pela sua própria descendência biológica. O amor materno é conhecido por ser transcendente, santo, nobre e altruísta. É coincidentemente também um fundamento da civilização

humana (dominada pelos homens) e é a verdadeira base da sexualidade humana (dominada pelos homens):

[Quando o príncipe começou a procurar a mulher cujo pé caberia no chinelo dourado] as duas irmãs ficaram muito contentes, porque tinham pés bonitos. A mais velha foi ao seu quarto para experimentar o sapato, e a mãe dela ficou parada. Mas ela não conseguia colocar o dedão do pé, pois o sapato era muito pequeno; então sua mãe lhe entregou uma faca, e disse,

“Corte o dedo do pé, porque quando fores rainha, nunca terás de ir a pé.” Então a menina cortou o dedo do pé, apertou o pé no sapato, escondeu a dor, e foi até o príncipe. Então ele a levou com ele em seu cavalo como sua noiva...

Então o príncipe olhou para o sapato dela, e viu o sangue a correr. E ele virou o cavalo e levou a falsa noiva de volta para casa, dizendo que ela não era a certa, e que a outra irmã devia experimentar o sapato. Então ela entrou em seu quarto para fazê-lo, e colocou os dedos dos pés confortavelmente dentro, mas o calcanhar dela era muito grande. Então sua mãe lhe entregou a faca, dizendo: “Corte um pedaço do teu calcanhar; quando fores rainha, nunca terás que ir a pé.”

Então a menina cortou um pedaço do calcanhar e enfiou o pé no sapato, escondeu a dor e desceu até o príncipe, que levou a sua noiva...

Então o príncipe olhou para o pé dela, e viu como o sangue estava correndo...

A madrasta de Cinderela entendeu corretamente que seu único trabalho real na vida era casar suas filhas. Seu objetivo era a mobilidade ascendente, e sua crueldade estava de acordo com os valores do mercado.\* Ela amava suas filhas como Nixon ama a liberdade dos indochineses, e com quase o mesmo resultado. O amor em uma sociedade dominada por homens é certamente uma coisa muito esplêndida.

A mãe da Rapunzel também não era exatamente uma vencedora. Ela tinha um instinto maternal, tudo bem — ela tinha “há muito desejado uma criança, mas em vão”. Em algum momento de seu desejo, ela desenvolveu um anseio por rapúnzio, um vegetal que crescia no jardim de sua vizinha e colega, a bruxa. Ela persuadiu seu marido a roubar rapúnzio do jardim da bruxa, e a cada dia ela ansiava mais. Quando a bruxa descobriu o roubo, ela fez esta oferta:

...você pode ter tanto rapúnzio quanto quiser, com uma condição — a criança que virá ao mundo deve ser dada a mim. Vai dar certo com a criança, e eu vou cuidar dela como uma mãe.

A mãe não pensou duas vezes — ela trocou Rapunzel por um vegetal. A mãe substituta de Rapunzel, a bruxa, não se saiu muito melhor por ela:

\*Esta representação da mulher como carne num mercado aberto, de deformação e mutilação por causa de um bom casamento, não é ficção; cf. Capítulo 6, "Ginocídio": Pés de Lótus Chinês.

Quando ela tinha doze anos, a velha bruxa a fechou numa torre no meio de um bosque, e não tinha degraus nem porta, apenas uma pequena janela em cima. Quando a bruxa desejava ser deixada entrar, ela ficava em baixo e chorava,  
"Rapunzel, Rapunzel! Solte o seu cabelo!"

O heroico príncipe, tendo terminado com Branca de Neve e Cinderela, caiu agora sobre Rapunzel. Quando a bruxa descobriu a ligação, ela bateu em Rapunzel, cortou seu cabelo e a enclausurou "em um lugar deserto e desolado, onde ela vivia em grande desgraça e miséria". A bruxa então confrontou o príncipe, que caiu da torre e se cegou em espinhos. (Ele se recuperou quando encontrou Rapunzel, e eles viveram felizes para sempre).

João e Maria tinham uma mãe também. Ela simplesmente os abandonou:

Vou dizer-te uma coisa, marido... Levaremos as crianças de manhã cedo para a floresta, onde ela é mais espessa; faremos uma fogueira para elas, e daremos a cada uma delas um pedaço de pão, depois iremos ao nosso trabalho e as deixaremos em paz; elas nunca mais encontrarão o caminho de volta para casa, e nos livraremos delas.

Famintas, perdidas, assustadas, as crianças encontram uma casa de doces que pertence a uma senhora idosa que é gentil com elas, as alimenta, as abriga. Ela os recebe como seus filhos e prova seu compromisso materno preparando-se para canibalizá-los.

Estas mães de conto de fadas são figuras femininas mitológicas. Elas definem para nós a personagem feminina e delimitam as suas possibilidades existenciais. Quando ela é boa, em breve estará morta. Na verdade, quando ela é boa, ela é tão passiva na vida que a morte deve ser apenas mais do mesmo. Aqui descobrimos o princípio cardinal da ontologia sexista — a única mulher boa é uma mulher morta. Quando ela é má, ela vive, ou quando ela vive, ela é má. Ela tem uma função real, a maternidade. Nessa função, por ser ativa, ela é caracterizada por uma malícia avassaladora, ganância devoradora, avareza incontável. Ela é impiedosa, brutal, ambiciosa, um perigo para as crianças e outros seres vivos. Seja ela chamada de mãe, rainha, madrasta ou bruxa má, ela é a bruxa má, o conteúdo de um pesadelo, a fonte do terror.

## O Belo Pedaco de Bem Supremo

O que isso pode fazer? Cresce,  
Sangra. Dorme.  
Anda. Fala,  
A cantar: "O amor me pegou, me pegou."  
Kathleen Norris

Para que uma mulher seja boa, ela deve estar morta, ou o mais perto possível disso. A catatonia é a qualidade mais vencedora da mulher boa.

A Bela Adormecida dormiu durante 100 anos, depois de ter picado o dedo num fuso. O beijo do príncipe heroico acordou-a. Ele apaixonou-se por ela enquanto dormia, ou foi porque ela estava adormecida?

A Branca de Neve já estava morta quando o heroico príncipe se apaixonou por ela. "Rogo-vos," implorou ele aos 7 anões, "que me deem, pois não posso viver sem olhar para a Branca de Neve." Acordada não era facilmente distinguível de adormecida.

Cinderela, Bela Adormecida, Branca de Neve, Rapunzel — todas são caracterizadas pela passividade, beleza, inocência e *vitimização*. Elas são mulheres boas arquetípicas — vítimas por definição. Elas nunca pensam, agem, iniciam, confrontam, resistem, desafiam, sentem, se importam, ou questionam. Às vezes elas são forçadas a fazer tarefas domésticas.

Elas têm um cenário de passagem. Elas são movidas, como se fossem inertes, da casa da mãe para a casa do príncipe. Primeiro são objetos de malícia, depois são objetos de adoração romântica. Elas também não fazem nada que justifique isso.

Aquela outra figura do bem feminino, a boa fada, aparece de vez em quando, distribuindo roupas ou virtudes. Seu poder não pode igualar, apenas ocasionalmente moderado, o poder da bruxa má. Ela tem uma atividade física em que se destaca — ela acena com sua varinha. Ela é linda, boa e sublime. Na maioria das vezes, ela desaparece.

Essas figuras do bem feminino são os modelos heroicos disponíveis para as mulheres. E o fim da história é, ao que parece, o objetivo de qualquer vida feminina. Dormir, possivelmente sonhar?

## O Príncipe, o Verdadeiro Irmão

O homem de carne e osso; o homem que nasce, sofre e morre — acima de tudo, que morre; o homem que come, bebe, brinca, dorme, pensa e quer; o homem que é visto e ouvido; o irmão, o verdadeiro irmão.

Miguel de Unamuno,  
*Tragic Sense of Life*

Ele é bonito e heroico. Ele é um príncipe, isto é, ele é poderoso, nobre e bom. Ele monta um cavalo. Ele viaja por toda parte. Ele tem uma missão, um propósito. Inevitavelmente ele a cumpre. Ele é uma pessoa de valor e uma pessoa que vale a pena. Ele é forte e verdadeiro.

Claro, ele não é real, e os homens sofrem ao tentarem se tornar ele. Eles sofrem, e assassinam, e estupram, e saqueiam. Eles agora usam aviões.

O que importa é que ele é poderoso e bom, que seu poder é, por definição, bom. O que importa é que ele é importante, age, tem sucesso.

Pode-se salientar que, na verdade, ele não é muito inteligente. Por exemplo, ele não consegue distinguir Cinderela das suas duas irmãs apesar de ter dançado com ela e presumivelmente ter conversado com ela. O seu amor recorrente pelos cadáveres também não indica uma inteligência dinâmica. A sua queda da torre sobre os espinhos não sugere que ele esteja sequer fisicamente coordenado, embora, ao contrário dos seus colegas modernos, ele nunca cai do cavalo ou aniquila a aldeia errada.

A verdade é que ele é poderoso e bom quando contrastado com ela. Quanto mais má ela for, melhor ele é. Quanto mais morta ela for, melhor ele será. Essa é uma moral da história, a razão para a definição de papéis duplos, e a realidade mesquinha do homem como herói.

## O Marido, o Verdadeiro Pai

O desejo dos homens de reivindicar seus filhos pode ser o impulso crucial da vida civilizada.

George Gilder, *Sexual Suicide*

Na sua maioria são reis, ou nobres e ricos. Eles são, novamente por definição, poderosos e bons. Eles nunca são responsáveis ou responsabilizados pelo mal feito pelas suas esposas más. Na maioria das vezes, eles não percebem isso.

Não há, claro, nenhuma base racional para considerá-los poderosos ou bons. Pois enquanto governam, ou reinam, ou o que quer que façam, suas esposas estão massacrando e abusando de sua amada progênie. Mas então, em algumas culturas, os pais-que-não-são-de-contos-de-fadas simplesmente tiveram suas filhas mortas ao nascer.

O pai da Cinderela a via todos os dias. Ele a via apanhar lentilhas das cinzas, vestida em trapos, degradada, insultada. Ele era um bom homem.

O pai de João e Maria também tinha um bom coração. Quando sua esposa lhe propôs que abandonassem as crianças na floresta para morrer de fome, ele protestou imediatamente — “Mas eu realmente tenho pena das pobres crianças”. Quando João e Maria finalmente escaparam da bruxa e encontraram o caminho para casa “eles correram para a porta, e caíram no pescoço do pai. O homem não tinha tido uma hora tranquila desde que deixou seus filhos na floresta [João, afinal, era um menino]; mas a esposa

estava morta.” Não entenda mal — eles não o perdoaram, pois não havia nada a perdoar. Toda a maldade se originou com a mulher. Ele era um bom homem.

Embora o pai de conto de fadas se case com a mulher má em primeiro lugar, não tenha nenhuma conexão emocional com sua criança, não interaja de forma significativa com ela, a abandone e, pior ainda, não perceba quando ela está morta e se foi, ele é uma figura do bem masculino. Ele é o patriarca, e como tal está além da lei moral e da decência humana.

Os papéis disponíveis para mulheres e homens são claramente articulados em contos de fadas. Os personagens de cada um deles são descritos vividamente, assim como os modos de relacionamento possíveis entre eles. Vemos que mulheres poderosas são más, e que mulheres boas são inertes. Vemos que os homens são sempre bons, não importa o que façam, ou não façam.

Também temos uma interpretação explícita da família nuclear. Nessa família, o amor de uma mãe é destrutivo, assassino. Nessa família, as filhas são objetos, dispensáveis. A família nuclear, como a encontramos delineada nos contos de fadas, é um paradigma do ser masculino no mundo, do mal feminino e da vitimização feminina. É uma cristalização da cultura sexista — a estrutura nuclear dessa cultura.

## Capítulo 2

# Era uma vez: A Moral da História

Que se lixe isso, os mortos são santos,  
Honre as irmãs dos teus amigos.

Pedaços de bunda, um pedaço de ação,  
Pedaços.  
A mais solitária das manhãs.  
Alguma coisa se move no espelho.  
Um truque de escravo, sobrevivência.  
Eu lembro-me de pensar, a nossa última vez:  
Se você me matasse, eu morreria.

Kathleen Norris

Eu não posso viver sem minha vida.

Emily Bronte

As lições são simples, e nós as aprendemos bem.

Homens e mulheres são diferentes, opostos absolutos.

O príncipe heroico nunca pode ser confundido com a Cinderela, ou a Branca de Neve, ou a Bela Adormecida. Ela nunca poderia fazer o que ele faz, quanto mais fazer melhor.

Homens e mulheres são diferentes, opostos absolutos.

O bom pai nunca pode ser confundido com a mãe má. As suas qualidades são diferentes, polares.

Onde ele está ereto, ela está supina. Onde ele está acordado, ela está adormecida. Onde ele está ativo, ela está passiva. Onde ela está ereta, ou acordada, ou ativa, ela é má e deve ser destruída.

É, pelo menos estruturalmente, assim tão simples.



Ela é desejável em sua beleza, passividade e vitimização. Ela é desejável porque ela é bela, passiva e vitimizada.

Sua outra personalidade, a mãe malvada, é repulsiva em sua crueldade. Ela é repulsiva e deve ser destruída. Ela é a protagonista feminina, a fonte não masculina de poder que deve ser derrotada, obliterada, antes que o poder masculino possa florescer plenamente. Ela é repulsiva porque ela é má. Ela é má porque ela age.

Ela, a personagem má, é uma canibal. O canibalismo é repulsivo. Ela é devoradora e mágica. Ela é devoradora e o macho não deve ser devorado.

Há duas definições de mulher. Há a mulher boa. Ela é uma vítima. Há a mulher má. Ela deve ser destruída. A mulher boa deve ser possuída. A mulher má tem de ser morta, ou punida. Ambas têm de ser anuladas.

A mulher má deve ser punida, e se ela for punida o suficiente, ela se tornará boa. Ser castigada o suficiente é ser destruída. Aí está a mulher boa. Ela é a vítima. A postura de vitimização, a passividade da vítima exige abuso.

As mulheres esforçam-se pela passividade, porque as mulheres querem ser boas. O abuso evocado por essa passividade convence as mulheres de que elas são más. As más precisam ser punidas, destruídas, para que possam se tornar boas.

Mesmo uma mulher que se esforça conscienciosamente pela passividade às vezes faz algo. Que ela simplesmente aja provoca abuso. O abuso provocado por essa atividade convence-a de que ela é má. As más precisam ser punidas, destruídas, para que possam se tornar boas.

A moral da história deveria, pensa-se, impedir um final feliz. Não impede. A moral da história é o final feliz. Ela nos diz que a felicidade de uma mulher é ser passiva, vitimizada, destruída ou adormecida. Ela nos diz que a felicidade é para a mulher que é boa — inerte, passiva, vitimizada — e que uma mulher boa é uma mulher feliz. Diz-nos que o final feliz é quando terminamos, quando vivemos sem a nossa vida ou não vivemos de todo.

# PARTE DOIS

## A PORNOGRAFIA

Entre os meus irmãos existem muitos que sonham com o prazer molhado das oitocentas dores e humilhações, mas eu sou o outro tipo: Eu sou um escravo que sonha em escapar, eu só sonho em escapar, em ascender, em mil maneiras possíveis de fazer um buraco na parede, de derreter as barras, escapar, escapar, de queimar toda a prisão se necessário.

Julian Beck, *The Life of the Theatre*

As prateleiras das livrarias estão lotadas de pornografia. É um básico do mercado, e onde é ilegal ainda assim floresce e os preços sobem. De *The Beautiful Flagellants of New York* a *Twelve Inches around the World*, entregas barateadas ou muito caras de *fucking, sucking, whipping, footlicking, gangbang<sup>8</sup>*, etc., em todas as suas variedades múltiplas estão disponíveis — seja no supermercado ou no mercado ilegal. A maior parte da pornografia literária é facilmente descritível: repetitiva ao ponto de induzir catatonia, mal concebida, simplória, brutal e muito feia. Por que, então, gastamos nosso dinheiro com isso? Então por que isso é eroticamente estimulante para massas de homens e mulheres?

A pornografia literária é o cenário cultural de homens e mulheres. É o cenário coletivo de mestre/escravo. Isso contém a verdade cultural: homens e mulheres, agora crescidos pra fora da paisagem de contos de fadas, adentram os castelos do desejo erótico; a mulher, sua carnalidade adulta e explícita, seu papel como vítima adulta e explícita, sua culpa adulta e explícita, seu castigo vivo em sua carne, sua aniquilação final - morte ou completa submissão.

A pornografia, assim como o conto de fadas, nos diz quem somos. É a estrutura da mente masculina e feminina, o conteúdo da nossa identidade erótica compartilhada, o mapa de cada centímetro e quilômetro de nossa opressão e desespero. Aqui vamos além do terror infantil. Aqui o medo é pegajoso e real, e com razão. Aqui somos

---

<sup>8</sup> Aqui optamos por não traduzir os termos em itálico pois se trata de categorias dentro da indústria pornográfica. A tradução literal seria algo como “foder, chupar, chicotear, lambe pés, sexo grupal”, respectivamente. [N.T.]

obrigados a fazer perguntas reais: por que somos definidos dessa maneira e como podemos suportar isso?

## Capítulo 3

### A mulher como vítima: História de O.

A *História de O*, de Pauline Reage, incorpora, juntamente com toda a pornografia literária, princípios e personagens já isolados na minha discussão sobre os contos de fadas infantis. A mulher como figura da inocência e do mal entra no mundo adulto — o mundo brutal da genitália. A mulher se manifesta em sua forma adulta — buceta. Ela emerge sendo definida pelo buraco entre suas pernas. Além disso, a *História de O* é mais do que simples pornografia. Essa história afirma definir epistemologicamente o que é uma mulher, o que ela precisa, quais seus processos de pensar e sentir, seu lugar apropriado. Isso liga homens e mulheres numa dança erótica de certa magnitude: a tez sadomasoquista de *O* não é trivial - é formulada como um princípio cósmico que articula absolutamente o feminino.

Além disso, *O* é particularmente interessante para mim porque uma vez eu acreditei que era o que seus defensores afirmam — a revelação mística do verdadeiro, eterno e sacral destino das mulheres. O livro foi absorvido como um cristianismo pulsante, erótico e secular (o prazer do sofrimento puro, a mulher como figura de Cristo). Eu experimentei *O* com a mesma negligência infantil que o revisor da *Newsweek* que escreveu: “O que eleva esse livro fascinante acima de mera perversidade é o seu movimento em direção à transcendência do eu através de um presente para o eu... dar o corpo, permitir que seja devastado, explorado e totalmente possuído pode ser um ato de consequência, se for feito com amor e por amor.”<sup>9</sup> Qualquer avaliação clara de *O* mostrará a situação, a condição de *O*, seu comportamento e, mais importante, sua atitude em relação ao seu opressor como um cenário lógico que incorpora valores de serviço e auto sacrifício judaico-cristãos e noções universais de feminilidade, um cenário lógico que demonstra a psicologia da submissão e do ódio próprio encontrado em todos os povos oprimidos. *O* é um livro de surpreendente significado político.

Esta é, então, a história de *O*. *O* é levada por seu amante Rene para Roissy e enclausurada lá; ela é fodida, chupada, estuprada, açoitada, humilhada e torturada regular e continuamente - ela é programada para ser uma escrava erótica, prostituta pessoal de Rene; depois de ser devidamente treinada, ela é enviada para casa com seu amante; seu amante a entrega para o Sir Stephen, seu meio-irmão; ela é fodida, chupada, estuprada, açoitada, humilhada e torturada regular e continuamente; ela é forçada a se tornar amante de Jacqueline e recrutá-la para Roissy, o que ela faz; ela é enviada para

---

<sup>9</sup> *Newsweek*, 21 de março, 1966, p. 108, não assinado.

Anne-Marie para ser marcada com a marca de Sir Stephen e ter anéis com as insígnias dele inseridos em sua buceta; ela serve como modelo erótica para a irmã mais nova de Jacqueline, Natalie, que é apaixonada por ela; ela é levada para uma festa mascarada como uma coruja, conduzida numa coleira por Natalie, e lá ela é saqueada, espancada, estuprada, estuprada coletivamente; percebendo que não há mais nada para Sir Stephen fazer com ela ou para ela, temendo que ele a abandone, ela pede a permissão dele para se matar e recebe sua permissão. Q. E. D. (*Quod Erat Demonstrandum*: "Como se queria demonstrar"), pornografia nunca é grande na trama.

Obviamente, como na maioria dos resumos, o exposto acima é um tanto superficial. Eu não mencionei a quantidade de paus que *O* chupa, ou os ataques anais que ela sustenta, ou os vários estupros e torturas cometidos contra ela por personagens secundários do livro ou a variedade de chicotes usados, sequer descrevi suas roupas ou os diferentes tipos de vermelhidão de seus mamilos, ou as muitas maneiras pelas quais ela é acorrentada, ou as formas e cores dos vergões em seu corpo.

Do curso da história de *O* emerge uma clara figura mitológica: ela é mulher e, nomeá-la de *O*, zero, vazio, diz tudo. Seu estado ideal é de completa passividade, insignificância, uma submissão tão absoluta que ela transcende a forma humana (ao se tornar uma coruja). Somente o buraco entre suas pernas resta para defini-la, e o símbolo desse buraco certamente deve ser *O*. No entanto, mesmo nos ambientes rarefeitos da pornografia, muito se interfere necessariamente na obtenção de passividade total. Dado um corpo que ocupa espaço, tem necessidades, faz exigências, está conectado, mesmo que simbolicamente, a uma história que é uma sequência de gostos, desgostos, habilidades, opiniões, é formado, moldado — existe, pelo menos, como espaço positivo. E já que, além disso, como mulher, é alguém que nasceu culpado e carnal, personificando os pecados de Eva e Pandora, a maldade de Jezebel e Lucretia Borgia, a transcendência de espécies de *O* é verdadeiramente fenomenal.

A tese de *O* é simples. A mulher é uma buceta, lasciva, devassa. Ela deve ser punida, domada, degradada. Ela dá o presente dela mesma, seu corpo, seu bem-estar, sua vida, para seu amante. É assim que deve ser — natural e bom. Isso termina necessariamente em sua aniquilação, que também é natural e boa, assim como bonita, porque ela cumpre seu destino:

Enquanto eu for espancada e arrebatada em seu nome, nada sou senão o pensamento em você, o desejo por você, a obsessão por você. Isso, eu acredito, é o que você quer. Bem, eu amo você, e isso é o que eu quero também.<sup>10</sup>

Então deixe-o levá-la, se apenas para machucá-la! *O* odiava a si mesma por seu próprio desejo, e odiava Sir Stephen pelo autocontrole que ele estava demonstrando. Ela queria que ele a amasse, assim, a verdade foi

---

<sup>10</sup> Pauline Reage, *Story of O* (New York: Grove Press, 1965), p. xxi.

revelada: ela queria que ele estivesse se friccionando com o desejo de tocar seus lábios e penetrar seu corpo, devastá-la se necessário...<sup>11</sup>

...No entanto, ele tinha certeza de que ela era culpada e, sem querer, Rene a punia por um pecado que ele não conhecia (uma vez que permanecia completamente interno), embora Sir Stephen tivesse detectado imediatamente: sua devassidão.<sup>12</sup>

...nenhum prazer, nenhuma alegria, nenhuma invenção de sua imaginação jamais poderia competir com a felicidade que ela sentia pelo jeito que ele a usava com tanta liberdade, com a noção de que ele poderia fazer qualquer coisa com ela, de que não havia limites, nenhuma restrição na maneira pela qual, em seu corpo, ele poderia procurar por prazer.<sup>13</sup>

*O* é totalmente possuída. Isso significa que ela é um objeto, sem controle sobre sua própria mobilidade, incapaz de qualquer afirmação de personalidade. Seu corpo é um corpo, da mesma maneira que um lápis é um lápis, um balde é um balde, ou, como Gertrude Stein enfaticamente disse, uma rosa é uma rosa. Isso também significa que a energia de *O*, ou poder, enquanto mulher, é absorvida. A posse aqui denota uma transferência biológica de poder que traz com ela uma força espiritual proporcional ao possuidor. *O* faz mais do que oferecer a si mesma; ela mesma é a oferta. Oferecer a si seria o prosaico auto sacrifício cristão, mas como oferta ela se torna o veículo do milagre — ela incorpora o divino.

Aqui o sacrifício tem seu significado antigo e primordial: aquilo que foi dado no início se torna um presente. Os primeiros frutos da colheita foram dedicados e consumidos pelo espírito de vegetação que os forneceu. A destruição da vítima em sacrifícios humanos ou animais ou o consumo da oferta foi a própria definição do sacrifício — a morte era necessária porque a vítima foi ou representou a substância que dá vida, a fonte de energia vital, que precisava ser liberada, que somente a morte poderia liberar. Uma morte real, o sacrifício pálido, não apenas liberou energia benevolente como também garantiu uma propagação e aumento de energia vital (expressa concretamente como fertilidade) por uma espécie de ecologia mágica, uma reciclagem de energia básica ou matéria prima de poder. A vitimização de *O* é a confirmação de seu poder, um poder que é transcendental e que tem como essência os processos sagrados da vida, morte e regeneração.

Mas o significado completo de posse, mística e mitologicamente, ainda não está claro. Na experiência mística, a comunhão (às vezes chamadas erroneamente de possessão), significou a dissolução do ego, a entrada em êxtase, união e iluminação da divindade. A experiência de comunhão tem sido a província do místico, profeta ou visionário, aqueles que foram capazes de alquimizar sua energia em espírito puro e esse espírito num estado de graça. Posse, certamente definida, é a perversão da experiência mística; é por sua própria natureza demoníaca, porque seu objetivo é poder, seus meios

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 80.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 187.

são a violência e a opressão. Derrama o sangue de sua vítima e, ao fazê-lo, se distancia da união que dá vida. O amante de *O* pensa que ela se entrega livremente, mas se ela não o fizesse, ele a tomaria de qualquer maneira. O relacionamento deles é a encarnação da possessão demoníaca:

Assim ele a possuiria como um deus possui sua criatura, a quem ele esconde sob o disfarce de um monstro ou um pássaro, de um espírito invisível ou de um estado de êxtase. Ele não queria deixá-la. Quanto mais ela estivesse rendida a ele, mais ele a considerava querida. O fato de que ele deu ela era para ele uma prova, e deveria ser para ela também, que ela lhe pertencia: só se pode dar o que te pertence. Ele a deu apenas para recuperá-la imediatamente, para recuperá-la enriquecida aos seus olhos, como um objeto comum que havia sido usado para algum propósito divino e, portanto, foi consagrado. Por um longo tempo, ele desejou prostituí-la, e ficou encantado ao sentir que o prazer que estava tendo era ainda maior do que ele esperava, e que isso o vinculava a ela ainda mais porque, através disso, ela seria mais humilhada e arrebatada. Desde que o amava, ela não podia deixar de amar qualquer coisa vinda dele.<sup>14</sup>

Um corolário preciso de posse é a prostituição. A prostituta, a mulher enquanto objeto, é definida pelo uso ao qual o possuidor a coloca. A subjugação dela é o signo do seu poder. Prostituição significa para a mulher a aniquilação carnal da vontade e da escolha, mas para o homem significa mais uma vez um aumento de poder, puro e simples. Chamar o poder do possuidor, que ele demonstra fazendo-se de superpoderoso, divino, ou confundindo-o com o êxtase ou a comunhão, é equivocar-se grosseiramente. "Todas as bocas que lhe haviam sondado a boca, todas as mãos que lhe haviam agarrado os seios e a barriga, todos os membros que haviam sido empurrados para dentro dela haviam fornecido tão perfeitamente a prova viva de que ela era digna de ser prostituída e a haviam, por assim dizer, santificado."<sup>15</sup> Claro, não é *O* que é santificada, mas Rene, ou Sir Stephen, ou os outros, através dela.

A prostituição de *O* é uma caricatura viciosa da prostituição religiosa do velho mundo. A antiga prostituição sacra dos hebreus, gregos, indianos, entre outros, era a expressão ritualística de respeito e veneração pelos poderes de fertilidade e geração. As sacerdotisas/prostitutas do templo eram personificações literais de energia vital da deusa da terra, e transferiam essa energia para aqueles que participavam dos seus ritos. Os princípios cósmicos, articulados como divino masculino e divino feminino, foram ritualmente unidos no templo porque claramente só através de sua união contínua e repetida poderiam a fertilidade da terra e o bem-estar de um povo ser assegurados. A prostituição sagrada foi "nada menos do que um ato de comunhão com deus (ou divindade) e era tão remota da sensualidade como o ato cristão de comunhão é remoto da gula." *O* e todas as mulheres de Roissy distinguem-se pela sua esterilidade e não suportam qualquer semelhança com qualquer deusa conhecida. Não é feita referência à concepção ou à menstruação, e a procriação nunca é uma consequência de foder. A fertilidade de *O* a rendeu. Não há nada de sagrado em sua prostituição.

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 106.

A degradação de *O* é causada pela necessidade masculina e pelo medo da iniciação à masculinidade. Os ritos de iniciação geralmente incluem um período de solidão absoluta, isolamento, seguido de testes de coragem física, resistência mental, muitas vezes através de tortura e mutilação física, resultando em uma cicatriz ou tatuagem permanente que marca a iniciação bem sucedida. O processo de iniciação é projetado para revelar os valores, ritos e regras da masculinidade e confere ao iniciado as responsabilidades e privilégios da masculinidade. O que ocorre em Roissy é uma clara perversão da verdadeira iniciação. Rene e os outros mutilam o corpo de *O*, mas eles mesmos são intocáveis. O corpo dela substitui seus corpos. *O* é marcada com as cicatrizes que eles devem suportar. Ela sofre a provação deles por eles, suporta a solidão e o isolamento, a tortura, a mutilação. Na tentativa de se tornarem deuses, eles contornaram os rigores necessários para se tornarem homens. O fato de que as torturas devem ser repetidas infinitamente, não apenas em *O*, mas em grande número de mulheres que são forçadas e persuadidas, demonstra que os homens de Roissy nunca se tornam de fato homens, nunca são iniciados, nunca alcançam a segurança da masculinidade realizada.

O que seria o sinal do iniciado, a marca final ou cicatriz, manifesta-se no caso de *O* como uma expressão última de sadismo. Os anéis na buceta de *O* com o nome de Sir Stephen e sua heráldica, e a marca em sua bunda, são alianças de casamento permanentes colocadas corretamente. Elas a marcam como um objeto próprio e não simbolizam de forma alguma a passagem para a maturidade e a liberdade. O mesmo pode ser dito sobre a aliança de casamento convencional.

*O*, em seu interminável papel de substituta de tudo, também é o elo sexual direto entre Sir Stephen e Rene. Que os dois homens se amam e se fodem um ao outro através de *O* é deixado claro pelo fato de que Sir Stephen usa analmente *O* boa parte do tempo. As consequências de direcionar mal a energia sexual são de fato incríveis.

Mas o que é mais extraordinário na *História de O* é o estilo literário espantoso de Pauline Reage, sua autora. *O* é irresponsável, mas pura, Sir Stephen é cruel, mas gentil, Rene é brutal, mas gentil, uma parede é preta, mas branca. Tudo é o que é, o que não é, e o seu oposto direto. Essa técnica, que é tão habilmente executada, pode ajudar a explicar a irracionalidade convincente da *História de O*. Para aquelas mulheres que estão convencidas mas duvidosas, atraídas mas repelidas, há este esquema para autoproteção: os pensamentos ambíguos que a autora se envolve são muito fáceis de lidar se percebemos que apenas precisamos duplicar sem pensar nisso.

Resumindo, a *História de O* é uma história de canibalismo psíquico, de possessão demoníaca, uma história que coloca homens e mulheres em pólos opostos do universo — a sobrevivência de um dependente da destruição absoluta do outro. Pergunta, como em muitas histórias, quem é o mais poderoso e responde: os homens estão, literalmente, em cima de cadáveres femininos.

## Capítulo 4

### A mulher como vítima: A Imagem

*A Imagem*, de Jean de Berg, é uma história de amor, uma história de amor cristã e também uma história sobre o amor cristão. Nenhum livro torna mais clara a experiência cristã da mulher após a queda, como a conhecemos, a infeliz descendente de Eva. *A Imagem*, tal como o catecismo, é um manual do cristianismo em ação. Além disso, *A Imagem* é quase uma dissecação clínica da representação de papéis e sua relação sexual, da dualidade como a base estrutural da violência masculina-feminina.

Seria um exagero de alguma substância chamar de trama o seguinte resumo, mas o que acontece em *A Imagem* é isto: Jean de Berg, o eu-lírico narrador de *A Imagem*, encontra Claire, que havia conhecido casualmente há muitos anos numa festa; sempre se interessou por ela, mas a sua frieza, distanciamento e perfeita beleza fizeram-lhe faltar a vulnerabilidade necessária que a teria tornado, na tradição de *veni, vidi, vici*, uma conquista desejável; Claire apresenta-o à Anne, Jovem Inocente Vestida de Branco, que, afinal, é a escrava de Claire; vão a um bar onde Anne é oferecida a Jean de Berg; vão a um roseiral onde Anne enfia uma rosa pelos seus espinhos em sua buceta; vão a um restaurante onde Claire envergonha Anne, um acontecimento muitas vezes repetido (Claire envergonha Anne mandando-a levantar a saia, ou abaixar a blusa, ou enfiando o dedo na buceta de Anne); Claire mostra fotografias para Jean de Berg na tradição artística sadomasoquista para as quais Anne modelou, exceto pela última fotografia, que é claramente uma foto da própria Claire; Claire chicoteia Anne; Anne chupa o pau de Jean de Berg; Jean de Berg leva Anne para comprar lingerie e humilha Anne e envergonha a vendedora, exibindo as cicatrizes de chicote de Anne que são frescas; Anne recebe um banho de Claire na presença de Jean de Berg, no qual é quase afogada (eroticamente); ocorre a Jean de Berg que ele gostaria de foder Claire — o que faz com que Claire aumente a maldade dos seus ataques a Anne; Anne é torturada na câmara gótica e depois devastada analmente por Jean de Berg; Jean de Berg vai para casa, tem um sonho com Claire, é despertado por uma batida na porta, e eis que ela se aproxima! Claire reconheceu o seu verdadeiro papel na vida ("Eu vim, ela disse calmamente")<sup>16</sup> — de ser escrava de Jean de Berg. Ele bate nela, e ela vive feliz para sempre.

---

<sup>16</sup> Jean de Berg, *The Image* (New York: Grove Press, 1966), p. 137.



Claro, a descrição acima é novamente um pouco esquemática. Eu não mencionei que Anne foi forçada a mijar em público no jardim das rosas, ou como ela foi desagradável para Jean de Berg em uma livraria (um ponto crucial — desde então ela teve que ser punida), ou como ela própria foi buscar os chicotes, ou como ela foi feita para servir Claire e Jean de Berg alaranjada antes de lhe enfiarem agulhas em chamas nos peitos.

As caracterizações têm ainda menos profundidade e complexidade, para não falar de sutileza e sensibilidade, do que a trama. Claire é fria e distante. Jean de Berg descreve-a:

Claire era muito bonita, como eu disse, provavelmente até mais bonita do que sua amiga de vestido branco. Mas ao contrário desta, ela nunca tinha despertado em mim nenhuma emoção real. Isso me surpreendeu no início, mas depois eu disse a mim mesmo que era sua beleza impecável, precisamente, sua própria perfeição que tornava impossível pensar nela como uma potencial "conquista". Provavelmente eu precisava sentir que alguma coisinha nela, pelo menos, era vulnerável, a fim de despertar em mim qualquer desejo de conquistá-la.<sup>17</sup>

Ele escreve mais tarde: "Suas características clássicas, sua beleza fria, seu afastamento me fizeram pensar em alguma deusa no exílio"<sup>18</sup>. Aqui a caracterização feminina é explícita: vulnerabilidade como a principal qualidade do humano; frieza como a principal qualidade da deusa. Como na maioria das ficções, a caracterização feminina é sinônimo de uma avaliação da beleza da figura, seu tipo e, o mais importante, seu efeito sobre as figuras masculinas do livro.

Anne, que é, de acordo com Pauline Reage, a outra metade de Claire, é doce, modesta, vulnerável, jovem, recatada ("Anne, por sua vez, tinha retomado o modesto comportamento de um objeto de luxúria"<sup>19</sup>), e irresponsável. Claire diz que Anne queima a cada nova humilhação, até mesmo ao pensamento de ser chicoteada. Anne parece ser a Beth de *Little Women*, mas é, de fato, uma cadela no cio, sua buceta sempre molhada — assim como o resto de nós, somos destinadas a concluir. (Beth, lembre-se, morreu jovem de bondade).

Jean de Berg, representando o sexo masculino, é — você não sabe? — inteligente, seguro de si, silenciosamente magistral e autocontido quando não está no ato de aventurar-se, poderosa e esmagadoramente viril quando está no ato de devastar. Não se tem ideia da sua fisicalidade, a não ser imaginar que ele está cinzento nos templos.

As relações entre os três personagens são estruturadas de forma simples e um pouco repetitiva: Claire, mestre — Anne, escrava; Jean de Berg, mestre — Anne, escrava; o que se resolve no final feliz — Jean de Berg, mestre — Claire, escrava. O motivo mestre-

---

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>19</sup> *Ibid.*

escravo é o conteúdo, a estrutura e a moral da história. O papel de mestre é sempre um papel masculino, o papel de escrava é sempre um papel feminino. A moral da história é que Claire, em virtude do seu gênero, só pode encontrar felicidade no papel de mulher/escrava.

Aqui nos contam o que a sociedade gostaria que soubéssemos sobre relações lésbicas: é necessário um homem para a conclusão, consumação. Claire é má-mestra por conta do seu sexo literal, da sua genitália. Jean de Berg é o seu pau de aluguel que mais tarde se torna instrumento de sua própria degradação. *A Imagem* ilustra mulheres como verdadeiros eunucos femininos, mutiladas na primeira instância, como Freud sugeriu, pela sua falta de pênis, incapaz de alcançar a união sexual inteira, orgânica, satisfatória sem a intrusão e participação de uma figura masculina. Essa figura não pode atuar apenas no papel masculino — essa figura deve possuir pau e bolas biológicos. Claire e Anne como fêmeas biológicas encenam uma comédia, grotesca em sua caricatura de palhaçada: Claire como mestre, uma aberração em virtude do papel que ela quer desempenhar, um papel concebido para se adaptar às necessidades e capacidades de um homem; Claire como mestre, tão cômica como Chaplin a fazer o rei da França, ou Laurel e Hardy caindo um sobre os pés do outro em outra tentativa vã de garantir riqueza e sucesso. No fim, *A Imagem* nos força a concluir, o que pode Claire enfiar na vagina de Anne senão os seus dedos — dificilmente instrumentos de arrebatamento e êxtase. A biologia, dizem-nos, é a explicação. A biologia, dizem-nos, é o destino. A mensagem é estranhamente familiar.

Pauline Reage, a maior promotora de *A Imagem* como uma peça de veracidade metafísica, vê a função, ou a própria existência, do homem-mestre como a glorificação da mulher-escrava. A sua tese é que ser escrava é ter poder:

...o escravo todo poderoso, arrastando-se pelo chão aos calcanhares do seu mestre, é agora realmente deus. O homem é apenas o seu sacerdote, vivendo com medo e tremendo de seu desagrado. Sua única função é realizar as várias cerimônias que se centram em torno do objeto sagrado.<sup>20</sup>

Com a lógica nativa à nossa cultura dualista, escravo está aqui transmutado na fonte do poder. Qual o preço do poder, pergunta-se em desespero. *Esta é a verdadeira fonte da noção masculina de poder feminino — já que ela está no centro da obsessão dele, ela é poderosa*; não importa a forma que seu poder tome, ela "se arrasta pelo chão aos calcanhares de seu mestre".

O homem, instrui-nos Reage, tem *a ilusão do poder* porque ele empunha o chicote. Essa ilusão marca para Reage a distância entre o conhecimento carnal e o que é, mais profundamente, verdadeiro:

Sim, os homens são tolos ao esperar que os veneremos quando, no final, eles não chegam a quase nada. A mulher, como o próprio homem, só pode louvar no santuário daquele corpo abusado, agora amado e agora

---

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 10.

injurado, sujeito a toda humilhação, mas que é, afinal de contas, seu. O homem, neste caso particular, permanece inteiro: é o verdadeiro adorador, aspirando em vão a ser um com o seu deus.

A mulher, pelo contrário, embora igualmente verdadeira adoradora e possuidora desse mesmo olhar ansioso (por si mesma), é também o objeto divino, violado, infinitamente sacrificado, mas sempre renascido, cuja única alegria, conseguida através de uma sutil interação de imagens, reside na contemplação de si mesma.<sup>21</sup>

Tendo observado, no último capítulo, a extraordinária facilidade de Reage com o pensamento ambíguo, que ela exerce aqui com a sua habitual habilidade, devo abrir uma exceção para suas conclusões. É surpreendente que o culto do objeto divino, a mulher como vítima e executor, deve envolver qualquer mediação externa, especialmente vinda de um padre homem. Certamente, se a mulher está tão disposta a ser o doador e a oferta, se como “objeto divino, violado, infinitamente sacrificado, mas sempre renascido”, a sua “única alegria... reside na contemplação de si mesma”, um homem é estranho.

Certamente, com tais dotes divinos e satisfações correspondentes, ela não precisa ser persuadida ou seduzida a se chicotear ou a se mutilar (“E no entanto são geralmente os homens que introduzem as suas amantes às alegrias de serem acorrentadas e chicoteadas, torturadas e humilhadas...”<sup>22</sup>), ou a iniciar outras mulheres, que servem de substitutas ou de espelho ou de outra metade. Os homens insistem frequentemente que as mulheres são egoístas, e de fato, Claire é a sacerdotisa de Anne. Ambas executam os seus papéis de forma eficaz. Nenhuma figura masculina é exigida mitologicamente, a menos que Jean de Berg fizesse o papel de sacerdote eunuco, esse tradicional ajudante da sacerdotisa, uma honra que, sem dúvida, não lhe era destinada aqui.

Em contrapartida, apenas homens foram autorizados a servir deuses masculinos; eunucos e mulheres, aqui sinônimos, foram estritamente excluídos desses ritos sagrados. A conclusão adequada é, portanto, que o homem, e não a mulher, é o objeto divino em *A Imagem*: ele é o sacerdote; ele serve um deus masculino em cuja imagem ele foi criado; ele serve a ele próprio. Se assim não fosse, a mulher, como a adorada, serviria a si própria, em vez de servir-se como peru ou pato, guarnecida, recheada, faca afiada pronta para o ritual de talhar. Que um homem se torne o mestre dos mestres significa, apesar das afirmações contrárias de Reage, que as mulheres devem servir os homens, que as mulheres são propriamente escravas e os homens propriamente senhores, que os homens têm o único poder significativo (na nossa cultura — esse poder aliado e definido pela força e pela violência), que os homens criados à imagem do Todo-Poderoso são todo poderosos. Neste caso, o pensamento único aproxima-nos mais da verdade do que o pensamento duplo.

*A Imagem* está impregnada de simbolismo cristão. Uma das sequências mais memoráveis do livro acontece num jardim de rosas escolhido por Claire como palco

---

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 9.

adequado para a humilhação de Anne. Nesse jardim de rosas, Claire dirige a atenção de Jean de Berg para um tipo específico de rosa, especial pela sua perfeita beleza. Claire ordena a Anne que entre no canteiro e acaricie a rosa, que Anne manaja como se fosse uma buceta úmida e pronta. Claire ordena Anne que apanhe a rosa e leve até ela, o que Anne faz, embora não antes de protestar fracamente que existe uma proibição de apanhar as flores e que ela tem medo dos espinhos. A hesitação da Anne exige castigo. Ela recebe ordens para levantar o vestido enquanto Claire dá os primeiros golpes na buceta de Anne com a rosa, em seguida, espeta-lhe o espinho na coxa e as lágrimas caem muito deliberadamente. Claire beija as mãos de Anne como uma gota de sangue poética. Claire empurra então o caule da rosa para a cinta-liga de Anne. O espinho é preso na renda e a flor é presa, um adorno carregado de significado simbólico. Até Jean de Berg acha a atuação um pouco exagerada:

Respondi que foi de fato um grande sucesso, embora talvez bastante sobrecarregado de símbolos das tradições românticas e surrealistas.<sup>23</sup>

A rosa como símbolo tem origens ocultistas poderosas. Eliphas Levi diz o seguinte:

Era a carne em rebelião contra a opressão do espírito; era a Natureza testemunhando que, assim como a graça, era filha de Deus; era o amor recusando-se a ser abafado pelo celibato; era a vida em revolta contra a esterilidade; era a humanidade aspirando à religião natural, plena de razão e amor, fundada nas revelações da harmonia do ser, da qual a rosa, para os iniciados, era o símbolo floral vivo.<sup>24</sup>

A rosa tornou-se para os místicos cristãos “uma rosa de luz no centro da qual uma figura humana estende os seus braços em forma de cruz”.<sup>25</sup> No entanto, a Igreja oficial, na sua luta sem fim contra a carnalidade e a natureza, colocou a rosa como um símbolo de ambos em oposição ao lírio, que representava a pureza da mente e do corpo. *A Imagem* toma uma posição ao lado do cristianismo oficial, usando a rosa como instrumento sangrento de dor.

As fotografias que Claire mostra a Jean de Berg também transbordam importância simbólica. As fotografias são uma série de poses sadomasoquistas convencionais. Traçam a tortura e a mutilação de uma vítima, neste caso Anne, e culminam naquilo que é aparentemente o esfaqueamento brutal, a morte real da vítima. Juntos revelam a preocupação de uma mulher com o seu próprio corpo, um narcisismo que se concretiza na última fotografia, que é da própria Claire, sem rosto, acariciando sua própria buceta. Este narcisismo é uma falha que define a mulher, e para a expiar uma mulher deve, na gloriosa tradição de O, consentir e participar da sua própria aniquilação.

---

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>24</sup> Eliphas Levi, *The History of Magic* (London: Rider and Company, 1969), p. 263.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 265.

Tal é o cenário que lhe permite uma salvação cristã, que a redime do pecado de Eva e do pecado subsequente do seu amor próprio. As fotografias não são mais do que “imagens religiosas, passos no caminho de um novo caminho para a cruz”.<sup>26</sup> O caminho, porém, é um caminho antigo, bem percorrido, e se a cruz é difícil de alcançar através deste caminho particular é apenas porque os corpos dos mártires, além de Anne e Claire, estão empilhados profundamente.

É demasiado óbvio que a mulher torturada e mutilada que aparece primeiro como Anne, depois como a vítima mais impessoal das fotografias e, finalmente, num sonho de Jean de Berg como um cadáver “trespassado por muitas facadas triangulares nas zonas mais propícias”<sup>27</sup> é o Cristo secular de buceta e peito, o descendente da Eva caída, cobiçosa e carnal, a vítima que, ao contrário de Jesus, sofre pelos seus próprios pecados, o criminoso cujo castigo dificilmente se iguala ao horror do seu crime. Esse crime é, evidentemente, um crime biológico feminino. Jesus morreu por nós uma vez, a crucificação que ele sofreu foi suficiente, dizem-nos, para sempre. Anne, Claire, O, todas serão forçadas a se esticar na cruz até que a morte as liberte, e depois novamente. Nenhuma crueldade será jamais uma expiação adequada pelo seu crime e, por conseguinte, libertará o resto de nós.

O cristianismo tem uma outra imagem de mulher, Maria, a Madonna, a Virgem Mãe. Jean de Berg sonha com Claire enquanto Madonna pouco antes de bater nela e a foder. Certamente isso demonstra o significado psíquico, numa cultura sexista, da figura da Madonna. Assim como Anne na cruz foi uma profanação da natureza sagrada das mulheres, assim é o conceito, a Mentira, de uma mãe virgem, separada de sua buceta, separada da natureza, inocente em virtude do abandono da sua verdadeira e muito honrada sexualidade.

O culto à virgindade deve ser colocado como uma verdadeira perversão sexual, mais cruel e mais insidiosa do que os modelos sexuais condenados pela cultura como perversos. A institucionalização cristã desse culto, do seu cultivo e refinamento, abortou mulheres no desenvolvimento e expressão da sexualidade natural, dando credibilidade a essa outra: a mulher como prostituta. O dualismo do bem e do mal, virgem e prostituta, lírio e rosa, espírito e natureza é inerente ao cristianismo e encontra a sua expressão lógica nos rituais de sadomasoquismo. A ênfase cristã na dor e sofrimento como caminho para a transcendência e salvação é a própria carne da pornografia mais sadomasoquista, tal como a definição cristã da mulher é a sua justificação. Lenny Bruce expressou-o muito simplesmente quando disse isto:

Compreendo isso intelectualmente - que uma mulher que dorme com um cara diferente todas as semanas é uma melhor cristã que a virgem. Porque ela tem a capacidade de beijar e abraçar cinquenta homens por ano. E é isso que esse ato é - beijar e abraçar. Não se pode fazer isso a ninguém com quem se está zangado. Se estás apenas um pouco chateada com eles, não consegue.

---

<sup>26</sup> Jean de Berg, *op. cit.*, p. 11.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 135.

Então aquela garota que tem tanto amor por todos os seus semelhantes que consegue chegar a cinquenta pessoas por ano - isso é intelectualmente; mas emocionalmente, eu não quero ser o quinquagésimo primeiro cara. Porque eu aprendi a minha lição cedo. As pessoas disseram-me: "É assim mesmo, a Virgem é Boa, a Virgem é Boa". Sim, isso é muito estranho.<sup>28</sup>

Como a figura masculina de Cristo mais óbvia do nosso tempo, ele deveria saber.

---

<sup>28</sup> *The Essential Lenny Bruce*, ed. John Cohen (New York: Ballantine Books, 1967), pp. 296-97.

## Capítulo 5

### A mulher como vítima: Suck

Passamos da pornografia literária direta dos nossos antepassados, representados pela *História de O* e *A Imagem*, para outro reino, aquele do jornal do sexo, nascido da cultura *hip* (ou, como gostamos de pensar, da contracultura), pós revolução sexual (freudiana, reichiana, maileriana, bruceana, ginsbergiana), pós erva, pós ácido, pós pílula: pós Eles e adentrando o mundo de Nós. Entramos no reino do aqui e agora, no nosso próprio tempo e espaço, no mundo social pelo qual somos responsáveis.

Uma vez que procuramos pela liberdade nesse mundo enquanto mulheres, definida em termos radicais, alcançada através de um estilo de vida concretamente vivido, jornais como *Suck*, *Oz*, e *Screw* são importantes. A *Playboy* é Eles — sem dúvida que Kissinger e Sinatra dormem com isso enfiado debaixo da almofada. Mas os jornais de sexo da contracultura são criados por pessoas que habitam o nosso mundo (esquisitos, usuários de drogas, radicais, cabelos longos, qualquer que seja o termo apropriado), pessoas que partilham os nossos valores, as nossas preocupações - pessoas que falam de libertação. Os jornais sexuais da contracultura fariam parte da nossa comunidade e por isso somos obrigados, se somos uma comunidade, a abordá-los de forma crítica e séria, a perguntar o que nos trazem e o que nos tiram.

“Nós” — quem somos nós? Jerry Rubin diz que somos os Filhos da Amerika. Eldridge Cleaver chama-nos de Filhos do SANGUE. São os nossos pais, Amerika, SANGUE, que através da sua falência moral e dos seus modos genocidas nos obrigaram a sair do útero para as ruas da nação. São os nossos pais, Amerika, SANGUE, quem nos recusamos ser, cujo trabalho nos recusamos a fazer. Somos os sobreviventes do *Flower Power*, agora adultos, com os nossos próprios filhos. Somos as tribos da Nação *Woodstock*, agora na Diáspora, a vagar por toda a terra. Nós somos a Nova Esquerda, feridos, em desordem. Ainda não estamos extintos, e ainda não estamos quase acabados. O nosso passado é apenas um prólogo.

Geralmente temos entre 24 e 35 anos; temos usado ácido, mescalina, psilocibina, etc., com alguma frequência; usamos erva e haxixe muitas vezes sem mistificação; provavelmente usamos cocaína, anfetaminas ou barbitúricos em algum momento; temos relações sexuais frequentes, muitas das quais são absolutamente casuais; rejeitamos a família nuclear e procuramos formas de antagonismo comunitário a ela. Nós somos as

peessoas que ouviram Leary, Ginsberg, Bruce. Politicamente, nós somos radicais. Alguns de nós procuram desenvolver formas radicais de comunidade, viver uma vida boa, simples e natural. Alguns de nós envolvemo-nos em ações explicitamente políticas — opondo-nos a guerras ilegítimas, resistindo aos usos da autoridade ilegítima — perguntamo-nos como matar porcos sem nos tornarmos porcos, estamos imersos no processo de revolução, aprendemos as habilidades da revolução, resistimos a todas as formas de autoridade atual e, simultaneamente, procuramos desenvolver alternativas a essas formas.

Há entre nós um número cada vez menor de aberrações da paz (totalmente comprometidos com a revolução não violenta) e vários anarquistas que rugem. Nós somos, pelo menos na nossa manifestação Americana, brancos, filhos de privilégios, filhos de liberais e reformistas. Fomos educados em casas bonitas e limpas, tínhamos muita privacidade, amigos, companheirismo da família e dos colegas. Fomos incrivelmente bem educados — fomos a boas escolas suburbanas (na maioria públicas) onde experimentamos regimentos físicos e intelectuais que achávamos insuportáveis; fomos às melhores faculdades e universidades (na maioria privadas) onde estudamos antropologia, Freud, Marx, Norman O. Brown e Marcuse também, com as melhores mentes que, afinal, eram covardes quando se tratava de aplicar princípios igualitários na sala de aula ou fora dela. As universidades onde estudamos todas estas ideias desencarnadas continuaram a fazer trabalho de defesa para o governo Americano. Tivemos nossa parcela de desastre e desespero: as tragédias ácidas, as tragédias de Weatherman, as tragédias das agulhas. Muitos de nós conhecemos a prisão, e todos vimos amigos morrer. Somos mais velhos do que pensamos que seríamos.

O que se resume a isto: através do consumo de drogas, da vida sexual, da ação política radical, rompemos com os conjuntos mentais burgueses que eram a nossa herança, mas mantivemos o humanismo crucial para o liberalismo dos nossos pais. Os nossos objetivos são suficientemente simples de compreender: queremos humanizar o planeta, quebrar as estruturas nacionais que nos separam enquanto pessoas, as estruturas empresariais que nos separam em classes distintas, as estruturas racistas que nos separam em função da cor da pele; conservar o ar, a água, a vida nas suas múltiplas formas; criar comunidades que sejam mais do que comunidades habitáveis, em que as pessoas sejam livres, em que as pessoas tenham o que precisam, em que grupos de pessoas não acumulem poder, nem dinheiro, nem bens, através da exploração de outras pessoas.

Assim, quando olhamos para um jornal sexual feito por pessoas como nós, exigimos que isso dê um passo positivo na direção que queremos seguir: exigimos que incorpore as nossas atitudes radicais, o conhecimento que o ácido e outras partes do nosso estilo de vida nos deram. E, mais importante ainda, recusamo-nos a permitir que reforce os padrões sexistas de dualidade e a consciência desta cultura, os próprios padrões e consciência que nos oprimem como mulheres, que nos escravizam como seres humanos.



*Suck* é um típico jornal sexual da contracultura. Qualquer análise do mesmo revela que o sexismo é todo-pervasivo, expresso principalmente através do sadomasoquismo, absolutamente igual e não contrário aos valores culturais dos pais. *Suck* afirma ser um aliado. É crucial demonstrar que não é.

A primeira edição de *Suck* surgiu em Amsterdã, na Holanda, em 1969. Continua a ser impresso em Amsterdã porque a polícia holandesa não confisca pornografia nem prende pornógrafos. Foi criada por dois expatriados americanos. *Suck* é inteiramente sobre sexo, ou seja, as suas páginas contêm ficção pornográfica, conselhos sexuais técnicos (como chupar um pau ou uma buceta, por exemplo), cartas de leitores que revelam histórias sexuais pessoais (na sua maioria celebrativas), e fotografias de bucetas, paus, transas, chupadas e orgias. O jornal aparece irregularmente - quando há dinheiro e material suficiente para publicação. A *Suck* é confiscada na Inglaterra e na França com algum vigor.

*Suck* teve algumas contribuições positivas. Sexo oral é abordado de uma nova forma. Chupar pau, chupar buceta, como chupar, como chupar bem. O esperma tem um gosto bom, a buceta também. Em particular, a ênfase em chupar buceta serve para desmistificar a buceta de uma forma espetacular — a buceta não é suja, não é aterrorizante, não é malcheirosa; é uma fonte de prazer, uma parte bonita da fisiologia feminina, para ser vista, tocada, provada.

O tabu contra sexo oral vai muito a fundo. A maioria das leis reais contra sexo oral está relacionada a proibições contra qualquer atividade sexual que não conduza ou não seja realizada com o objetivo de efetuar uma gravidez. Chupar como ato que conduz ao orgasmo coloca claramente a natureza do contato sexual — o sexo é o encontro de pessoas para o prazer. O valor está na aproximação. O casamento não o santifica, a procriação não é o seu objetivo. *Suck* trata chupar como ato de mesma magnitude que transar. Essa atitude, imagens de mulheres chupando paus, homens chupando bucetas e todas as vice-versas, discussões sobre técnicas de chupar, tudo isso quebra barreiras para a realização de uma sexualidade plena.

Cunilíngua e felação (sexo oral em outros nomes...) continuam a ser crimes. As leis anti felação, em conjunto com as leis de sodomia, são por vezes utilizadas contra homossexuais masculinos (lésbicas não são levadas suficientemente a sério para serem processadas). Tendo em conta a aplicação seletiva das leis, a vergonha atribuída aos atos proibidos, e o fato dos atos de fazer amor oral representados em palavras ou em imagens serem geralmente considerados obscenos, chupar deve ser visto em si mesmo como um ato de significância política (o que é certamente uma notícia maravilhosa para os revolucionários deprimidos). Neste caso, *Suck* assume uma posição relevante e respeitável.

(Importante divagação. Já em outubro de 1961, Lenny Bruce foi preso porque em uma de suas rotinas ele usou o verbo "gozar" e falou sobre boquete. Ele foi preso pelo crime de obscenidade. Bruce descreveu o flagrante:

Fui preso por obscenidade em São Francisco por usar uma palavra de dez letras que é um tanto chique (*cocksucking*). Não vou repetir a palavra essa noite. Começa com um "c". Disseram que era vernáculo para uma prática homossexual favorita — o que é estranho, porque eu não relaciono essa palavra com homossexuais. Está relacionada com qualquer mulher contemporânea que eu conheça ou possa conhecer ou amar ou casar.<sup>29</sup>

Bruce foi preso em São Francisco (obscenidade), Filadélfia (posse), Los Angeles (posse), Hollywood (obscenidade), Chicago (obscenidade), e não foi autorizado a entrar na Inglaterra ou na Austrália. Já em 1964, Bruce foi preso por obscenidade na cidade de Nova Iorque, em 1965 foi declarado em situação de falência legal e em 3 de agosto de 1966 morreu em Los Angeles.)

*Suck* também faz uma contribuição em imprimir imagens de buceta, embora aqui os elogios devam ser severamente qualificados. Fotos de buceta são raras. Todo o resto já vimos - peitos siliconados, sorrisos maliciosos, a versão da *Playboy* de pelos púbicos. Mas tendo visto um filme notável de Anne Severson e Shelby Kennedy<sup>30</sup> no qual uma câmara fixa cataloga as bucetas de muitas mulheres diferentes, de todas as idades, raças, com todo o tipo de experiência sexual, obtém-se uma compreensão da superficialidade das fotos de bucetas da *Suck*. Imagine um catálogo de fotos fixas dos rostos de pessoas - as cores, texturas, reentrâncias, o carácter único de cada um. O mesmo se passa com as bucetas, e seria bom se *Suck* nos mostrasse isso. Não mostra.

Germaine Greer escreveu uma vez para *Suck* — ela era uma editora — e os seus artigos, os artigos simbólicos femininos, eram por vezes fortes; a sua voz era sempre autêntica. A sua tentativa era aproximar as mulheres da sexualidade feminina inalterada e colocar essa sexualidade claramente, sem desculpas, dentro do reino da humanidade: as mulheres, não como objetos, mas como seres humanos, um verdadeiro conceito revolucionário.

Mas Greer tem outro lado que se alia ao pior do chauvinismo masculino e foi esse lado que, creio, tornou os seus artigos aceitáveis para os editores da *Suck* e a *Suck* aceitável para ela. Numa entrevista no *Amerikan Screw*, reimpressa na *Suck* sob a manchete "Germaine: 'Eu sou uma Vadia' ", ela afirmou:

Idealmente você chegou ao estágio em que pode realmente passar o rodo em todos — o gordo, o cego, o tolo, o impotente, o desonesto.

Temos de salvar pessoas que já estão mortas. Temos de fazer amor com as pessoas que estão mortas, e isso não é fácil.<sup>31</sup>

Eis a noção sempre popular de que as mulheres, estendendo nosso papel de objeto sexual, podem humanizar um mundo atrofiado. A noção baseia-se numa falsa premissa. Tal como a pílula deveria libertar as mulheres libertando-nos sexualmente, ou

---

<sup>29</sup> *The Essential Lenny Bruce*, ed. John Cohen (New York: Ballantine Books, 1967), p. 245.

<sup>30</sup> Anne Severson and Shelby Kennedy, *I Change I Am the Same* (n.d.).

<sup>31</sup> *Suck* 6.

seja, poderíamos foder tão livremente como os homens, foder é supostamente libertador para mulheres e homens também. Mas a pílula serviu para reforçar a nossa servidão essencial - tornou-nos mais acessíveis, mais abertas à exploração. Não alterou a nossa condição de base, porque nada fez para desafiar a estrutura sexista da sociedade, para não falar das relações sexuais convencionais e dos acoplamentos. Nem da promiscuidade em si mesma. A aliança de Greer com a revolução sexual é, infelizmente, mas implicitamente, uma aliança com o chauvinismo masculino, porque não fala da condição básica das mulheres, que permanece a mesma se fodermos um homem por semana ou vinte.

Há um mal-entendido semelhante nesta declaração:

Bem, ouçam, esta é uma das coisas que uma mulher tem de compreender, e por vezes fico um pouco impaciente com mulheres que não conseguem ver isso. Afinal, uma mulher, neste país, é uma mercadoria. Ela é um símbolo de status, e quanto mais bonita é, mais cara, mais difícil de alcançar. Qualquer um pode ter uma velha senhora gorda. Mas as jovens com olhos claros não são para o homem de 40 anos que tem trabalhado como embalador ou armazenista toda a vida. Então quando ele a vê rosna, penso eu, sobretudo porque ela não está disponível para ele. Ela é outro insulto, e mais um índice de como o sonho americano não é dele. Ele nunca teve uma garota assim e nunca terá.

Agora, penso que a forma mais sensata de vermos o crime de estupro é como um ato de agressão contra este símbolo de propriedade... (mas não tenho certeza de nada disso — quero dizer, penso que é também agressão contra a mãe que fode a vida de tantas pessoas). E devo pensar que, como mulher, que não fez uma revolução, não me coloquei na barricada sobre esta questão, devo aos meus pobres irmãos não ficar nervosa. Porque eu sou isso, sou uma mulher que eles nunca poderiam esperar que fossem transar, e, no fundo da minha mente, também os rejeito.<sup>32</sup>

Também aqui, a aliança é com o chauvinismo masculino e é incompreensível. As mães que fodem a vida das pessoas em proporção direta com o quão fodidas são as suas próprias vidas — esse foder é o papel que devem desempenhar, as possibilidades criativas que devem abortar. Greer certamente sabe disso e tem de falar sobre isso. As mulheres que caminham, em oposição às que apanham táxis ou dirigem (outra distinção de classe relevante), são constantemente assediadas, frequentemente ameaçadas de violência, frequentemente violadas. É esta a situação que se verifica na vida cotidiana das mulheres.

É verdade, e muito concreto, que as mulheres são objetos, mercadorias, umas consideradas mais caras do que outras — mas só afirmando a sua humanidade o tempo todo, em todas as situações, é que se torna alguém em oposição a algo. Afinal de contas, é esse o cerne da nossa luta.

---

<sup>32</sup> *Ibid.*

O estupro, claro, tem seus apologistas. Norman Mailer apresenta-o, juntamente com o assassinato, como conteúdo de heroísmo. Isso é, diz-nos ele em *The Presidential Papers*, moralmente superior à masturbação. Eldridge Cleaver diz-nos que se trata de um ato de rebelião política — ele “praticou” em mulheres negras para poder violar melhor as mulheres brancas. Greer junta-se ao coro mistificante quando apresenta a violação como um ato de agressão contra a propriedade (uma ação política anticapitalista nada menos que isso) e sugere que pode ser também um ato de rebelião psicológica contra a ominosa e onipresente mãe.\*

O estupro é, de fato, um comportamento heterossexual simples e direto numa sociedade dominada pelos homens. Ofende-nos quando o faz, o que raramente acontece, apenas porque é uma relação homem-mulher sem simulacro — sem o romance mistificante do casal, sem a civilidade de uma troca de dinheiro. Acontece tanto em casa como na rua. Não é uma função do capitalismo — é uma função do sexismo.

O que Greer contribui para *Suck*, e para as suas leitoras que podem admirá-la por suas análises convincentes e imaginação profunda, é sobretudo confusão. Essa confusão advém de uma identificação com os homens que, com demasiada frequência, a embotam na sua percepção dos problemas reais e empíricos que as mulheres enfrentam numa sociedade sexista. Essa confusão manifesta-se de forma mais destrutiva na noção, manifestamente falsa, de que uma mulher que fode livremente é livre.

O corpo principal da *Suck* é a ficção pornográfica. É na ficção que encontramos uma repetição de eventos, situações, imagens e atitudes que mais efetivamente reforçam os valores sexistas convencionais. "Congo Crystal Hotel", uma história de Mel Clay, é típico da ficção *Suck*. Dois homens assistem a um filme pornográfico. Eles têm um encontro sexual sádico. Um dos homens, Beno, sai ao encontro de Carol, uma mulher que ele já conhece. Ele a obriga a foder e chupar dois negros, que a violam em todos os sentidos. O marido de Carol se intromete. Beno força Carol a chupar o pau do marido e quando o marido chega ao orgasmo, Beno atira nele. Um exemplo da prosa púrpura:

Num súbito espasmo o homem agarra sua cabeça e suas costas e enquanto as sensações iniciais de orgasmo o ultrapassam, Beno puxa o gatilho, a explosão afogando o som de Carol engolindo o seu gozo e seus miolos saltando contra o teto.<sup>33</sup>

Carol é anunciada: "ele conseguia cheirá-la mesmo antes de a ver".<sup>34</sup> O estupro que Beno lhe impõe é, naturalmente, o veículo do reconhecimento de que ela o ama, pois só ele poderia fazer isso com ela. A história contém uma violência incrível. Beno chicoteia seu amante masculino, Carol é espancada e estuprada, o marido é morto. Os pênis dos negros são, claro, ferramentas gigantescas de prazer e dor. Há pouco para distinguir o "Congo Crystal Hotel" da pornografia direta, exceto pela qualidade horrível da escrita. A visão da mulher é exatamente a mesma: uma buceta insaciável a ser violada

---

<sup>33</sup> *Suck* 4.

<sup>34</sup> *Ibid.*

e abusada; o conteúdo sadomasoquista é o mesmo; mesmo os genitais exagerados dos negros participam do pior da tradição pornográfica.<sup>35</sup>

\*Greer mudou suas ideias sobre estupro. Cf. Germaine Greer, "Seduction Is a Four-Letter Word", Playboy, vol. 20, no.1 (Janeiro de 1973).

"Sex Angels", uma história de Ron Reid, conta as aventuras de Helen e Tony, ou seja, um *gangbang* arranjado por Helen com um bando de motoqueiros durões. Helen é "uma buceta de classe alta que logo seria empalhada com suas picas da classe trabalhadora".<sup>36</sup> A análise de classe é central para a história: "o abismo social acentuou a emoção crescente já alta com o conhecimento de que o jovem marido iria observar o estupro coletivo da mulher junto à matilha".<sup>37</sup> O auge do evento, depois de Helen ter sido muito usada, é descrito desta forma:

agora tubo de foda quente e molhado (*hot wet fuck tube*) — fenda quente, vá em frente, deixe ver você foder sua esposa agora. todos nós já passamos por ela.<sup>38</sup>

Helen, cuja semelhança com aquele outro objeto sexual bem conhecido, Helena de Tróia, não passará batida pelo observador agudo, é um "tubo de foda quente e molhado — fenda quente". De fato, é preciso perguntar, no mundo da ficção da *Suck*, quem de nós não é?

O fato avassalador que emerge sobre a ficção da *Suck* é que ela contém e expressa as tradicionais fantasias masculinas sobre as mulheres. Helen e Carol diferem pouco de O e Claire. Suas necessidades podem ser articuladas exatamente da mesma maneira: pica, muitas delas, o tempo todo, estupro, violação, crueldade. Se ao menos nossas necessidades fossem tão simples. Se ao menos nossas necessidades tivessem alguma coisa a ver com isso.

Os homens sempre souberam, nessa forma existencial-concordante-a-Mailer, que as mulheres não só precisam DISSO, mas querem ISSO, orquestra de estupro-marca-chicoteamento. Sempre foi óbvio para eles — a "virtude" de uma mulher é apenas fachada, sua relutância é meramente tática. O que importa é que ela quer ser fodida — ela é definida pela sua necessidade de ser fodida. Encontramos em *Suck* essas sacrossantas fantasias masculinas aplicadas com verdadeiro igualitarismo na contracultura: a todos os seres "femininos", sejam mulheres ou homens gays. A projeção voltou para casa e o pênis está cantando como nunca antes — mas, assim como o culto à buceta antes disso, o culto ao pênis é colorido com lavagens de culpa não resolvida e de sadismo puro. O ônus e o ódio à homossexualidade masculina são pesados em *Suck* — feios, pesados e sempre presentes.

---

<sup>35</sup> Dworkin pontua continuamente sobre a imagem da mulher na pornografia (buceta insaciável a ser violada e abusada), porém aqui cabe também voltar a atenção para a imagem construída de homens negros, que são altamente sexualizados, animalizados e objetificados, onde se reforçam estereótipos racistas. [N.T.]

<sup>36</sup> *Ibid.*

<sup>37</sup> *Ibid.*

<sup>38</sup> *Ibid.*

*Suck* tem se alinhado de alguma forma com a causa da libertação gay. *Suck 4* imprimiu o "Guia Gay da Europa", uma lista de clubes gays, bares, mictórios, etc., para aliviar a necessidade crônica de informação sentida pelo homossexual viajante. *Suck 6* tem uma história intitulada "A Week in the Fondle Park", na qual um homem exalta a quantidade de pênis chupados em uma semana idílica no parque central de Amsterdã, que havia sido transformado em dopadores de cabelo comprido e aberrações no verão de 1971. Mas em *Suck*, como na cultura dos pais que maldiz qualquer desvio da heteronorma, o ódio ligado ao gay é muito aparente.

"The Suction Game" é a história de dois homens, um de pele escura, um de pele clara, um assumido, outro enrustido — uma situação colonial típica, madura para a exploração. O gay assumido (explícito) tem o típico ponto de vista misógino:

Carlos explicou que o corpo masculino era a perfeição da natureza e como os homens eram limpos em comparação às mulheres.<sup>39</sup>

Normalmente para o macho John Wayne auto aperfeiçoado, a menção acima é evidente e sempre foi. No contexto do encontro homossexual, ele tem somado significado. Ele reforça a masculinidade de ambos os parceiros. Faz do ato homossexual uma afirmação da masculinidade. As inseguranças que uma identidade homossexual evoca em nossa cultura, no entanto, dificilmente são resolvidas através do abandono da mulher. "Cocksucker" é um termo de insulto e abuso — significa bicha. Mas é obviamente absurdo que um homem acredite que o que é prazeroso para ele quando feito por uma mulher é nojento quando feito por um homem. A distinção aqui não é muito sutil: o sentido político dos dois atos, felação heterossexual e felação homossexual, é diferente. O primeiro faz do homem claramente o mestre — a mulher se ajoelha ao pé do xeique. O segundo torna o homem (*queer*) estranho — o nosso não é para raciocinar o porquê, ou é?

Carlos (assumido, de pele escura), tendo desabotoado as calças do herói, começou a beijar seu glorioso equipamento:

Aqui estava eu de pé nesta pequena sala de YMCA, nu como no dia em que nasci, com um lindo garoto *queer*, ajoelhado na minha frente brincando com meu pau. A coisa toda era repugnante, mas o pior era que eu estava gostando... De repente eu não dei a mínima se ele era bicha. Eu apenas relaxei e me entreguei à boca dele me chupando.<sup>40</sup>

O orgasmo resultante é fantástico, estonteante, como são todos em *Suck*. No entanto, a calúnia iminente é demais para suportar. Ser chupado por um gay é uma coisa. Reciprocidade é outra coisa. Pode ser a reciprocidade que torna alguém gay?

---

<sup>39</sup> *Suck 2.*

<sup>40</sup> *Ibid.*

Ele era uma bicha do caralho, mas eu não. Se ele estava com dor nas bolas era problema dele, não meu. Ele vai ter que achar outra bicha pra chupar a pica dele.<sup>41</sup>

O Carlos das bolas doloridas é destemido. Depois de muita persistência paciente, nosso super herói sucumbe, com reservas: "A ideia era repulsiva para mim, mas eu queria fazê-lo feliz."<sup>42</sup> A moral do conto é simples. Diz o nosso herói:

Engraçado eu não me considerar *queer*, apenas sortudo por poder atrair tantos garotos bonitos e jovens para que eles pudessem ter seu pau dentro de mim.<sup>43</sup>

Só agora a definição definitiva de bicha parece emergir. Chupar picas não é a experiência definitiva afinal. Deve-se concluir que a relação sexual anal, o corolário mais próximo da penetração feminina, define realmente a bicha. Deve-se concluir que ser fodido analmente separa as bichas dos homens e as coloca em quadratura entre as mulheres. Deve-se concluir que ser penetrado é bizarro, sem falar que é degradante, nojento e humilhante, o que já se havia adivinhado.

Os homens homossexuais não são apenas penetrados como as mulheres — eles também cobiçam a dor e a degradação. O autor de "The Suction Game" nos deu outro exemplo de pornografia homossexual, este envolvente "Tough Young Dicks for Hot Kicks". Cinco jovens durões estão viajando; eles pegam um garoto de cabelos longos, o enfiam no banco de trás do carro e o mandam chupar todos eles; o garoto considera a recusa, já que adoraria ser espancado naquele momento e ali, mas ao invés disso se submete, já que sempre se pode ter maior abuso através da submissão do que através da resistência; os jovens durões violam brutalmente o garoto de cabelos longos, depois mijam e cagam em cima dele. Ele está, é claro, extasiado:

Nossa, eu cheirava a gozo e suor e urina de adolescente e tive mais duas brincadeiras pensando em suas caras jovens e picas duras me curtindo em diversões picantes.<sup>44</sup>

O estereótipo do homossexual que emerge do trajeto geral da ficção *Suck* não é muito diferente do estereótipo da mulher. O homossexual é bicha, cuzão, *cocksucker*, viado; a mulher é buraco, tubo de foda quente e molhado, fenda quente, ou apenas um cu liso. Ele prospera com a dor e ela também. *Gangbanging* é a alegria mútua deles. Enorme, palpitante, monstruosa, uma pica atômica é deus e mestre para os dois. Os papéis que eles desempenham no roteiro sadomasoquista são os mesmos: assim como as fantasias, atitudes e outras bagagens culturais convencionais. Não é difícil ver que a luta pela libertação gay masculina e a libertação da mulher é uma luta comum: ambas significam liberdade do estigma de ser feminina. As fantasias (indicativas de conjuntos

---

<sup>41</sup> *Ibid.*

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> *Ibid.*

<sup>44</sup> *Suck 3.*

mentais estruturais) que oprimem homossexuais masculinos e mulheres são muito parecidas. Mulheres e homossexuais masculinos estão unidos em sua linhagem, uma união real e verificável — afirmada por *Suck*, que contribui para a opressão cultural de ambos.

As páginas de *Suck* não têm, infelizmente, nada a ver com libertação sexual — não há nenhum "combate" à cultura a ser encontrado em qualquer lugar nelas. Elas são, ao contrário, um catálogo exatamente daquelas fantasias sexistas que expressam nossos conjuntos psíquicos mais mórbidos. Elas traçam a paisagem da repressão, uma paisagem que é surpreendentemente familiar. Como mulheres, descobrimos que estamos onde sempre estivemos: a vítima necessária, lá estamos nós, a vítima de novo; o objeto eterno, lá estamos nós, o objeto de novo. Através da projeção de imagens arquetípicas sadomasoquistas, que são o grampo da mentalidade sexista, tornamo-nos mais prisioneiras, roubadas e enganadas de qualquer experiência real ou comunicação autêntica, lançadas de volta à intrincada confusão de sermos mulheres em busca de uma identidade utilizável.



## PARTE 3

### HERSTORY<sup>45</sup>

Nós somos um povo sem sentimentos. Se pudéssemos realmente sentir, a dor seria tão grande que acabaríamos com todo o sofrimento. Se pudéssemos sentir que uma pessoa a cada seis segundos morre de fome (e enquanto isto está acontecendo, esta escrita, esta leitura, alguém está morrendo de fome) nós parariamos isso. Se pudéssemos realmente sentir isso nas entranhas, na virilha, na garganta, no peito, iríamos para as ruas e parariamos a guerra, parariamos a escravidão, parariamos as prisões, parariamos as matanças, parariamos a destruição. Ah, eu poderia aprender o que é o amor.

Quando sentirmos, sentiremos a emergência: quando sentirmos a emergência, agiremos: quando agirmos, mudaremos o mundo.

Julian Beck, *The Life of the Theatre*

Os estupros, torturas e violações de O, Claire, Anne, Helen da *Suck*, entre outras, são ficção, documentando a paisagem retorcida da realização de desejos masculinos. Aqui temos a *herstory*, o subconsciente da história, dois atos de genocídio cometidos contra as mulheres por homens, seu escopo e substância largamente ignorados. Não é surpresa constatar que eles documentam essa mesma paisagem retorcida.

Eu isolei em particular o caso chinês dos pés de lótus e a perseguição das bruxas porque são crimes que se igualam em termos de puro horror e sadismo ao extermínio dos nativos americanos e ao massacre de Hitler aos judeus.<sup>46</sup> Esses dois massacres horrendos encontraram um lugar, por mais tênue que seja, na "consciência" do "homem". Atos de genocídio contra as mulheres mal foram notados, e nunca evocaram raiva, ou horror, ou tristeza. Que o ódio sexista é igual ao ódio racista em sua intensidade, irracionalidade e desprezo pela santidade da vida humana, esses dois exemplos demonstram claramente. Que as mulheres não foram exterminadas, e não serão (pelo menos até que a tecnologia de criar vida em laboratório seja aperfeiçoada) podem ser atribuídas à nossa suposta capacidade de ter filhos e, mais importante, sem dúvida, à

---

<sup>45</sup> Cf. nota 3. [N.T.]

<sup>46</sup> Consideramos a comparação entre os eventos passível de cair numa métrica falha, uma vez que as opressões étnico-raciais não são equivalentes às opressões sexistas. Racismo e misoginia são estruturas que coexistem e se reforçam mutuamente, cada qual com suas peculiaridades históricas e atuações. [N.T.]

relativa verdade de que os homens preferem foder bucetas que estão nominalmente vivas. Exceto aqui os necrófilos, aqueles príncipes puros e imaculados, cuja história começa onde termina a nossa.

Além disso, em qualquer guerra, em qualquer violência entre tribos ou nações, um crime de guerra específico é perpetrado contra as mulheres — o de estupro. Toda mulher estuprada durante uma guerra política de Estados-nação é vítima de uma guerra muito maior, planetária em suas dimensões — a guerra, mais declarada do que se pode suportar saber, que os homens fazem contra as mulheres. Essa guerra teve sua expressão mais macabra e grotesca quando homens chineses amarraram os pés de mulheres chinesas e quando homens britânicos, galeses, irlandeses, escoceses, alemães, holandeses, franceses, suíços, italianos, espanhóis e americanos tiveram mulheres queimadas em nome de Deus Pai e de Seu único Filho.

Instruções antes da leitura do capítulo

1. Encontre um pedaço de pano de 10 pés de comprimento e 2 polegadas de largura
2. Encontre um par de sapatos infantis
3. Dobre todos os dedos dos pés, exceto o dedão e coloque-os debaixo da sola do pé. Envolver o pano ao redor destes dedos e depois ao redor do calcanhar. Aproxime o máximo possível o calcanhar dos dedos dos pés. Envolver todo o comprimento do pano o mais apertado possível.
4. Aperte o pé no sapato infantil
5. Caminhe
6. Imagine que você tem 5 anos de idade
7. Imagine ser assim para o resto de sua vida

## Capítulo 6

# Ginocídio: Pés de Lótus Chinês

As origens do pé de lótus chinês, assim como do pensamento chinês em geral, pertencem a essa entidade amorfa chamada antiguidade. O século X marca o início da desumanização física, intelectual e espiritual das mulheres na China, através da instituição do pé de lótus. A própria instituição, a crença implícita em sua necessidade e beleza, e o rigor com que era praticada, durou mais 10 séculos. Houve tentativas esporádicas de emancipação dos pés — alguns artistas, intelectuais e mulheres em posições de poder foram a proverbial gota no oceano. Essas tentativas, modestas como eram, estavam condenadas ao fracasso: a prática do pé de lótus era uma instituição política que refletia e perpetuava a inferioridade sociológica e psicológica das mulheres; o pé de lótus cimentava as mulheres a uma certa esfera, com uma certa função — as mulheres eram objetos sexuais e de reprodução. O pé de lótus era uma atitude massiva, a cultura de massa — era a realidade chave de uma forma de vida vivida por mulheres reais — 10 séculos vezes muitos milhões delas.

Geralmente pensa-se que a prática dos pés de lótus surgiu enquanto uma inovação entre as dançarinas do harém Imperial. Entre os séculos IX e XI, o Imperador Li Yu encomendou uma bailarina favorita para conseguir a "aparência pontiaguda". O conto de fadas lê-se assim:

Li Yu tinha uma concubina palaciana favorita chamada Lovely Maiden que era uma dançarina dotada e de linda cintura fina. Ele tinha um lótus de dois metros de altura construído para ela em ouro; era decorado luxuosamente com pérolas e tinha um tapete de lótus carmim no centro. A Lovely Maiden foi ordenada a amarrar os pés com pano de seda branco para fazer as pontas parecerem as pontas de uma foice da lua. Ela então dançou no centro da lótus, girando como uma nuvem ascendente.<sup>47</sup>

Deste evento original, o pé amarrado recebeu o eufemismo de "Lótus de Ouro", embora seja claro que os pés da Lovely Maiden estavam amarrados frouxamente — ela ainda podia dançar.

Um ensaísta posterior, um verdadeiro *gourmand* de pés, descreveu 58 variedades da lótus humana, cada uma classificada em uma escala de 9 pontos. Por exemplo:

---

<sup>47</sup> Howard S. Levy, *Chinese Footbinding: The History of a Curious Erotic Custom* (New York: W. Rawls, 1966), p. 39. O livro do Sr. Levy é a fonte primária para toda informação histórica e fatural neste capítulo. [Todas as citações seguintes são desse livro. N.T.]

TIPO: Pétala de lótus, Lua Nova, Arco Harmonioso, Rebento de Bambu, Castanha de água

ESPECIFICAÇÕES: granulosidade, suavidade, finura

CLASSIFICAÇÃO:

Qualidade Divina (A-1), perfeitamente roliço, macio e fino

Qualidade Maravilhosa (A-2), fraca e esbelta

Qualidade Imortal (A-3), com ossos retos, independente

Artigo Precioso (B-1), parecido com pavão, muito largo, desproporcionado

Artigo Puro (B-2), grosso, muito longo e fino

Artigo Sedutor (B-3), carnudo, curto, largo, redondo (a desvantagem deste pé era que sua dona *conseguia* suportar um vento soprante)

Artigo Excessivo (C-1), estreito mas insuficientemente pontudo

Artigo ordinário (C-2), comum e volumoso

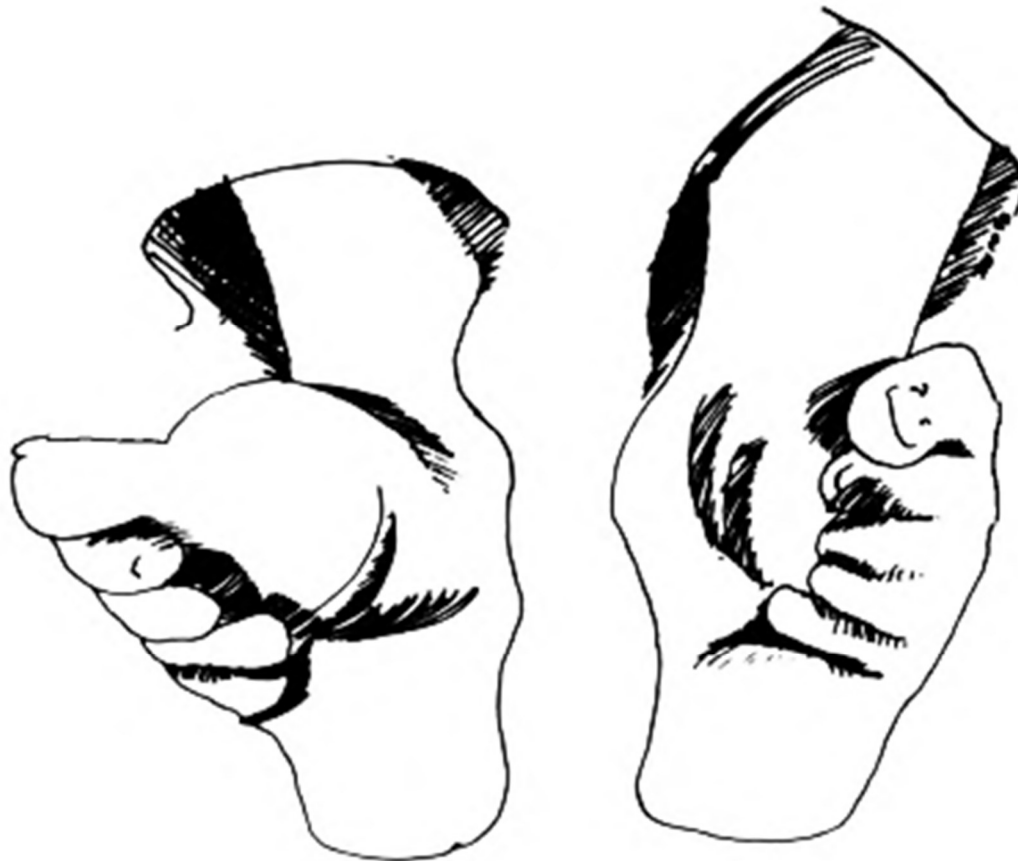
Artigo falso (C-3), calcanhar grande como macaco (poderia escalar)

As distinções só enfatizam que essa amarração de pés foi uma operação bastante perigosa. Para quebrar os ossos envolvidos ou modificar a pressão das amarrações de forma irregular houve consequências embaraçosas — nenhuma garota poderia suportar o ridículo de ser chamada de "demônio de pés largos" e a vergonha de não poder se casar.

Mesmo a possuidora de um Lótus de Ouro A-1 não podia descansar sobre suas glórias — ela tinha que observar escrupulosamente a etiqueta de feminilidade repleta de tabus: (1) não andar com os dedos dos pés apontados para cima; (2) não ficar de pé com saltos aparentemente suspensos no ar; (3) não mover a saia quando sentada; (4) não mover os pés quando deitada. O mesmo ensaísta conclui seu tratado com este conselho mais sensato (dirigido aos cavalheiros do curso):

Não remova as amarras para olhar para os seus pés descalços, mas fique satisfeito com a sua aparência externa. Aproveite a impressão externa, pois se você remover os sapatos e as amarrações o sentimento estético será destruído para sempre.

De fato. Os verdadeiros pés eram parecidos com isto:



*(feet: 3 to 4 inches in length)*

O processo físico que criou este pé é descrito por Howard S. Levy em *Chinese Footbinding: The History of a Curious Erotic Custom*.

O sucesso ou fracasso da atadura do pé dependia da aplicação hábil de um curativo ao redor de cada pé. O curativo, com cerca de 2 polegadas de largura e 3 metros de comprimento, foi enrolado da seguinte maneira. Uma das extremidades era colocada no interior do peito do pé, e dali era levada sobre os dedos pequenos de modo a forçar os dedos dos pés para dentro e em direção à sola. O dedão do pé era deixado sem amarras. O curativo era então enrolado ao redor do calcanhar com tanta força que o calcanhar e os dedos dos pés se aproximavam. O processo foi então repetido desde o início até que todo o curativo tivesse sido aplicado. O pé da jovem criança foi submetido a uma pressão coerciva e constante, pois o objetivo não era apenas confinar o pé, mas fazer com que os dedos dos pés se dobrassem sob e para dentro da sola e aproximar o calcanhar e a sola o máximo possível fisicamente.

Um missionário cristão observou:

A carne muitas vezes ficava putrescente durante a amarração e as porções se afastavam da sola; às vezes um ou mais dedos dos pés chegavam a cair.

Uma mulher chinesa idosa, já em 1934, lembrou-se vividamente de sua experiência de infância:

Nascida em uma família à moda antiga em P'ing-hsi, fui infligida com a dor de amarrar os pés quando tinha sete anos de idade. Eu era uma criança ativa que gostava de pular, mas a partir daí a minha natureza livre e otimista desapareceu. Minha irmã mais velha suportou o processo de seis a oito anos de idade [isso significa que ela levou dois anos para atingir o pé de 3 polegadas]. Foi no primeiro mês lunar do meu sétimo ano que minhas orelhas foram furadas e encaixadas com brincos de ouro. Disseram-me que uma menina tinha que sofrer duas vezes, através de furos nas orelhas e amarração dos pés. A amarração do pé de lótus começou no segundo mês lunar; minha mãe consultou referências para selecionar um dia auspicioso para isso. Eu chorei e me escondi na casa de um vizinho, mas minha mãe me encontrou, repreendeu-me e me arrastou para casa. Ela fechou a porta do quarto, ferveu água, e de uma caixa retirou amarração, sapatos, faca, agulha e linha. Eu implorei por um adiamento de um dia, mas minha mãe recusou: "Hoje é um dia de sorte", disse ela. "Se amarrados hoje, seus pés nunca vão doer; se amarrados amanhã, vão." Ela lavou e colocou alúmen nos meus pés e cortou as unhas. Ela então dobrou meus dedos dos pés em direção ao calcanhar com um pano de ligação de dez pés de comprimento e dois centímetros de largura, fazendo primeiro o pé direito e depois o esquerdo. Ela terminou de amarrar e me mandou andar, mas quando eu o fiz a dor se mostrou insuportável.

Naquela noite, minha mãe não me deixou tirar os sapatos. Senti meus pés em chamas e não conseguia dormir; mãe me bateu por chorar. Nos dias seguintes, eu tentei me esconder, mas fui forçada a andar de pé. A mãe bateu em minhas mãos e pés por resistir. Batidas e maldições foram o meu destino por soltar dissimuladamente os envoltórios. Os pés foram lavados e se recuperaram após três ou quatro dias, com a adição de alúmen. Após vários meses, todos os dedos dos pés, exceto o grande, foram pressionados contra a superfície interna. Sempre que eu comia peixe ou carne recém morta, meus pés inchavam, e o pus escorria. A mãe me criticou por colocar pressão no calcanhar ao andar, dizendo que meus pés nunca assumiriam uma forma bonita. A mãe tirava as amarras e limpava o sangue e o pus que escorria dos meus pés. Ela me disse que só com a remoção da carne os meus pés poderiam ficar esbeltos. Se eu perfurava por engano uma ferida, o sangue jorrava como um riacho. Meus dedos um pouco carnudos e grandes foram atados com pequenos pedaços de pano e forçados para cima, para assumir uma nova forma de lua.

A cada duas semanas, eu mudava de sapatos. Cada novo par era um a dois décimos de polegada menor do que o anterior. Os sapatos eram inflexíveis, e era preciso pressão para entrar neles. Embora eu quisesse sentar passivamente junto aos K'ang, minha mãe me obrigou a me mover. Depois de trocar mais de dez pares de sapatos, meus pés foram reduzidos a pouco mais de quatro centímetros. Eu já estava em um mês quando minha irmã mais nova começou; quando ninguém estava por perto, nós chorávamos juntas. No verão, meus pés cheiravam muito mal por causa do pus e do sangue; no inverno, meus pés sentiam frio por falta de circulação e doíam se chegassem muito perto do K'ang e fossem atingidos por correntes de ar quente. Quatro dos dedos dos pés foram tão enrolados como lagartas mortas; nenhum estrangeiro jamais teria acreditado que eles pertenciam a um ser humano. Levou dois anos para atingir o modelo de três polegadas. Minhas unhas dos pés pressionadas contra a carne como papel fino. O calcanhar muito crescido não podia ser riscado quando coçava ou acalmado quando doía. Meus tornozelos eram finos, meus pés ficavam curvados, feios e malcheirosos; como eu invejava os pés naturais!

Os pés amarrados ficavam aleijados e excruciantemente doloridos. A mulher estava realmente "andando" por cima dos dedos dos pés que tinham sido dobrados por baixo da sola do pé. O calcanhar e o peito do pé assemelhavam-se à sola e ao calcanhar de uma bota de salto alto. Calosidades duras se formaram; unhas dos pés cresceram na pele; os pés estavam cheios de pus e sangrentos; a circulação estava praticamente parada. A mulher com os pés de lótus coxeava, apoiada em uma bengala, contra a parede, contra um criado. Para manter o equilíbrio dela, dava passos muito curtos. Ela estava realmente caindo a cada passo e se empenhando para o próximo. Caminhar exigia um tremendo esforço.

A amarração dos pés também distorceu as linhas naturais do corpo feminino. Fez com que as coxas e nádegas, sempre em estado de tensão, ficassem um pouco inchadas (o que os homens chamavam de "voluptuosas"). Uma crença curiosa desenvolveu-se entre os homens chineses de que o pé de lótus produzia uma alteração muito útil da vagina. Um diplomata chinês explicou:

Quanto menor o pé da mulher, mais maravilhosas se tornam as dobras da vagina. (Havia o ditado: quanto menor o pé, mais intenso o impulso sexual.) Portanto, casamentos em Ta-t'ung (onde o pé de lótus é mais efetivo) muitas vezes acontecem mais cedo do que em qualquer outro lugar. Mulheres em outros distritos podem produzir essas dobras artificialmente, mas a única maneira é pela amarração dos pés, que concentra o desenvolvimento nesse único lugar. Consequentemente desenvolve-se camada após camada (de dobras dentro da vagina); aqueles que experimentaram isso pessoalmente (no ato sexual) sentem uma exaltação sobrenatural. Assim, o sistema de amarração dos pés não foi realmente opressivo.

Autoridades médicas confirmam que a amarração fisiológica dos pés não teve qualquer efeito sobre a vagina, embora tenha distorcido a direção da pélvis. A crença sobre as maravilhosas dobras da vagina da mulher com os pés presos era pura ilusão de

massa, uma projeção de luxúria sobre os pés, nádegas e vagina da mulher aleijada. Desnecessário será dizer que a lógica do diplomata de achar a amarração dos pés "não realmente opressiva" confundiu sua "exaltação sobrenatural" sobre a miséria e a mutilação de mulheres.

Os pés amarrados, o mesmo mito continua, "tornaram as nádegas mais sensuais, [e] vapores concentrados que dão vida na parte superior do corpo, tornando o rosto mais atraente". Se, devido a uma quebra no fluxo desses "vapores vivificantes", uma mulher feia estava com os pés presos e continuava feia, ela não precisava se desesperar, pois uma Lótus de Ouro A-1 poderia compensar uma face e figura C-3.

Mas para voltar à *herstory*, como a nossa bailarina chinesa se tornou milhões de mulheres espalhadas ao longo de 10 séculos? A transição da bailarina palaciana para a população em geral pode ser vista como parte de uma dinâmica de classe. O imperador define o estilo, a nobreza o copia, e as classes mais baixas que escalam sempre para cima dão o seu melhor para imitá-lo. A classe alta amarra os pés de suas damas com a maior severidade. A Senhora, incapaz de andar, permanecia devidamente invisível em seu *boudoir* (quarto privado de uma mulher), um ornamento, fraco e pequeno, testemunho da riqueza e do privilégio do homem que podia se dar ao luxo de mantê-la — de mantê-la ociosa. Não fazendo nenhum trabalho manual, ela também não precisava dos seus pés. Somente nas ocasiões mais raras, ela podia sair das paredes encarceradas de sua casa, e só em uma cadeira de sedan atrás de cortinas pesadas. Quanto mais baixa a classe da mulher, menos ociosidade podia ser suportada: e maiores os pés. As mulheres que tinham que trabalhar para a sobrevivência econômica da família ainda tinham os pés presos, mas as amarrações eram mais soltas, os pés maiores — afinal, ela tinha que ser capaz de andar, mesmo que devagar e com pouco equilíbrio.

O pé de lótus era uma marca visível. *O pé de lótus não enfatizava as diferenças entre homens e mulheres — ele as criava*, e elas foram então perpetuadas em nome da moralidade. O pé de lótus funcionava como o Cérbero da moralidade e garantia a castidade feminina em uma nação de mulheres que literalmente não podiam "correr por aí". A fidelidade, e a legitimidade das crianças, podiam ser contabilizadas.

As mentes das mulheres com os pés de lótus eram tão contraídas quanto os seus pés. Filhas eram ensinadas a cozinhar, supervisionar a casa, e bordar sapatos para a Lótus de Ouro. A restrição intelectual e física tinha a habitual justificação masculina. As mulheres eram perversas e pecadoras, lascivas e obscenas, se deixadas para se desenvolverem naturalmente. Os chineses acreditavam que ser uma mulher era pagamento por males cometidos em uma vida anterior. O pé de lótus foi projetado para poupar uma mulher do desastre de outra encarnação desse tipo.

O casamento e a família são os pilares gêmeos de todas as culturas patriarcais. Os pés de lótus, na China, foram os pilares gêmeos desses pilares gêmeos. Aqui temos a união da política e da moral, unidas para produzir sua inevitável descendência — a opressão da mulher baseada em padrões totalitários de beleza e um fascismo sexual



desenfreado. Ao organizar um casamento, os pais de um homem perguntavam primeiro sobre os pés da futura noiva, depois sobre seu rosto. Essas eram suas qualidades humanas reconhecíveis. Durante o processo de amarração dos pés, as mães consolavam suas filhas conjurando as possibilidades luxuriosas de casamento, dependentes da beleza do pé amarrado. Concubinas para o harém Imperial foram selecionadas em festivais de pés minúsculos (precursores dos concursos de Miss América). Fileiras sobre fileiras de mulheres sentadas em bancos com os pés estendidos enquanto o público e os juízes iam ao longo dos corredores e comentavam sobre o tamanho, forma e decoração dos pés e sapatos. Ninguém, porém, jamais foi autorizado a tocar a mercadoria. As mulheres aguardavam ansiosamente esses festivais, já que lhes era permitido sair de casa.

A estética sexual, literalmente a arte do amor, do pé de lótus, era complexa. A atração sexual do pé era baseada na sua ocultação e no mistério em torno de seu desenvolvimento e cuidado. As amarrações eram desembrulhadas e os pés lavados no *boudoir* da mulher, na mais estrita privacidade. A frequência dos banhos variava de uma vez por semana a uma vez por ano. Perfumes de várias fragrâncias e alúmen eram utilizados durante e após a lavagem, e vários tipos de cirurgia eram realizados nos calos e unhas. O processo físico de lavagem ajudou a restaurar a circulação. A múmia era desembrulhada, retocada e colocada de volta ao sono com mais conservantes adicionados. O resto do corpo nunca foi lavado ao mesmo tempo que os pés, por medo de que alguém se tornasse um porco na próxima vida. Mulheres de boa raça deveriam morrer de vergonha se os homens as observassem lavando seus pés. O pé consistia, afinal, de carne fedorenta e apodrecida. Isto naturalmente não agradava ao macho intruso, uma violação da sua sensibilidade estética.

A arte dos sapatos era básica para a estética sexual do pé de lótus. Horas, dias e meses a fio para bordar os sapatos. Havia sapatos para todas as ocasiões, sapatos de várias cores, sapatos para coxear, sapatos para ir para a cama, sapatos para ocasiões especiais como aniversários, casamentos, funerais, sapatos que denotavam idade. O vermelho era a cor favorita para os sapatos de cama porque acentuava a brancura da pele das panturrilhas e das coxas. Uma filha casada fazia cerca de 12 pares de sapatos como parte de seu dote. Ela apresentava 2 pares especialmente feitos para sua sogra e seu sogro. Quando ela entrava na casa do marido pela primeira vez, seus pés eram imediatamente examinados por toda a família, nem elogios nem sarcasmo eram retidos.

Havia também a arte da marcha, a arte de sentar, a arte de ficar de pé, a arte de deitar, a arte de ajustar a saia, a arte de cada movimento que envolve os pés. A beleza era a aparência dos pés e como eles se moviam. Certos pés eram melhores que outros pés, mais bonitos. A forma perfeita de 3 polegadas e a total inutilidade eram as marcas distintivas do pé aristocrático. Esses conceitos de beleza e status definiam a mulher: como ornamentos, como brinquedos sexuais, como construções sexuais. A construção perfeita, mesmo na China, era naturalmente a prostituta.

A mulher de pés naturais gerava horror e repulsa na China. Ela era um anátema, e todas as forças do insulto e do desprezo eram usadas para obliterá-la. Os homens diziam sobre pés atados e pés naturais:

Um pé minúsculo é prova de bondade feminina...

Mulheres que não amarram os pés parecem homens, pois o pé minúsculo serve para mostrar a diferenciação...

O pé minúsculo é macio e, quando esfregado, leva a uma grande excitação...

A caminhada graciosa dá ao observador sentimentos mistos de compaixão e piedade...

Os pés naturais são pesados e volumosos ao subirem na cama, mas os pés minúsculos roubam levemente os lençóis...

A mulher de pés grandes é descuidada com adornos, mas os pés minúsculos frequentemente são lavados e recebem uma variedade de fragrâncias perfumadas, encantando a todos que estão na sua presença...

O pé natural parece muito menos estético na caminhada...

Todos acolhem o pé minúsculo, considerando a sua pequenez preciosa...

Os homens anseiam tanto que sua possuidora consiga um matrimônio harmonioso...

Porque do seu diminutivo se dá origem a uma variedade de prazeres sensuais e sentimentos de amor...

Fina, pequena, curvada, macia, perfumada, fraca, facilmente inflamável, passiva ao ponto de ser quase inanimada — esta era uma mulher com os pés de lótus. Suas amarrações criavam extraordinárias dobras vaginais; o isolamento no quarto aumentava seu desejo sexual; brincar com o pé mirrado e aleijado aumentava o desejo de todos. Mesmo o imaginário dos nomes de vários tipos de pés sugere, por um lado, passividade feminina (lótus, lírios, brotos de bambu, castanhas de água) e, por outro, independência, força e mobilidade masculina (barcos de lótus, corvos de pés grandes, pé de macaco). Era inaceitável que uma mulher tivesse aquelas qualidades masculinas denotadas por pés grandes. Este fato conjetura uma afirmação anterior: a amarração dos pés não formalizava as diferenças existentes entre homens e mulheres, mas as criava. Um sexo tornou-se masculino em virtude de ter feito do outro sexo uma coisa, outra, algo completamente polar a si mesmo, algo chamado de feminino. Em 1915, um ensaio satírico em defesa da amarração dos pés, escrito por um homem chinês, enfatizava isso:

O pé de lótus é a condição para uma vida de dignidade para o homem, de contentamento para a mulher. Deixe-me deixar isso claro. Eu sou um chinês bastante típico da minha classe. Eu meditei muito sobre textos clássicos na minha juventude e escureci meus olhos, estreitei o peito, torci as costas. Minha memória não é forte, e em uma civilização antiga há um vasto negócio para aprender antes que você possa saber de tudo. Por isso, entre os estudiosos, eu cortei uma figura pobre. Eu sou tímido, e minha voz me falha em reuniões de homens. Mas para a minha esposa com os pés presos, confinada sempre em sua casa exceto quando a carrego nos braços do seu palanquim, meu passo é heroico, minha voz é a de um leão rugindo, minha sabedoria é a dos sábios. Para ela eu sou o mundo; eu sou a própria vida.

Os homens chineses, é claro, ficaram altos e fortes perante os pés minúsculos das mulheres.

A chamada arte do pé de lótus foi o processo de tomar o pé humano, usando-o como se fosse matéria insensível, moldando-o numa forma desumana. O pé de lótus era a "arte" de tornar a matéria viva insensível, inanimada. Obviamente não se trata aqui de arte, mas de fetichismo, de psicose sexual. Esse fetiche se tornou o conteúdo principal da experiência sexual de toda uma cultura durante mil anos. A manipulação do pé minúsculo foi um prelúdio indispensável a toda experiência sexual. Manuais foram escritos elaborando várias técnicas para segurar e esfregar o Lótus de Ouro. Cheirar os pés, mastigá-los, lambê-los, chupá-los, tudo era uma experiência sexual carregada. Uma mulher com pés minúsculos era supostamente mais fácil de manobrar na cama e isso não era uma vantagem pequena. O roubo de sapatos era comum. As mulheres eram forçadas a costurar seus sapatos diretamente nas amarrações. Os sapatos roubados podiam ser devolvidos encharcados em sêmen. Prostitutas mostravam seus pés nus por um preço alto (não havia muitas caminhanças de rua na China). Jogos de beber usando copos colocados nos sapatos de prostitutas ou cortesãs eram os passatempos favoritos. As prostitutas de pés pequenos levavam nomes especiais como *Moon Immortal*, *Red Treasure*, *Golden Pearl*. Não menos numerosos eram os eufemismos para pés, sapatos e amarrações. Alguns homens iam às prostitutas para lavar o pé minúsculo e comer sua sujeira, ou para beber chá feito da água da lavagem. Outros queriam seu pênis manipulado pelos pés. A superstição também tinha seu lugar — havia uma crença nos poderes curativos da água na qual os pés minúsculos eram lavados.

Por fim, a amarração dos pés era o solo em que o sadismo podia crescer e passar despercebido — em que a simples crueldade podia transcender a si mesma, sem muito esforço, em atrocidade. Estas são algumas histórias de horror típicas daqueles tempos:

Uma madrasta ou tia ao amarrar o pé da criança era geralmente muito mais dura do que a mãe natural teria sido. Foi descrito um homem velho que se deleitava em ver suas filhas chorando quando a amarração era aplicada com força... Em uma casa, todo mundo tinha que amarrar. A esposa principal e concubinas amarradas ao menor grau, uma vez de manhã e outra à noite, e uma vez antes de descansar. O marido e a primeira esposa faziam inspeções de pés e chicoteavam os culpados por terem deixado a amarração se soltar. Os sapatos de dormir eram tão pequenos que as mulheres tinham que pedir ao mestre para esfregá-los a fim de trazer alívio. Outro homem rico açoitava suas concubinas em seus minúsculos pés, um após o outro, até que o sangue escorresse.

... em torno de 1931... mulheres com os pés amarrados e incapazes de abelhar foram levadas em cativeiro. Os bandidos, enraivecidos pela forma fraca de andar e pela incapacidade de se manterem em cativeiro, forçaram as mulheres a removerem as amarras e meias e a correrem descalças. Gritavam de dor e eram incapazes de seguir em frente, apesar dos espancamentos. Cada um dos bandidos agarrou uma mulher e a forçou a dançar em um amplo campo coberto de pedras afiadas. O tratamento mais duro foi dado às prostitutas. As unhas eram espetadas através das mãos e pés; choravam em voz alta por vários dias antes de morrer. Uma forma de tortura era amarrar uma mulher para que suas pernas ficassem penduradas

no ar e colocar tijolos ao redor de cada dedo do pé, aumentando o peso até que os dedos dos pés se endireitassem e eventualmente caíssem.

## FIM DO EVENTO PÉ DE LÓTUS

São feitas as mesmas perguntas de novo e de novo, ao longo de anos, no decorrer de uma vida. As perguntas têm a ver com as pessoas e o que elas fazem — o como e o porquê disso. Como poderiam os alemães ter assassinado 6.000.000 judeus, usado suas peles para abajures, tirado o ouro dos seus dentes? Como poderiam os brancos ter comprado e vendido negros, os enforcado e castrado? Como poderiam "americanos" ter massacrado as nações indígenas, roubado a terra, espalhado fome e doença? Como pode o genocídio da Indochina continuar, dia após dia, ano após ano? Como isso é possível? Por que isso acontece?

Enquanto mulher, se é forçada a fazer outra série de perguntas difíceis: Por que em toda parte a opressão das mulheres é registrada ao longo da história? Como os Inquisidores puderam torturar e desprezar mulheres como bruxas? Como puderam os homens idealizar os pés atados de mulheres aleijadas? Como e por quê?

O pé de lótus existiu por 1.000 anos. Em que termos, usando que medida, pode-se calcular a enormidade do crime, as dimensões da transgressão, a *quantidade* de crueldade e dor inerentes a esses 1.000 anos de *herstory*? Em que termos, usando que vocabulário, pode-se penetrar no significado, na realidade, daquela *herstory* de 1.000 anos?

Aqui uma raça não guerreou com outra para adquirir comida, ou terra, ou poder civil; uma nação não lutou com outra no interesse da sobrevivência, real ou imaginada; um grupo de pessoas em um estado febril de histeria não destruiu outro. Nenhuma das explicações ou justificativas tradicionais para a brutalidade entre os povos se aplica a esta situação. Pelo contrário, aqui um sexo mutilou (escravizou) o outro no interesse da *arte* do sexo, da *harmonia* homem-mulher, da definição de papéis, da beleza.

Considere a magnitude do crime.

Milhões de mulheres, durante um período de 1.000 anos, foram brutalmente aleijadas, mutiladas, em nome do erotismo.

Milhões de seres humanos, durante um período de 1.000 anos, foram brutalmente aleijados, mutilados, em nome da beleza.

Milhões de homens, ao longo de um período de 1.000 anos, revelaram-se apaixonados pelo culto do pé preso.

Milhões de homens, durante um período de 1.000 anos, louvaram e adoraram o pé amarrado.

Milhões de mães, durante um período de 1.000 anos, aleijaram e mutilaram brutalmente suas filhas em prol de um casamento seguro.

Milhões de mães, durante um período de 1.000 anos, aleijaram e mutilaram brutalmente suas filhas em nome da beleza.

Mas este período de mil anos é apenas a ponta de um iceberg temeroso e impressionante: uma expressão extrema e visível de atitudes, processos e valores românticos organicamente enraizados em todas as culturas, naquela época e agora. Demonstra que o amor do homem pela mulher, sua adoração sexual por ela, sua definição humana dela, seu deleite e prazer por ela, exigem sua negação: a paralisia física e a lobotomia psicológica. Essa é a própria natureza do amor romântico, que é o amor baseado em definições polares de papéis, manifestado tanto na história como na ficção — ele tem glória na agonia dela, adora a deformidade dela, aniquila a liberdade dela, ele a terá como objeto sexual, mesmo que tenha de destruir os ossos dos pés dela para fazê-lo. Brutalidade, sadismo e opressão emergem como o núcleo substantivo do *ethos* romântico. Esse *ethos* é a urdidura e a trama da cultura tal como a conhecemos.

As mulheres devem ser bonitas. Todos os repositórios de sabedoria cultural do Rei Salomão ao Rei Hefner concordam: as mulheres devem ser bonitas. É a reverência à beleza feminina que informa o *ethos* romântico, lhe dá sua energia e justificativa. A beleza é transformada naquele ideal dourado, a beleza — arrebatadora e abstrata. As mulheres devem ser belas e Mulher é Beleza.

Noções de beleza sempre incorporam toda uma estrutura social determinada, são cristalizações de seus valores. Uma sociedade com uma aristocracia bem definida, terá padrões aristocráticos de beleza. Na "democracia" ocidental as noções de beleza são "democráticas": mesmo que uma mulher não nasça bela, ela pode se tornar *atraente*.

O argumento não é simplesmente que algumas mulheres não são bonitas, portanto não é justo julgar as mulheres com base na beleza física; ou que os homens não são julgados nessa base, portanto as mulheres também não devem ser julgadas nessa base; ou que os homens devem procurar caráter nas mulheres; ou que nossos padrões de beleza são muito paroquiais em e de si mesmos; ou ainda que julgar as mulheres de acordo com sua conformidade com um padrão de beleza serve para transformá-las em produtos, bens móveis, diferindo da vaca favorita do fazendeiro apenas em termos de forma literal. A questão em jogo é diferente e crucial. Os padrões de beleza descrevem em termos precisos a relação que um indivíduo terá com seu próprio corpo. Eles prescrevem sua mobilidade, espontaneidade, postura, marcha, os usos que ela pode dar ao seu corpo. *Definem com precisão as dimensões de sua liberdade física*. E, claro, a relação entre liberdade física e desenvolvimento psicológico, possibilidade intelectual e potencial criativo é umbilical.

Em nossa cultura, nem uma parte do corpo de uma mulher é deixada intocada, inalterada. Nenhuma característica ou extremidade é poupada à arte, ou dor, de melhorar. Os cabelos são tingidos, lacados, alisados, feitos permanentes; as sobrancelhas são arrancadas, listradas, tingidas; os olhos são forrados, mascarados, sombreados; os

cílios são enrolados, ou falsos — da cabeça aos pés, todos os traços do rosto da mulher, todas as seções do seu corpo, estão sujeitos a modificações, alterações. Esta alteração é um processo contínuo e repetitivo. É vital para a economia, a maior substância da diferenciação homem-mulher, a realidade física e psicológica mais imediata de ser mulher. A partir dos 11 ou 12 anos até a morte, a mulher gastará grande parte do seu tempo, dinheiro e energia para se costurar, depilar, pintar e se desodorizar. É comum e equivocadamente dito que travestis masculinos através do uso de maquiagem e da caricatura das mulheres se tornariam mulheres, mas qualquer conhecimento real do *ethos* romântico deixa claro que esses homens penetraram na experiência central de ser uma mulher, uma construção romantizada.

A tecnologia da beleza, e a mensagem que ela carrega, é transmitida de mãe para filha. A mãe ensina a filha a passar batom, a raspar debaixo dos braços, a amarrar os seios, a usar cinta e sapatos de salto alto. A mãe ensina a filha concomitantemente o seu papel, o seu comportamento apropriado, o seu lugar. A mãe ensina à filha, necessariamente, a psicologia que define a feminilidade: uma mulher deve ser bela, para agradar ao amorfo e amoroso Ele. O que chamamos de *ethos* romântico opera tão vividamente na América do século 20 e na Europa quanto na China do século 10.

Essa transferência cultural de tecnologia, papel e psicologia afeta virtualmente a relação emotiva entre mãe e filha. Ela contribui substancialmente para a dinâmica ambivalente do amor-ódio dessa relação. O que a filha/criança chinesa deve ter sentido em relação à mãe que amarrou seus pés? O que qualquer filha/criança sente em relação à mãe que a obriga a fazer coisas dolorosas ao seu próprio corpo? A mãe assume o papel de forçadora: ela usa a sedução, o comando, todo tipo de força para coagir a filha a se conformar com as exigências da cultura. É porque esse papel se torna seu papel dominante na relação entre mãe e filha que as tensões e dificuldades entre mães e filhas são muitas vezes insolúveis. A filha que rejeita as normas culturais impostas pela mãe é forçada a uma rejeição básica da própria mãe, um reconhecimento do ódio e ressentimento que ela sentia por aquela mãe, uma alienação da mãe e da sociedade tão extrema que sua própria feminilidade é negada por ambas. A filha que interioriza esses valores e endossa esses mesmos processos é obrigada a repetir o ensinamento que lhe foi ensinado - sua raiva e ressentimento permanecem subterrâneos, canalizados contra sua própria descendência feminina, bem como contra sua mãe.

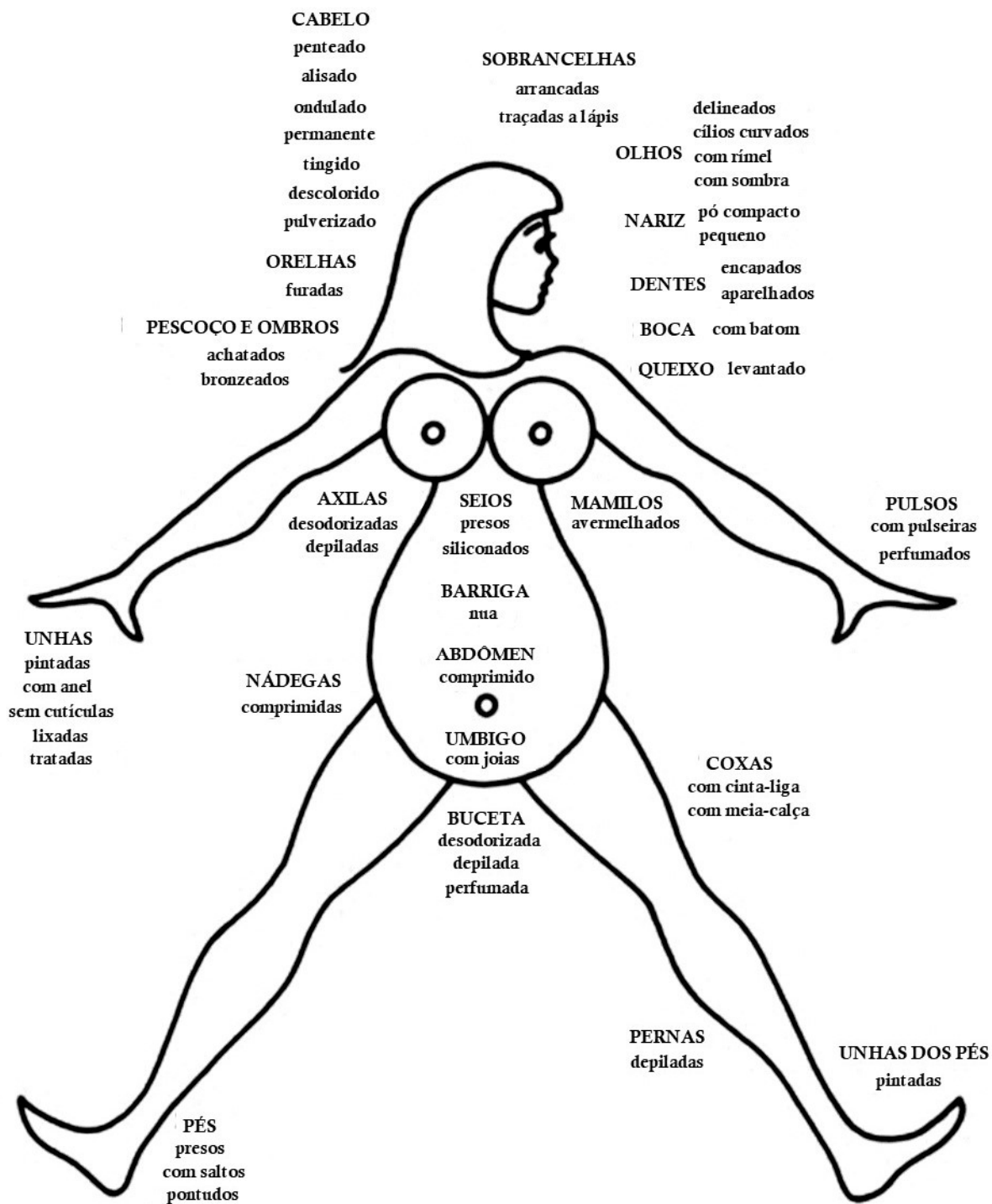
A dor é uma parte essencial do processo de preparação, e isso não é acidental. Arrancar as sobrancelhas, raspar debaixo dos braços, usar cinta, aprender a andar com sapatos de salto alto, ter o nariz fixo, alisar ou encaracolar o cabelo - essas coisas doem. A dor, claro, ensina uma lição importante: nenhum preço é muito grande, nenhum processo é muito repulsivo, nenhuma operação é muito dolorosa para a mulher que seria bonita. *A tolerância à dor e a romantização dessa tolerância começa aqui*, na pré-adolescência, na socialização, e serve para preparar as mulheres para a vida de grávidas, de auto abnegação e de prazer para o marido. A experiência adolescente da "dor de ser mulher" lança a psique feminina num molde masoquista e obriga a adolescente a se conformar com uma autoimagem que se baseia na mutilação do corpo, dor felizmente sofrida e mobilidade física restrita. Ela cria as personalidades masoquistas geralmente

encontradas em mulheres adultas: subservientes, materialistas (já que todo valor é colocado no corpo e na sua ornamentação), intelectualmente restritas, criativamente empobrecidas. Obriga a mulher a ser um sexo de menor realização, mais fraco, tão subdesenvolvido quanto qualquer nação atrasada. De fato, os efeitos dessa relação prescrita entre a mulher e seu corpo são tão extremos, tão profundos, tão extensos, que quase nenhuma área da possibilidade humana é deixada intocada por ela.

Os homens, é claro, gostam de mulheres que "cuidam de si mesma". A resposta masculina à mulher que é maquiada e amarrada é um fetiche aprendido, societal em suas dimensões. Basta se referir à idealização masculina do pé amarrado e dizer que a mesma dinâmica está operando aqui. Romance baseado na diferenciação de papéis, superioridade baseada em uma inferioridade culturalmente determinada e rigidamente imposta, vergonha e culpa e medo da mulher e do próprio sexo: tudo isso exige a perpetuação desses imperativos opressivos de aliciamento.

O significado desta análise do *ethos* romântico certamente é claro. Um primeiro passo no processo de libertação (mulheres da sua opressão, homens da falta de liberdade do seu fetichismo) é a redefinição radical da relação entre as mulheres e seus corpos. O corpo deve ser liberado, libertado, literalmente: da tinta e das cintas e de todas as variedades de porcarias. A mulher deve parar de mutilar seu corpo e começar a viver nele. Talvez a noção de beleza que então emergirá organicamente seja verdadeiramente democrática e demonstre respeito pela vida humana em sua infinita, e mais honrosa, variedade.

## A BELEZA DÓI



## ENIGMA

P: Por que as mulheres não fizeram grandes obras de arte?

R: Porque elas são grandes obras de arte.



## Capítulo 7

# Ginocídio: As Bruxas

Nunca se soube ainda que uma pessoa inocente tenha sido punida por suspeita de bruxaria, e não há dúvida de que Deus jamais permitirá que tal coisa aconteça.

*Malleus Maleficarum*

Seria difícil dar uma ideia de como a Idade das Trevas era realmente escura. "Trevas" mal serve para descrever a escuridão social e intelectual daqueles séculos. O aprendizado do mundo clássico estava em um estado de eclipse. A riqueza desse mesmo mundo caiu nas mãos da Igreja Católica e de diversos monarcas, e a única democracia que as massas sem-terra de servos conheciam era uma distribuição democrática da pobreza. A doença era um caráter ainda mais cruel do que o Senhorio do Casarão. A Igreja medieval não acreditava que a limpeza estivesse ao lado da piedade. Pelo contrário, entre as tentações da carne e o Reino dos Céus, uma camada de sujeira, piolhos e vermes deveria proporcionar proteção e garantir a virtude. Como a carne era por definição pecaminosa, não devia ser descoberta, lavada ou tratada daquelas doenças que eram punição de Deus em primeiro lugar — daí a hostilidade da Igreja à prática da medicina e à busca do conhecimento médico. Abordada por essa predileção medieval pela sujeira e vergonha, sucessivas epidemias de lepra, convulsões epiléticas e peste dizimaram a população da Europa regularmente. Pensa-se que a Peste Negra tenha matado 25% de toda a população da Europa; dois terços a metade da população da França morreram; em algumas cidades todas as pessoas vivas morreram; em Londres estima-se que uma pessoa em cada dez sobreviveu:

Aos domingos, depois da missa, os doentes vinham aos montes, chorando por ajuda e palavras eram tudo o que eles recebiam: Vocês pecaram, e Deus está a afligir-vos. Graças a Ele: você vai sofrer tanto quanto menos tormento na vida que virá. Endurecer, sofrer, morrer. Não tem a Igreja suas orações pelos mortos.<sup>48</sup>

Fome e miséria, os companheiros constantes do servo, podem muito bem ter induzido os tipos de alucinações e histerias que a ignorância profunda traduziu como possessão demoníaca. Doenças, caos social, insurreições camponesas, surtos de mania dançante (tarantismo) com sua flagelação em massa — a Igreja tinha que explicar esses males óbvios. Que tipo de Pastor era este, cujo rebanho era tão cruelmente e regularmente montado? Certamente os fogos infernais e a condenação eterna, que eram vívidos na imaginação cristã, foram modelados na experiência diária, na vida real da Terra.

---

<sup>48</sup> Jules Michelet, *Satanism and Witchcraft* (London: Tandem, 1969). p. 66.

A noção cristã da natureza do diabo passou por tantas transformações quanto a serpente passa por transformações de pele. Nesta evolução, a seleção natural desempenhou um papel determinante à medida que a Igreja foi criando na sua concepção as divindades mais adequadas à sua marca particular de teologia dualista. É uma constante cultural que os deuses de uma religião se tornam os demônios da outra, e a Igreja, intolerante a desvios nesta como em todas as outras áreas, vilipendiou os deuses das religiões pagãs que ameaçavam a supremacia católica na Europa até pelo menos o século XV. As religiões pagãs não eram monoteístas e seus panteões eram pouco conservadores em número. A Igreja tinha uma série de divindades para despachar e o teria feito rapidamente se não fossem os deuses antigos, seus fiéis adeptos, que se agarravam às práticas antigas, que tinham poder local, que tinham que ser pacificados. Assim, a Igreja fez uma espécie de roleta e enviou alguns deuses para o céu (canonizando-os) e outros para o inferno (condenando-os). Especialmente no sul da Europa, as divindades locais, anteriormente abrigadas no Olimpo, podiam continuar suas vocações tradicionais de curar os doentes e proteger os viajantes. A Igreja muitas vezes mudava os nomes dos deuses — para não se envergonhar, sem dúvida. Apolo, por exemplo, tornou-se São Apolinário; Cupido tornou-se São Valentim. Os deuses pagãos também podiam reter seus assombros favoritos — santuários, árvores, poços, cemitérios, agora recém decorados com uma cruz.

Mas no norte da Europa os velhos deuses não se saíram tão bem. Os povos do norte da Europa eram temperamental e culturalmente muito diferentes dos cristãos latinos, e suas religiões centravam-se em torno do totemismo animal e dos ritos de fertilidade. Os "pagãos" aderiram a um animismo primitivo. Eles adoravam a natureza (arqui-inimigo da Igreja), que se manifestava em espíritos que habitavam pedras, rios e árvores. Na fase paleolítica da caça, preocupavam-se com o controle mágico dos animais. Na fase agrícola neolítica posterior, predominavam as práticas de fertilidade para garantir o abastecimento de alimentos.

Os antropólogos acreditam agora que a primeira representação do homem de qualquer divindade antropomórfica é aquela de uma figura com chifres que usa a cabeça de um veado e aparentemente está dançando. Essa figura pode ser encontrada numa caverna em Arriège. As religiões primitivas adoravam ativamente os animais, e em particular os animais que simbolizavam a fertilidade masculina — o touro, o bode ou o veado. Danças extasiadas, festas, sacrifícios do deus ou de seu representante (humano ou animal) eram partes dos ritos. O mago-sacerdote-xamã tornou-se a encarnação terrestre do deus-animal e aparentemente vestido com as peles do animal sagrado (até o Faraó do Egito tinha uma cauda de animal presa à sua cintura). Lá estava ele, repleto de chifres e cascos — a divindade primitiva, atributos dele ecoando nas divindades posteriores Osíris, Ísis, Hathor, Pan e Jano. Sua adoração foi assimilada ao culto fálico dos deuses do céu do norte, subguerra (influência que pode ser vista nas práticas druídicas). Esses ritos pagãos e deidades mantiveram sua divindade na psique de massa, apesar de todas as tentativas da Igreja de colocá-los na lista negra. Alguns reis da Inglaterra foram convertidos pelos missionários, apenas para reverterem à antiga fé quando os missionários partiram. Outros mantiveram dois altares, um dedicado a Cristo, outro ao deus chifrado. Os camponeses nunca fizeram política — agarraram-se à fecundidade —

crenças trágicas. Até o século X, a Igreja protestava contra esse "culto ao demônio", mas não podia fazer nada além de fazer proclamações, impor penitências e jejuns e, é claro, continuar a luta sem fim contra a natureza e a carne.

Este era um negócio sério, pois acreditava-se que o fim do mundo estava iminente. Para os bons cristãos, os preparativos para partir desta morada terrena incluíam a renúncia a todas as atividades hedonísticas (comer, dançar, foder, etc.). São Simão, em sua tentativa de evitar o crime de ser humano, fugiu para o deserto onde ergueu um pilar sobre o qual mortificou sua carne durante a maior parte de seus 72 anos. Ele foi tentado durante todo o tempo por visões de mulheres lascivas. Na verdade, era preciso fome, oração incessante e flagelação para ser visitado por mulheres lascivas naqueles dias e ainda levar a vida cristã perfeita.

A extremidade dos imperativos ascéticos da Igreja convidava a um deboche recíproco. A nobreza, quando não estava massacrando, impunha aquele costume mais curioso, o *jus primae noctis*, que legitimava o estupro de mulheres camponesas recém-casadas. As Cruzadas trouxeram do Oriente especiarias e sífilis — que resumem seu conhecimento da cultura árabe. O clero era tão abertamente corrupto e sensual que sucessivos papas foram obrigados a reconhecê-lo. "Em 1102 um conselho da igreja teve que declarar especificamente que os sacerdotes deveriam ser degradados para sodomia e anátematizados para 'sodomia obstinada'."<sup>49</sup> Bispos e cardeais também eram conhecidos por foder por aí: "Um exemplo típico é aquele Bispo de Toul... cuja concubina favorita era sua própria filha, uma freira de Epinal."<sup>50</sup> Os mosteiros e claustros eram galopantes com a homossexualidade, mas freiras e monges se reuniam ocasionalmente para foder heterossexualmente.

Até o século XII, existiam basicamente três tipos de relacionamento com a Igreja. Havia os ascetas que fugiam das cidades para vagar como animais no deserto e imitavam São Simão, que fazia do chiqueiro sua casa quando não estava no pilar. Os ascetas mortificavam a carne enquanto esperavam a destruição cataclísmica e a eterna ressurreição. Havia a nobreza, o clero e os soldados, que se deleitavam com os excessos carnis de todos os tipos, e os servos que continuavam procriando porque era seu único escape e porque os nobres incentivavam o aumento do número de inquilinos. O último grupo, crucial para este período, foram os hereges. No século XII, vários grupos, vendo as abominações do cristianismo com crescente horror, começaram a expressar abertamente e até mesmo altamente o seu ceticismo. Estas seitas tiveram um papel proeminente na formação da ideia da Igreja sobre o Diabo.

Os valdenses, maniqueus e catarianos foram as principais seitas hereges. Diz-se que "os valdenses foram queimados pelas práticas pelas quais os franciscanos foram canonizados mais tarde".<sup>51</sup> O crime deles foi expor e zombar do clero como fraude. Pela sua piedade, sofreram o destino de todos os hereges, que era o de queimar. Mais influentes e mais perigosos eram os maniqueus, que traçaram suas origens até o persa

---

<sup>49</sup> H. R. Hays, *The Dangerous Sex: The Myth of Feminine Evil* (London: Methuen and Co., 1966), p. 111.

<sup>50</sup> Pennethorne Hughes, *Witchcraft* (Harmondsworth: Penguin Books, 1971), p. 63.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 65.

Mani crucificado em 276 d. C. Os maniqueus adoravam um só Deus, que incorporava tanto o bem quanto o mal, a antiga ideia zoroastriana. Os catarianos, igualmente malignos segundo os cristãos, também adoravam o princípio dual:

...a principal qualidade dos catarianos era piedade e caridade. Eles estavam divididos em duas seções: os fiéis leigos comuns e os Perfecti, que acreditavam na total abstinência e até mesmo no fim lógico de toda ascese — a Endura — um repúdio apaixonado da humanidade física que os levou à fome e aparentemente até ao suicídio em massa. Eles adotaram a maior parte dos ensinamentos e dogmas cristãos do Novo Testamento, misturados com o ritual gnóstico, usando a ascese como um fim para as visões e outras consciências. Foram tão leais às suas crenças que um João de Toulouse conseguiu pleitear perante seus juízes em 1230... "Senhores: escutem-me. Não sou herege, pois tenho mulher e me deito com ela, e tenho filhos; como carne e minto e juro, e sou um cristão fiel." Muitos deles parecem, de fato, ter vivido com a piedade estéril dos santos. Por isso foram acusados de orgias sexuais e sacrilégio, e queimados e flagelados e assediados. No entanto, a heresia floresceu e os catarianos puderam realizar conferências em igualdade de condições com os bispos ortodoxos.<sup>52</sup>

A Santa Inquisição, em sua infância, exterminou os catarianos, tentou exterminar os judeus, e depois passou a exterminar os Templários, a organização cristã de cavaleiros e conquista que se tornou poderosa e rica demais. Tinha-se tornado independente do clero e dos reis, e assim incorrera na ira de ambos. Com essas experiências sob seu cinturão em expansão, a Inquisição do século XV voltou-se para a perseguição daqueles mais hediondos de todos os hereges, as bruxas, ou seja, todos aqueles que ainda se agarravam às antigas crenças cultas da Europa pagã.

Os maniqueus e catarianos, para dar conta da existência do bem e do mal (o mais espinhoso dos problemas teológicos), adoravam o bem e o mal, ambos. Os católicos, não podendo aceitar essa solução, desenvolveram uma teologia complexa a respeito da relação entre Deus e o Diabo, agora chamado Satanás, que se apoiava na estranha ideia de que Satanás era limitado de algumas formas específicas, mas muito maravilhoso, sendo todas as suas maquinações, maldições e condenações "permitidas por Deus" e um testemunho da majestade divina de Deus. Aqui temos a versão católica do pensamento duplo. Através dos processos da famosa lógica de Aristóteles, adaptada por São Tomás de Aquino, que foi a base da teologia católica, ficou claro agora que não acreditar na existência literal de Satanás era equivalente ao ateísmo. O princípio do mal, articulado pelos maniqueus e catarianos, foi absorvido pelo catolicismo, juntamente com a figura chifruda dos antigos cultos pagãos, para produzir o satanás chifrudo, garras, preto, fogo e enxofre dos iconógrafos cristãos medievais.

Depois Calvino e Lutero também fizeram suas contribuições. Lutero teve mais contato pessoal com Satanás do que qualquer homem antes ou depois. Ele proclamou Satanás "Príncipe" deste reino terreno e considerou todas as experiências terrenas sob seu domínio. Lutero e Calvino concordaram que as boas obras não mais contavam —

---

<sup>52</sup> *Ibid.*, pp. 66-67.

apenas a graça divina para os eleitos era suficiente para assegurar a entrada no Reino de Deus. Assim a Reforma Protestante obliterou a pequena medida de esperança que até o catolicismo oferecia. O próprio Calvino era um voraz caçador e queimador de bruxas.

Embora os protestantes tenham contribuído sem modéstia e com grande entusiasmo ao terror das bruxas, encontramos as origens das perseguições reais e organizadas, não inesperadamente, na Bula do Inocente VIII, emitida em 9 de dezembro de 1484. O papa nomeou Heinrich Kramer e James Sprenger como inquisidores e pediu-lhes que definissem bruxaria, descrevessem o *modus operandi* das bruxas e padronizassem os procedimentos de julgamento e sentença. A Bula Papal reverteu a posição anterior da Igreja, que havia sido formulada por um sínodo em 785 a. C.:

...se alguém, enganado pelo diabo, seguindo o costume dos pagãos, acredita que algum homem ou mulher é um feiticeiro que come homens, e por isso a queima ou dá a sua carne para comer, ou a come, é para ser punido com a morte.<sup>53</sup>

A Igreja tinha, portanto, durante 7 séculos considerado a crença na bruxaria uma crença pagã e a queima de bruxas supostamente um crime capital. O Papa Inocêncio, porém, seguro na infalibilidade papal e demonstrando uma verdadeira sensibilidade política (levando à consolidação do poder), descreveu a extensão de sua preocupação:

Ultimamente de fato tem chegado aos Nossos ouvidos, não sem Nos afligir com amarga dor, que em algumas partes do norte da Alemanha, bem como nas províncias, cidades, territórios, distritos e dioceses de Mainz, Cologne, Treves, Saltzburg e Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, desatentas à sua própria salvação e afastadas da Fé Católica, se abandonaram aos demônios, *incubi* [homens] e *succubi* [mulheres], e por seus encantamentos, feitiços, conjurações e outros amaldiçoados encantos e ofícios, inimizadas e ofensas horrendas, mataram ainda crianças no ventre da mãe, como também a prole do gado, explodiram os produtos da terra, as uvas da videira, o fruto das árvores, homens e mulheres, animais de estimação, animais do rebanho, assim como animais de outros tipos, vinhas, pomares, prados, pastagens, milho, trigo, e todos os outros cereais; esses infelizes, além disso, afligem e atormentam homens e mulheres, animais de estimação, animais do rebanho, bem como animais de outros tipos, com dores terríveis e piedosas e doenças dolorosas, tanto internas como externas; impedem os homens de praticar o ato sexual e as mulheres de conceber, donde os maridos não podem conhecer suas esposas nem as esposas recebem seus maridos; Além disso, blasfemam contra a Fé que lhes pertence pelo Sacramento do Batismo e, por instigação do Inimigo da Humanidade, não se encolhem de cometer e perpetuar as mais sujas abominações e os mais imundos excessos para o perigo mortal de suas próprias almas, por meio do qual ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e perigo para muitos.<sup>54</sup>

Para lidar com a crescente maré de bruxaria e em conformidade com as ordens do Papa, Sprenger e Kramer colaboraram no *Malleus Maleficarum*. Este documento, monumento à lógica e à metodologia acadêmica de Aristóteles (citando e indicando "autoridades"), cataloga as principais preocupações da teologia católica do século XV:

---

<sup>53</sup> Hays, *op. cit.*, p. 147.

<sup>54</sup> Heinrich Kramer and James Sprenger, *Malleus Maleficarum*, trans. by M. Summers (London: Arrow Books, 1971), pp. 29-30.

Pergunta I. Se a Crença de que existem Seres como Bruxas é uma Parte Essencial da Fé Católica a Obstinação em manter a Opinião Oposta manifesta sabores de Heresia (Resposta: Sim)

Pergunta III. Se as Crianças podem ser Geradas por *Incubi* e *Succubi* (Resposta: Sim)

Pergunta VIII. Se as Bruxas podem Incorporar o Poder da Geração ou Obstruir o Ato Venéreo (Resposta: Sim)

Pergunta IX. Se as bruxas podem trabalhar em alguma Ilusão Prestidigitatória para que o Órgão Masculino pareça ser totalmente removido e separado do Corpo (Resposta: Sim)

Pergunta XL. Que as Bruxas que são Parteiras de Várias Formas Matam a Criança Concebida no Ventre e Procuram Aborto; ou se não o fizerem, Oferecem Crianças recém-nascidas aos Diabos (Resposta: Sim)<sup>55</sup>

O *Malleus* também descreve o ritual e o conteúdo da bruxaria em si, embora na tradição do paternalismo nativo da Igreja, Sprenger e Kramer tenham o cuidado de não dar fórmulas de encanto ou outras informações perigosas. Eles escrevem sobre os "vários Métodos pelos quais os Demônios através das Bruxas Seduzem e Atraem os Inocentes para o Incremento daquele Horrível Ofício e companhia"; "do Caminho onde se faz um Pacto Formal com o Mal"; "Como são Transportados de Lugar em Lugar"; "Aqui segue o Caminho onde as Bruxas copulam com aqueles Demônios conhecidos como Incubos"<sup>56</sup>, etc. Eles documentam como as bruxas ferem o gado, causam chuvas de granizo e tempestades, doenças em pessoas e animais, enfeitiçam os homens, transformam-se em animais, transformam animais em pessoas, cometem atos de canibalismo e assassinato. A principal preocupação de *Malleus* é com os acontecimentos naturais, a natureza, o mundo dinâmico real que se recusou a se conformar à doutrina católica — o *Malleus*, com trágicos erros de pensamento, explica a maioria dos aspectos da biologia, sexologia, medicina e clima em termos do demoníaco.

Antes de nos aproximarmos do lugar da mulher nesse pedaço mais cristão da história ocidental, a importância do próprio *Malleus* deve ser entendida. Na Idade das Trevas, poucas pessoas liam e os livros eram difíceis de serem encontrados. No entanto, o *Malleus* foi impresso em inúmeras edições. Foi encontrado em todas as salas de audiência. Tinha sido lido por todos os juizes, cada um deles o conhecia de trás pra frente. O *Malleus* tinha mais lucro do que a Bíblia. Era a teologia, era a lei. Desrespeitá-la, desafiar sua autoridade ("poços aparentemente inesgotáveis de sabedoria"<sup>57</sup>, escreveu Montague Summers, em 1946, ano em que nasci) era cometer heresia, um crime capital.

---

<sup>55</sup> *Ibid.*, Table of Contents.

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> *Ibid.*, Preface.

Embora as informações estatísticas sobre as perseguições à bruxaria sejam muito incompletas, existem registros judiciais em determinadas cidades e áreas que são precisos:

Em quase todas as províncias da Alemanha, a perseguição foi cada vez mais intensa. Seiscentos foram queimados por um único bispo em Bamberg, onde a cadeia especial de bruxas foi mantida totalmente lotada. Novecentos foram destruídos em um único ano no bispado de Wurzburg, e em Nuremberg e outras grandes cidades houve cem ou duzentos queimados por ano. Assim como na França e na Suíça. Mil pessoas foram mortas em um ano no distrito de Como. Remigius, um dos inquisidores, autor de *Daemonolatvia* e juiz em Nancy, gabou-se de ter causado pessoalmente a queima de novecentas pessoas no decorrer de quinze anos. Delrio diz que quinhentos foram executados em Genebra, em três meses aterrorizados, em 1515. A Inquisição de Toulouse destruiu quatrocentas pessoas em uma única execução, e cinquenta em Douai em um único ano. Em Paris, as execuções eram contínuas. Nos Pirineus, uma terra de lobos, a forma popular era a do *loup-garou*, e De L'Ancre em Labout queimou duzentas pessoas.<sup>58</sup>

Estima-se que pelo menos 1.000 foram executados na Inglaterra, e os escoceses, galeses e irlandeses foram ainda mais ferozes em suas purgações. É difícil chegar a um número para todo o continente e as Ilhas Britânicas, mas a estimativa mais responsável parece ser de 9 milhões. É bem possível, argumentam algumas autoridades, que tenham sido mais. Nove milhões parecem quase moderados quando se percebe que o Beato Reichhelm de Schongan no final do século XIII calculou que o número dos demônios era de 1.758.064.176. Um conservador, Jean Weir, médico do Duque de Cleves, estimou o número em apenas 7.409.127. A proporção de mulheres para homens executados foi variadamente estimada em 20 para 1 e 100 para 1. A bruxaria foi um crime de mulher.

Os homens eram, não surpreendentemente, na maioria das vezes, os enfeitizados. Sujeitos aos maus desígnios das mulheres, eles eram vítimas aterrorizadas. Os homens que foram condenados por bruxaria eram muitas vezes familiares de bruxas condenadas, ou estavam em posições de poder civil, ou tinham ambições políticas que conflitavam com as da Igreja, um monarca, ou um dignitário local. Os homens eram protegidos de se tornarem bruxas não apenas em virtude de intelecto e fé superiores, mas porque Jesus Cristo, divindade fálica, morreu "para preservar o sexo masculino de um crime tão grande: como Ele estava disposto a nascer e a morrer por nós, por isso Ele concedeu aos homens esse privilégio".<sup>59</sup> Cristo morreu literalmente pelos *homens* e deixou as mulheres para se defenderem do próprio diabo. Sem a intercessão pessoal de Cristo, as mulheres permaneceram o que sempre tinham sido na cultura judaico-cristã:

Agora se fala da maldade das mulheres em *Eclesiasticus xxv*. Não há cabeça acima da cabeça de uma serpente; e não há ira acima da ira de uma mulher. Eu preferia morar com um leão e um dragão do que ficar em casa

---

<sup>58</sup> Hughes, *op. cit.*, pp. 183-84.

<sup>59</sup> Kramer and Sprenger, *op. cit.*, p. 123.

com uma mulher má. E entre muitas coisas que naquele lugar precedem e seguem sobre uma mulher má, ele conclui: Toda a maldade é pouco para a maldade de uma mulher. Por isso S. João Crisóstomo diz no texto. Não é bom se casar (S. Mateus xix): O que mais é a mulher senão um inimigo da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um prejuízo delicioso, uma natureza má, pintada com cores justas!... diz Cícero em seu segundo livro de *A Retórica*. As muitas luxúrias dos homens os levam a um só pecado, mas a única luxúria das mulheres as leva a todos os pecados; pois a raiz de todos os vícios da mulher é a avareza... Quando uma mulher pensa sozinha, ela pensa o mal.<sup>60</sup>

A palavra "mulher" significa "a luxúria da carne. Como é dito: encontrei uma mulher mais amarga que a morte, e uma boa mulher sujeita à luxúria carnal."<sup>61</sup>

Outras características das mulheres as tornavam permeáveis ao pecado e à parceria com Satanás:

E a primeira é que elas são mais crédulas... A segunda razão é, que as mulheres são naturalmente mais impressionáveis, e mais preparadas para receber a influência de um espírito desencarnado...

A terceira razão é que elas têm línguas escorregadias, e são incapazes de esconder de seus semelhantes as coisas que por artes malignas elas conhecem; e como são fracas, encontram uma maneira fácil e secreta de se vingarem por bruxaria...

...porque nesses tempos essa perfídia é mais encontrada nas mulheres do que nos homens, como aprendemos pela experiência real, se alguém está curioso quanto ao motivo, podemos acrescentar ao que já foi dito o seguinte: que, como são mais taxadas tanto na mente quanto no corpo, não é de se estranhar que venham mais sob o feitiço da bruxaria.

Pois no que diz respeito ao intelecto, ou à compreensão das coisas espirituais, elas parecem ser de natureza diferente dos homens; fato que é atestado pela lógica das autoridades, apoiada por vários exemplos das Escrituras. Diz Terence: As mulheres são intelectualmente como as crianças.<sup>62</sup>

As mulheres são por natureza instrumentos de Satanás - elas são por natureza carnis, um defeito estrutural enraizado na criação original:

Mas a razão natural é que ela é mais carnal do que um homem, como fica claro em suas muitas abominações carnis. E é de se notar que houve um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi formada a partir de uma costela dobrada, isto é, costela do peito, que está dobrada como que

---

<sup>60</sup> *Ibid.*, pp. 114-15.

<sup>61</sup> *Ibid.*, pp. 115-16.

<sup>62</sup> *Ibid.*



em sentido contrário ao de um homem. E como através desse defeito ela é um animal imperfeito, ela sempre engana... E tudo isso é indicado pela etimologia da palavra; pois *Femina* vem de *Fe* e *Minus*, pois é sempre mais fraca para segurar e preservar a Fé. E isto no que diz respeito à fé é da sua própria natureza...<sup>63</sup>

...Isto é assim mesmo entre mulheres santas, então o que deve ser entre outras?<sup>64</sup>

Além disso, "mulheres também têm memórias fracas", "a mulher seguirá seu próprio impulso até a sua própria destruição", "quase todos os reinos do mundo foram derrubados pelas mulheres", "o mundo agora sofre através da maldade das mulheres", "uma mulher é linda de se olhar, contaminante ao toque, e mortal de se manter", "ela é uma mentirosa por natureza", "seu andar, postura e hábito... é vaidade das vaidades".<sup>65</sup>

As mulheres são descritas de forma mais viva como sendo "mais amargas do que a morte":

E encontrei uma mulher mais amarga que a morte, que é a armadilha do caçador, e seu coração é uma rede, e suas mãos são bandos. Aquele que agrada a Deus escapará dela; mas aquele que é pecador será apanhado por ela. Mais amarga que a morte, isto é, que o diabo...

Mais amarga que a morte, novamente, porque isso é natural e destrói apenas o corpo; mas o pecado que surgiu da mulher destrói a alma, privando-a da graça, e entrega o corpo até ao castigo pelo pecado.

Mais amarga que a morte, mais uma vez, porque a morte corporal é um inimigo aberto e terrível, mas a mulher é um inimigo sibilante e secreto.<sup>66</sup>

e também:

E que ela é mais perigosa do que uma armadilha sem falar da armadilha dos caçadores, mas dos demônios. Pois os homens são apanhados não só pelos seus desejos carnis, quando veem e ouvem as mulheres: pois diz S. Bernardo: O seu rosto é um vento ardente, e a sua voz o assobio das serpentes... E quando se diz que seu coração é uma rede, fala da impenetrável malícia que reina em seus corações...

Para concluir: Toda bruxaria vem da luxúria carnal, que está na mulher insaciável. Veja Provérbios xxx: há três coisas que nunca são satisfeitas, sim, uma quarta coisa que diz que não, é suficiente; isto é, a boca do ventre.<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 118.

<sup>65</sup> *Ibid.*, pp. 119-21.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 112.

<sup>67</sup> *Ibid.*, pp. 122-23.

Aqui a definição de mulher, assim como a definição pornográfica, é a sua carnalidade; a essência do seu caráter, em comum com a definição de conto de fadas, é a sua malícia e avaria. As palavras fluem com muita facilidade em nossa era psicanalítica: estamos lidando com um terror existencial de mulheres, da "boca do ventre", decorrente de uma ansiedade primordial sobre a potência masculina, ligada a um desejo de autocontrole (fálico); os homens têm medos profundamente enraizados de castração, que se expressam como um horror ao útero. Esses terrores formam o substrato de um mito do mal feminino que, por sua vez, justifica vários séculos de genocídio.

As evidências, fornecidas pelo *Malleus* e execuções que escureceram aqueles séculos, são quase ilimitadas. Uma preocupação particular era que os demônios roubavam sêmen (vitalidade) de homens inocentes e adormecidos - bruxas sedutoras visitavam os homens enquanto dormiam, e faziam o roubo maléfico. Como escreveu Ernest Jones:

A explicação para essas fantasias certamente não é difícil. Uma visita noturna de um ser belo ou assustador que primeiro esgota o adormecido com abraços apaixonados e retira dele um fluido vital: tudo isso pode apontar apenas para um processo natural e comum, ou seja, para emissões noturnas acompanhadas de sonhos de natureza mais ou menos erótica. Na mente inconsciente o sangue é comumente um equivalente para o sêmen.<sup>68</sup>

Sonhar muitas vezes acabou em lenta incineração na fogueira.

A prova mais flagrante da natureza explicitamente sexual das perseguições, porém, teve a ver com um dos crimes mais frequentes das bruxas: elas lançavam "encantos" sobre o órgão masculino para que ele desaparecesse por completo. Sprenger e Kramer fazem de tudo para provar que as bruxas não retiram realmente a genitália, apenas a tornam invisível. Se tal encanto durar menos de 3 anos, um casamento não pode ser anulado; se durar 3 anos ou mais, é considerado um fato permanente e anula qualquer casamento. Os católicos que agora buscam fundamentos para o divórcio talvez devessem considerar o uso desse argumento.

Os homens perderam seus genitais com bastante frequência. Na maioria das vezes, a mulher responsável pela perda era uma amante castrada, maliciosamente voltada para a feitiçaria. Se o homem enfeitado pudesse identificar a mulher que o havia afligido, poderia exigir a reintegração de seus genitais:

Um jovem que perdeu seu membro e suspeitava de uma certa mulher, amarrou uma toalha no pescoço dela, a sufocou e exigiu ser curado. "A bruxa o tocou com a mão entre as coxas, dizendo: 'Agora você tem o seu desejo'." Seu membro foi imediatamente restaurado.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Hays, *op. cit.*, p. 151.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 153.

Muitas vezes as bruxas, gananciosas em virtude da feminilidade, não se contentavam com o roubo de um genital:

E o que pensar, então, daquelas bruxas que desta forma, às vezes, recolhem órgãos masculinos, até vinte ou trinta membros juntos, e os colocam num ninho de pássaros ou os fecham numa caixa, onde se movem como membros vivos e comem aveia e milho, como já foi visto por muitos, como é uma questão de relatório comum?<sup>70</sup>

Como podemos entender que milhões de pessoas durante séculos aceitaram como verdade literal essas alegações notavelmente idiotas? Como podemos começar a compreender que essas crenças funcionaram como base de um sistema de jurisprudência que condenou 9 milhões de pessoas, a maioria mulheres, a serem queimadas vivas? O texto literal do *Malleus Maleficarum*, com seu ódio frenético e psicótico à mulher e o fato dos 9 milhões de mortes, demonstra o poder do mito do mal feminino, revela como ele dominou a dinâmica de uma cultura, mostra o terror primordial absoluto que as mulheres, como seres carnis, guardam para os homens.

Vemos no texto do *Malleus* não apenas o medo da perda de potência ou virilidade, mas dos próprios genitais — um pavor de perder o pau e as bolas. A razão desse medo talvez se localize na natureza da perseverança do ato sexual: os homens entram na vagina duramente, eretos; os homens emergem drenados de vitalidade, o pau flácido. A perda do sêmen, e a sensação de fraqueza que é seu conjunto biológico, tem um significado extraordinário para o homem. A tradição hindu, por exemplo, postula que o homem deve ou expelir o sêmen e depois aspirá-lo de volta para dentro do pênis, ou não ejacular de todo. Para aqueles homens ocidentais para os quais o orgasmo é simultâneo à ejaculação, o sexo deve ser a morte mais literal, com a misteriosa, musculada, sugadora vagina o traficante da morte.

Localizar as origens do mito do mal feminino na castração masculina e nos medos de potência não é tanto participar da visão de mundo freudiana, mas aceitar e aplicar o método do antropólogo e ligar o homem judaico-cristão ocidental com os primitivos australianos, africanos ou das Ilhas Trobriand. Fazer isso é desafiar o egoísmo que informa nossa atitude histórica em relação a nós mesmos e que nos separaria do resto da espécie. Nada indica que a "civilização", a "cultura" e/ou o cristianismo tenham de alguma forma moderado o temor primordial do macho à castração. Muito pelo contrário, a história pode até ser definida como o estudo da expressão concreta desse pavor.

Os cristãos em sua múltipla variedade continuavam a tradição judaica altamente desenvolvida a partir da misoginia, do patriarcado e da supressão sexista, alternativamente conhecida como a propaganda exagerada do Jardim do Éden. O mito da criação de Adão e Eva é o mito básico do homem e da mulher, da criação, da morte e do sexo. Há outra lenda judaica, a de Adão-Lilith, que nunca assumiu esse lugar porque implica outros valores, não sexistas, não patriarcais. O relato de Gênesis de Adão e Eva no Éden envolve, segundo Hays, três temas: "a transição da vida primitiva para a

---

<sup>70</sup> *Ibid.*

civilização, a vinda da morte e a aquisição do conhecimento".<sup>71</sup> Como aponta Hays, Adão estava sendo avisado por Deus Pai que se comer da árvore do conhecimento morrerá. A serpente diz a Eva que ela e Adão não morrerão. A serpente, ao que parece, disse a verdade imediata: Adão e Eva não caem mortos; ao contrário, eles se conhecem carnalmente.

O sexo é, bíblicamente falando, a única fonte da civilização, da morte e do conhecimento. Como castigo, Adão deve ir ao trabalho e Eva deve ter filhos. Temos aqui o início da família humana e da ética do trabalho, ambos ligados à culpa e à repressão sexual em virtude de suas origens. Poderíamos supor, com toda a certeza de um *quarterback* de segunda-feira de manhã, que Adão e Eva sempre foram mortais e carnis e que, ao comerem os frutos proibidos, só se deram conta de qual sempre foi a sua condição. Deus nunca foi muito direto com as pessoas.

Se a precisa moral da história é que a morte é um castigo direto pelo conhecimento carnal (que pode fazer da culpa um corolário epistemológico) ou que a consciência do sexo e da morte são cotérminos, o fato de o homem conhecer e sentir culpa está enraizado no conteúdo edipiano da lenda. Em um patriarcado, não se desobedece ao pai.

O legado de Adão pós-Eden é o conhecimento sexual, a mortalidade, a culpa, a labuta e o medo da castração. Adão tornou-se um homem humano, o chefe de uma família. Seu pecado foi menor que o de Eva, aparentemente por definição novamente. Até mesmo no Paraíso, a falta de vontade, a infidelidade, a carnalidade, a luxúria, a cobiça, a inferioridade intelectual e uma estupidez metafísica marcam seu caráter. Mas o pecado dela era maior que o de Adão. Deus, em sua sabedoria, a criou de um modo que a deixou indefesa contra as artimanhas da serpente — a serpente se aproximou dela por isso mesmo. No entanto, ela carrega a responsabilidade pela queda. O pensamento ambíguo é claramente bíblico em suas origens.

O legado de Eva foi uma dupla maldição: "À mulher Ele disse: multiplicarei grandemente a tua dor e o teu trabalho; na dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele dominará sobre ti."<sup>72</sup> Assim, o ciclo menstrual e a tradicional agonia do parto não compreendem o castigo total — o patriarcado é a outra metade dessa antiga maldição.

Os cristãos, claro, como Avis, esforçando-se mais, vendo na mulher a raiz de todo o mal, limitaram-na a criar mais pecadores para a Igreja salvar. Não é de se admirar, então, que as mulheres permanecessem fiéis adeptas dos cultos totêmicos mais antigos da Europa Ocidental que honravam a sexualidade feminina, deificavam os órgãos sexuais e a capacidade reprodutiva e reconheciam a mulher como encarnando o poder regenerativo da natureza. Os rituais desses cultos, centrados como o fizeram na potência sexual, nascimento e fenômenos ligados à fertilidade, haviam sido desenvolvidos pelas

---

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>72</sup> The Holy Bible (Philadelphia: National Bible Press, 1954), p. 8.

mulheres. A magia era a substância do ritual, o conteúdo da crença. A magia das bruxas era um imponente catálogo de habilidades médicas relativas aos processos reprodutivos e psicológicos, um conhecimento sofisticado de telepatia, auto e heterosugestão, hipnotismo e drogas que controlam o humor. As mulheres conheciam a natureza medicinal das ervas e desenvolviam fórmulas para o seu uso. As mulheres fiéis aos cultos pagãos desenvolveram a ciência da medicina orgânica, usando a vegetação, antes que houvesse qualquer noção da *profissão* da medicina. Paracelso, o médico mais famoso da Idade Média, afirmava que tudo o que sabia tinha aprendido com "as boas mulheres".<sup>73</sup>

Experimentando ervas, as mulheres aprenderam que aquelas que matariam quando administradas em grandes doses tinham poderes curativos quando administradas em quantidades menores. Infelizmente, é como envenenadoras que as bruxas são lembradas. As bruxas usavam drogas como beladona e aconita, anfetaminas orgânicas e alucinógenos. Elas também foram pioneiras no desenvolvimento de analgésicos. Realizavam abortos, prestavam toda a ajuda médica para os nascimentos, eram consultadas em casos de impotência que tratavam com ervas e hipnotismo, e foram as primeiras praticantes de eutanásia. Como a Igreja impôs a maldição de Eva, recusando-se a permitir qualquer alívio da dor do parto, foi deixado para as bruxas diminuir a dor e a mortalidade ao máximo que pudessem. Foi especialmente como parteiras que essas aprendizes ofenderam a Igreja, pois, como Sprenger e Kramer escreveram, "Ninguém faz mais mal à Fé Católica do que as parteiras".<sup>74</sup> A objeção católica ao aborto centrava-se especificamente na maldição bíblica que tornava a gravidez um castigo doloroso — não tinha a ver com o "direito à vida" do feto por nascer. Também foi dito que as parteiras eram capazes de remover as dores de parto da mulher e transferir essas dores para o marido — claramente em violação à injunção divina e à intenção de ambos.

As origens do conteúdo mágico dos cultos pagãos podem ser rastreadas até as fadas, que eram um povo real, neolítico, menor em estatura do que os nativos do norte da Europa ou da Inglaterra. Eram um povo pastoral que não tinha conhecimento da agricultura. Fugiram diante de assassinos e missionários mais fortes, tecnologicamente mais avançados, que desprezavam sua cultura. Criaram comunidades na terra e mantiveram suas moradias em montes meio escondidos no chão. As fadas desenvolveram aquelas habilidades mágicas pelas quais as bruxas, séculos depois, foram queimadas.

A organização socioreligiosa da cultura das fadas era matriarcal e provavelmente poligâmica. A cultura das fadas ainda existia na Inglaterra no final do século XVII, quando até mesmo as crenças pagãs das primeiras bruxas haviam degenerado na paródia cristã que associamos ao satanismo. Os cristãos diretamente reconheceram as fadas como feiticeiras antigas e originais, mas erroneamente viram toda a sua cultura como uma expressão do demoníaco. Havia comunicação entre as fadas e as mulheres pagãs, e qualquer evidência de que uma mulher havia visitado as fadas era considerada prova segura de que ela era uma bruxa.

---

<sup>73</sup> Michelet, *op. cit.*, p. 68.

<sup>74</sup> Kramer and Sprenger, *op. cit.*, p. 161.

Havia, então, três fenômenos distintos, embora inter-relacionados: a raça das fadas com sua organização social matriarcal, seu conhecimento de magia esotérica e medicina; os cultos da fertilidade orientada à mulher, também praticantes de magia esotérica e medicina; e, mais tarde, os cultos diluídos da bruxaria, paródias degeneradas do cristianismo. Há uma particular confusão quando se tenta distinguir entre os dois últimos fenômenos. Muitas das mulheres condenadas pela Inquisição eram verdadeiras devotas da Religião Antiga. Muitas foram confundidas pela militância e agressão cristã, para não mencionar a tortura e a ameaça de queimadas, e viam a si mesmas como bruxas diabólicas e condenadas.

A compreensão do que a Religião Antiga realmente era, como ela funcionava, é crucial se quisermos entender a natureza precisa da caça às bruxas, a quantidade e o tipo de distorção que o mito do mal feminino tornou possível, quem eram as mulheres que estavam sendo queimadas, e o que elas realmente tinham feito. As informações disponíveis vêm principalmente das confissões de bruxas acusadas, registradas e distorcidas pelos Inquisidores, e do trabalho de antropólogas como Margaret Murray e C. L'Estrange Ewen. O cenário dos cultos de feitiçaria é recortado a partir dessas fontes, mas muitas peças estão faltando. Muito conhecimento desaparece com 9 milhões de pessoas.

A religião foi organizada com integridade geográfica. As comunidades tinham suas próprias organizações, estruturadas principalmente em convênios, com cidadãos locais como administradores. Havia reuniões semanais que cuidavam dos negócios — chamavam-se esbats. Depois havia reuniões maiores, chamadas de sabbats, onde muitos convênios se reuniam para festividades totêmicas. Pode ter havido uma verdadeira organização continental com uma cabeça poderosa, mas as evidências sobre este ponto são ambíguas. Era uma religião proselitista, em que os não-membros eram abordados por autoridades locais e convidados a participar. As condições de adesão a um convênio eram o livre consentimento do indivíduo, abjuração de todas as outras crenças e lealdades (particularmente a renúncia a qualquer lealdade à nova Fé Católica), e um juramento de lealdade ao deus chifrado. A filiação foi contratual, ou seja, um membro assinou um contrato efetivo que limitava suas obrigações ao culto a um número específico de anos, ao final dos quais era livre para terminar a lealdade. Na maioria das vezes o Diabo "prometeu a ela dinheiro, e que ela viveria galantemente e teria o prazer do Mundo"...<sup>75</sup> As dívidas da neófita provavelmente foram pagas e ela sem dúvida também aprendeu os segredos da medicina, drogas, telepatia e simples saneamento, o que teria melhorado consideravelmente todos os aspectos de sua existência terrena. Foi somente segundo a Igreja que ela perdeu sua alma como parte do negócio. E, será desnecessário dizer, foi a Igreja, não o Diabo, que lhe tirou a vida.

Uma vez que a neófita tomava a decisão pelo deus chifrado, ela passava por uma iniciação formal, muitas vezes conduzida ao sabbat. A cerimônia era simples. A iniciada declarava que estava se unindo ao convênio de sua livre vontade e jurava devoção ao mestre do convênio que representava o deus com chifres. Ela era então marcada com

---

<sup>75</sup> Hughes, *op. cit.*, pp. 97-98.

algum tipo de tatuagem que era chamada de marca das bruxas. O influxo da tatuagem era doloroso, e o processo de cura era longo. Quando curada, a cicatriz era vermelha ou azul e indelével. Um método particularmente favorável aos caçadores de bruxas quando caçavam era levar uma mulher suspeita, raspar seus pelos púbicos e outros pelos do corpo (incluindo pelos da cabeça, sobrancelhas, etc.) e, ao encontrar qualquer cicatriz, declará-la culpada de bruxaria. Além disso, a existência de qualquer mamilo supranumerário, comum em todos os mamíferos, era prova de culpabilidade.

A iniciada recebia frequentemente um novo nome, especialmente se ela tivesse um nome cristão como Maria ou Fé. As crianças, quando chegavam à puberdade, eram iniciadas no convênio — os pais naturalmente queriam que seus filhos compartilhassem a religião da família. A Inquisição era tão impiedosa com as crianças quanto com os adultos. Há histórias de crianças sendo chicoteadas enquanto suas mães estavam sendo queimadas — isso foi chamado de prevenção.

A cerimônia religiosa, que era o principal conteúdo do sabbat, incluía dançar, comer e foder. Os adoradores prestavam homenagem ao deus chifrado, beijando seu representante, o mestre do convênio, em qualquer lugar que ele indicasse. O beijo era geralmente na bunda do mestre — designado, dizem alguns, para provocar os cristãos da antisodomia. Aquele beijo ritualístico era possivelmente colocado sobre uma máscara que a figura fantasiada — mascarada, com chifres, usando peles de animais, e provavelmente um falo artificial — usava sob sua cauda. O disfarce conjuga o antigo Janus de duas caras.

As bruxas dançavam em uma direção oposta ao caminho do sol, um rito antigo e simbólico. Os luteranos e puritanos proibiram a dança porque ela evocava para eles o espetáculo do culto pagão.

Após a dança, as bruxas comiam. Muitas vezes elas traziam sua própria comida, principalmente na tradição dos almoços de piquenique, e algumas vezes o líder do convênio proporcionava um verdadeiro banquete. Os cristãos alegavam que as bruxas eram canibais e que seu jantar era uma orgia de carne humana, cozinhada e guarnecida como só o Diabo sabia fazer. Na verdade, o jantar comum a todos os sabbats era uma simples refeição de comida usual.

Toda a noção de canibalismo e sacrifício tem sido teimosa, persistente e propositadamente mal compreendida. Não há evidências de que qualquer criança viva tenha sido morta para ser comida, ou que qualquer criança viva tenha sido sacrificada. Há evidências de que algumas vezes crianças mortas foram comidas ritualisticamente, ou usadas em rituais. O canibalismo, e seu substituto não tão simbólico, o sacrifício de animais, era uma parte vital do ritual de todas as religiões primitivas, incluindo a judaica. As bruxas participavam dessa tradição de forma bastante modesta: geralmente sacrificavam uma cabra ou uma galinha. Foram os cristãos que desenvolveram e estenderam o sistema de sacrifício e canibalismo do Velho Mundo a fins quase surreais: Cristo, o cordeiro sacrificial, que morreu uma morte agonizante na cruz para assegurar o perdão dos pecados dos homens e cujos seguidores simbolicamente, ainda hoje, comem

da sua carne e bebem do seu sangue — o que é a Eucaristia se não o canibalismo fossilizado?

A atividade final do sabbat era uma orgia fálica — sexo comunitário, pagão, drogado. O sexo do sabbat se distingue pela descrição da dor. Dizia-se que a relação sexual era dolorosa, que o falo do líder do convênio mascarado era frio e superdimensionado, que nenhuma mulher jamais concebeu. Parece que a figura com chifres usava um falo artificial e podia servir a todos os celebrantes. A Religião Antiga, ao contrário da Religião Cristã, celebrava a sexualidade, a fertilidade, a natureza e o lugar da mulher nela, e o sexo comunitário era um rito lógico e sacrossanto.

O culto aos animais também é inerente aos sistemas religiosos baseados na natureza. Os povos primitivos existiam entre os animais, pouco distintos deles. Através do ritual religioso, as pessoas se diferenciavam dos animais e lhes davam honra — eles eram alimento, sustento. Havia um respeito pelo mundo natural — as pessoas eram caçadoras e caçadas simultaneamente. A perspectiva deles era aguçada. Eles adoravam o espírito e o poder que viam manifestar-se no mundo carnívoro do qual eram parte integrante. Quando o homem começou a ser "civilizado", a se separar da natureza, a se colocar acima da mulher (ele se tornou Mente, ela se tornou Carnalidade) e de outros animais, ele começou a buscar poder sobre a natureza, controle mágico. Os cultos das bruxas ainda tinham um forte sentido das pessoas como parte da natureza, e os animais mantinham um lugar de destaque tanto no ritual quanto na consciência das bruxas. Os cristãos, que tinham um ódio profundo e compulsivo pelo mundo natural, pensavam que as bruxas, por malícia e desejo de poder (pura projeção, sem dúvida), haviam mobilizado a natureza/os animais para um exército anti-cristão robótico. Os caçadores de bruxas estavam convencidos de que sapos, ratos, cães, gatos, etc., recebiam ordens de bruxas, levavam maldições de uma fazenda para outra, causavam morte, histeria e doenças. Pensavam que a natureza era uma conspiração maciça e rastejante contra eles e que a conspiração era organizada e controlada pelas mulheres malvadas. De fato, eles podem ser creditados pelo pioneirismo da política da paranoia total — eles desenvolveram o modelo clássico para aquela patologia particular que tem, como consequência lógica, o genocídio. Seus métodos de lidar com a ameaça das bruxas foram desenvolvidos empiricamente — eles tinham um grande respeito pelo que funcionava. Por exemplo, quando suspeitavam de uma mulher por bruxaria, trancavam-na em um quarto vazio por vários dias ou semanas e se algum ser vivo, qualquer inseto ou aranha, entrasse naquele quarto, essa criatura era identificada como familiar da mulher, e ela era provada culpada de bruxaria. Naturalmente, dado o fato de que os insetos estão em toda parte, particularmente na carpintaria, esse teste de culpa sempre funcionou.

Os gatos eram particularmente associados a bruxas. Essa associação é baseada no antigo significado totêmico do gato:

É sabido que para os Egípcios os gatos eram sagrados. Eles eram considerados encarnações de Ísis e havia também uma divindade felina... Através de Osiris (Ra) eles eram associados ao sol; os raios do "gato solar", que era retratado matando a "serpente das trevas" a cada amanhecer,



acredita-se que produziam fecundidade na Natureza, e assim os gatos eram figuras de fertilidade... Os gatos também eram associados com Hathor, uma deusa de cabeça de vaca, e, portanto, com as colheitas e a chuva...

Ainda mais forte, porém, foi a associação do gato com a lua, e assim ela era uma deusa virgem — uma encarnação mãe-virgem. Em seu caráter de moça, ela era inviolável e auto renovadora... o círculo que ela forma em uma posição enrolada [é visto como] o símbolo para a eternidade, uma recriação sem fim.<sup>76</sup>

Os cristãos não apenas converteram o deus chifrudo em Satanás, mas também o gato sagrado em uma encarnação demoníaca. As bruxas, ao aceitarem os familiares e particularmente em seu sentimento especial pelos gatos, só participaram de uma tradição antiga que tinha como substância o amor e o respeito pelo mundo natural.

Também se acreditava que a bruxa poderia se transformar em um gato ou outro animal. Esta noção, chamada licantropia, tem duas vertentes:

...ou a crença de que uma pessoa bruxa ou diabólica assume temporariamente uma forma animal, para devastar ou destruir; ou que criam um "duplo" animal no qual, deixando o corpo humano sem vida em casa, ele ou ela pode vagar, aterrorizar ou agredir a humanidade.<sup>77</sup>

As origens da crença na licantropia podem ser traçadas em rituais de grupo em que celebrantes, vestidos como animais, recriavam movimentos animais, sons, até mesmo padrões de caça. Como rituais de grupo, essas celebrações seriam pré-históricas. As próprias bruxas, através do uso de beladona, aconita e outras drogas, sentiam que se transformavam em animais.\* O efeito da crença na licantropia sobre a população geral era elétrico: um cão vadio, um gato selvagem, um rato, um sapo — todas eram bruxas, agentes de Satanás, trazendo consigo a seca, a doença, a morte. Qualquer animal do meio ambiente era perigoso, demoníaco. A lenda do lobisomem (popularizada na fábula da Chapeuzinho Vermelho) causava terror. No Labout, duzentas pessoas foram queimadas como lobisomens. Havia histórias intermináveis de fazendeiros matando animais que os atormentavam durante a noite, só para descobrir na manhã seguinte que uma respeitável matrona da cidade havia sido ferida exatamente da mesma maneira.

As bruxas, é claro, também podiam voar em vassouras, e muitas vezes voavam. Antes de ir para o sabbat, elas irritavam seus corpos com uma mistura de beladona e aconita, o que provocava delírios, alucinações, e dava a sensação de voar. A vassoura era um símbolo quase arquetípico da feminilidade, como a forquilha era de masculinidade. A levitação era considerada um fato raro, mas genuíno:

\* Para um relato contemporâneo da licantropia, eu sugeriria *The Teachings of Don Juan: A Yaqui Way of Knowledge*, de Carlos Castaneda (Nova Iorque: Ballantine Books, 1968), pp. 170-84.

<sup>76</sup> Gillian Tindall, *A Handbook on Witches* (New York: Atheneum, 1966), p. 99.

<sup>77</sup> Hughes, *op. cit.*, p. 156.

Quanto à sua história, é uma das primeiras convicções, comum a quase todos os povos, que não só fazem seres sobrenaturais, anjos ou demônios, voar ou flutuar no ar à vontade, como também podem aqueles humanos que invocam sua assistência. A levitação entre os santos foi, e pelo devoto é, aceita como um fato objetivo. O exemplo mais famoso é o de São José de Cupertino, cujos voos extasiantes (e ele empoleirado nas árvores) causaram constrangimento no século XVII. Mas o aparecimento do voo, em transe celestial, tem sido reivindicado ao longo da história da Igreja, e não apenas por figuras tão destacadas como São Francisco, Santo Inácio Loyola, ou Santa Teresa... Na Idade Média era considerada como uma maravilha, mas firmemente estabelecida... Não é, portanto, de todo notável que se acreditasse que as bruxas voassem... [embora] a Igreja proibisse expressamente, durante o reinado de Carlos Magno, qualquer crença de que as bruxas voassem.<sup>78</sup>

Com a típica consistência, então, a Igreja disse que os santos podiam voar, mas as bruxas não. No que diz respeito às bruxas, elas confiavam na sua experiência, elas sabiam que voavam. Aqui elas se alinharam com santos cristãos, iogues, místicos de todas as tradições, na realização de um fenômeno tão antigo que parece se estender quase até as origens do impulso religioso nas pessoas.

Agora sabemos mais do que se pode saber sobre as bruxas: quem eram elas, o que acreditavam, o que faziam, a visão da Igreja sobre elas. Vimos as dimensões históricas de um mito do mal feminino que resultou no massacre de 9 milhões de pessoas, quase todas mulheres, há mais de 300 anos. A própria evidência desse massacre, a lembrança dele, foi suprimida durante séculos para que o mito da mulher como a Criminosa Original, o abismo, o ventre insaciável, pudesse perdurar. Aniquilada com os 9 milhões foi toda uma cultura, centrada na mulher, centrada na natureza — todo o seu conhecimento se foi, todo o seu saber está destruído. Os historiadores (brancos, homens e sem credibilidade para as mulheres, índios, negros e outros povos oprimidos, quando começam a buscar as cinzas de seu próprio passado) acharam o massacre das bruxas sem importância demais para incluir nas crônicas daqueles séculos, exceto como nota de rodapé, sem importância demais para serem vistos como a substância daqueles séculos — não reconheceram os séculos de ginocídio, não registraram a angústia daquelas mortes.

Nosso estudo da pornografia, nosso viver da vida, nos diz que o mito do mal feminino vivido tão resolutamente pelos cristãos da Idade Média, está vivo e bem, aqui e agora. Nosso estudo da pornografia, nosso viver da vida, nos diz que embora as bruxas estejam mortas, queimadas vivas na fogueira, a crença no mal feminino não está, o ódio à carnalidade feminina não está. A Igreja não mudou suas premissas; a cultura não refutou essas premissas. Resta a nós, herdeiros desse mito, destruí-lo e as instituições que nele se baseiam.

---

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 130.

# PARTE 4

## ANDROGINIA

Quando a energia sexual das pessoas for libertada, elas quebrarão as correntes.

A luta para quebrar a forma é primordial. Porque, de outro modo, estamos contidos em formas que nos negam a possibilidade de perceber uma forma (uma técnica) para escapar ao fogo no qual estamos sendo consumidos.

A jornada para o amor não é romântica.

Julian Beck, *The Life of the Theatre*

Queremos destruir o sexismo, ou seja, as definições polares de papéis de macho e fêmea, homem e mulher. Queremos destruir o poder patriarcal na sua fonte, a família; na sua forma mais hedionda, o Estado-nação. Queremos destruir a estrutura da cultura tal como a conhecemos, sua arte, suas igrejas, suas leis: todas as imagens, instituições e conjuntos mentais estruturais que definem as mulheres como tubos de foda molhados quentes (*hot wet fuck tubes*), fendas quentes.

A mitologia andrógina nos fornece um modelo que não utiliza definições polares de papéis, onde as definições não são, implícita ou explicitamente, masculino = bom, feminino = mau, homem = humano, mulher = outro. Os mitos da androginia são modelos mitológicos multissexuais. Eles vão muito além da bissexualidade como a conhecemos nos cenários que sugerem para construir comunidade, para realizar a expressão mais completa da possibilidade e da criatividade sexual humana.

A androginia como conceito não tem a noção de repressão sexual incorporada a ela. Onde a mulher é carnal, e a carnalidade é maléfica, parece lógico (saudemos a razão!) que a mulher deve ser acorrentada, chicoteada, castigada, purgada; que a foda é vergonhosa, proibida, temerosa, culpabilizada. A androginia como base da identidade sexual e da vida em comunidade não proporciona tais imperativos. Liberdade sexual e liberdade para as mulheres biológicas, ou todas as pessoas "femininas", não são separáveis. Que elas são diferentes, e que a liberdade sexual tem prioridade, é a pior das *hypes* sexistas. A androginia pode mostrar o caminho para ambas. Pode ser o único caminho para a liberdade aberta às mulheres, aos homens, e aquela maioria emergente, o resto de nós.

## Capítulo 8

# Androginia: O Modelo Mitológico

É uma questão de encontrar o modelo certo. Nascemos em um mundo no qual as possibilidades sexuais são estritamente circunscritas: Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida; O, Claire, Anne; amor romântico e casamento; Adão e Eva, a Virgem Maria. Estes modelos são a mensagem substantiva desta cultura — eles definem conjuntos e padrões psicológicos da interação social que, em nossa personagem adulta, vivemos. Funcionamos dentro do cenário sociorreligioso do certo e do errado, do bom e do mau, do lícito e do ilícito, do legal e do ilegal, todos saturados de vergonha e de culpa. Nós somos *programados* pela cultura tão seguramente quanto os ratos são programados para fazer o árduo caminho através do labirinto de cientistas, e essa programação opera em todos os níveis de escolha e ação. Por exemplo, vimos como o *ethos* romântico está relacionado com a forma como as mulheres se vestem e cosmetizam seus corpos e como esse comportamento regula a mobilidade física literal das mulheres. Pegue qualquer aspecto do comportamento e pode-se encontrar a fonte da resposta programada na estrutura cultural. A preocupação obsessiva do homem ocidental com a liberdade metafísica e política é quase risível neste contexto.

Os psicólogos de profundidade consideram o homem o centro de seu mundo — sua psique é o universo primário que governa, muito diretamente, o universo secundário, distinto dele, da natureza; os filósofos consideram o homem, na parte fragmentada e altamente superestimada chamada intelecto, o centro do mundo natural, de fato seu único membro significativo; os artistas consideram o homem, isolado em sua função criativa, o centro do processo criativo, da tela, do poema, um engenheiro da cultura; os políticos consideram o homem, representado por sua organização sociopolítica e seus exércitos, o centro de qualquer poder planetário que possa ser relevante e significativo; os religiosos consideram Deus um homem substituto, criado precisamente à imagem do homem, só que mais ainda, como sendo pai da família humana. A noção do homem como parte do mundo natural, integrado nele, em forma tão distinta (não mais tanto) como a tarântula, em função tão importante (não mais tanto) como a abelha ou a árvore, está em eclipse, e esse eclipse não se estende por uma década, ou mais de um século, mas por toda a história escrita. A arrogância que informa a relação do homem com a natureza (simplesmente, ele é superior a ela) é precisamente a mesma arrogância que informa a sua relação com a mulher (simplesmente, ele é superior a ela). Aqui vemos a equação completa: mulher = carnalidade = natureza. A separação do homem da natureza, o homem colocando-se acima dela, é diretamente responsável pela situação ecológica atual que pode levar à extinção de muitas formas de vida, incluindo a vida humana. O homem tratou a natureza como tratou a mulher: com a violação, o saque, a violência. O mundo fenomenológico é caracterizado pela sua diversidade, pela complexidade e mutualidade das suas interações, e a única hipótese de sobrevivência do homem neste mundo consiste em encontrar a relação adequada com ele.

Em termos de relação inter-humana, o problema é semelhante. Como indivíduos, experimentamo-nos como o centro de qualquer mundo social que habitamos. Pensamos que somos livres e nos recusamos a ver que *somos funções de nossa cultura particular*. Essa cultura não nos reflete mais organicamente, não é a nossa soma total, não é a fenomenologia coletiva de nossas possibilidades criativas — ela nos possui e governa, nos reduz, obstrui o fluxo de energia e atividade sexual e criativa, penetra até mesmo no que Freud chamou de id, dá forma de pesadelo ao desejo natural. A fim de alcançar um equilíbrio adequado na interação inter-humana, devemos encontrar formas de nos transformarmos de agentes culturalmente definidos em seres naturalmente definidos. Devemos encontrar formas de destruir as personagens culturais impostas às nossas psiques e devemos descobrir formas de relacionamento, comportamento, ser sexual e interação, que sejam compatíveis com as nossas possibilidades naturais inerentes. Devemos afastar-nos das definições perversas e bidimensionais que derivam da repressão sexual, que são a fonte da opressão social, e avançar para modos criativos, plenos e multidimensionais de expressão sexual.

Essencialmente o argumento é este: olhamos para o mundo que habitamos e vemos desastres por toda parte; estados policiais; prisões e hospitais psiquiátricos cheios até transbordar; alienação de trabalhadores do seu trabalho, mulheres e homens uns dos outros, crianças da comunidade adulta, governos desdenhosos do seu povo, pessoas cheias de intenso ódio a si mesmas; violência de rua, agressão, estupro, assassinos contratados, assassinos psicóticos; aquisição enlouquecida, concentração de poder e riqueza; fome, carência, miséria, campos cheios de refugiados. Esses fenômenos marcam a distância entre o homem civilizado e o homem natural, o homem tribal, cujos padrões sexuais e sociais funcionavam de uma forma mais integrada e equilibrada. Sabemos como é agora, e queremos saber como era então. Enquanto não podemos reconstruir o momento em que os humanos emergiram na evolução em humanidade reconhecível, ou analisar essa pessoa para ver como era a existência, enquanto não podemos procurar emular rituais e formas sociais de povos tribais, ou penetrar e depois imitar a relação dinâmica que os povos primitivos tinham com o resto do mundo natural, enquanto não podemos sequer saber muito do que aconteceu antes das pessoas fazerem cerâmica e construírem cidades, enquanto não podemos (e talvez não quiséssemos) obliterar o conhecimento que temos (de viagens espaciais e vacinas contra a pólio, cimento e Hiroshima), ainda podemos encontrar ecos da cultura de um tempo distante em que as pessoas estavam mais juntas, figurativa e literalmente. Estes ecos refletem um período no desenvolvimento humano em que as pessoas funcionavam como uma parte do mundo natural, não contra ele; quando homens e mulheres, macho e fêmea, eram o que eram, não opostos polares, separados por vestimentas e papéis em castas, peças fragmentadas de um todo não imaginado.

Nos últimos anos, psicólogos profundos, em particular, voltaram-se para povos primitivos e situações tribais, num esforço para penetrar na dinâmica básica de homens e mulheres. O esforço mais notável foi feito por Jung, e é necessário afirmar aqui que, admirável como às vezes é seu outro trabalho, Jung e seus seguidores levaram consigo a bagagem do patriarcado e do dualismo sexual para a busca. Jung descreve homem e mulher nos termos absolutos nativos da cultura, como arquétipos preexistentes na

psique. Homem é definido como autoridade, lógica, ordem, aquilo que é saturniano e encarna os valores consonantes do patriarcado; mulher é definida como emocional, receptiva, anárquica, canceriana. O matriarcado precedeu o patriarcado porque os valores patriarcais (particularmente a necessidade de organização complexa) informam as sociedades avançadas, enquanto os valores femininos informam as sociedades tribais mais primitivas. No que diz respeito a homens e mulheres individuais, a psique masculina tem um componente feminino (o subconsciente) que é anárquico, emocional, sensível, *lunar*, e a personalidade feminina tem um componente masculino (o consciente, ou mente) que pode ser definido como uma capacidade de pensamento lógico. É claro que as mulheres biológicas são governadas, afinal, pelo subconsciente; os homens são governados, não surpreendentemente, pelo consciente, pela mente, pelo intelecto. Pode-se imaginar um tempo e um lugar onde o intelecto não é valorizado sobre o anárquico, emocional, sensível — lunático?: mas esse seria o tipo mais gratuito da fantasia. Jung nunca questionou a arbitrariedade cultural dessas categorias, nunca olhou para elas para ver suas implicações políticas, nunca soube que eram sexistas, que ele funcionava como um instrumento de opressão cultural.

No livro *Woman's Mysteries: Ancient and Modern* (Os Mistérios da Mulher: Antigo e Moderno), M. Esther Harding, uma grande estudante de Jung e Patrona do Instituto C. G. Jung, aplica a ontologia junguiana a um estudo de mitologia. Tomando a lua, Luna, como a padroeira das mulheres (ignorando qualquer imagem masculina associada com a Lua, e esta imagem é substancial; ignorando qualquer imagem feminina ligada ao sol, e esta imagem é substancial), Harding finalmente identifica a mulher com o demoníaco, como fez a Igreja Católica:

Mas se ela parar o tempo suficiente para olhar para dentro, ela também pode se tornar consciente de impulsos e pensamentos que não estão de acordo com suas atitudes conscientes, mas são o resultado direto do ser feminino bruto e indomado dentro dela. Na maioria das vezes, porém, uma mulher não olhará para esses segredos sombrios de sua própria natureza. É demasiado doloroso, demasiado minador do caráter consciente que ela construiu para si mesma; ela prefere pensar que ela realmente é como ela parece ser. E de fato é sua tarefa ficar entre o Eros que está dentro dela, e o mundo sem ela, e através de sua própria adaptação feminina ao mundo para fazer humano, por assim dizer, o poder demoníaco do princípio feminino não-humano.<sup>79</sup>

Eros, o subconsciente, o fluxo da energia sexual humana — descrito como os queimadores de bruxas o descreveram, “o poder demoníaco do princípio feminino não-humano”. Harding é absolutamente representativa do ponto de vista junguiano.

É uma consequência natural desta postura dualista que homem e mulher são colocados um contra o outro e que o conflito é o modo dinâmico de relacionamento aberto a machos e fêmeas, homens e mulheres, quando se encontram:

---

<sup>79</sup> M. Esther Harding, *Woman's Mysteries: Ancient and Modern* (London: Rider and Company, 1971), pp. 35-36.

Estas discrepâncias nas suas atitudes dependem do fato de a constituição psíquica dos homens e das mulheres ser essencialmente diferente; são espelhos opostos um do outro... Para que a sua natureza essencial e os seus valores sejam diametralmente opostos.<sup>80</sup>

Estes conjuntos masculino e feminino são definidos como arquétipos, embutidos num inconsciente coletivo, a estrutura dada da realidade. Eles são opostos polares; o seu modo de interação é o conflito. Não podem entender um ao outro porque são absolutamente diferentes: e, claro, é sempre mais fácil fazer violência a algo Outro, algo cuja "natureza e valores" são outros. (As mulheres nunca entenderam que elas são, por definição, Outro, não masculino, portanto, não humano. Mas os homens experienciam as mulheres como sendo totalmente opostos, outros. Como a violência é fácil). Há, porque Jung era um bom homem e os junguianos são boas pessoas, um final feliz: embora estas duas forças, masculina e feminina, sejam opostas, elas são complementares, duas metades de um mesmo todo. Um não é superior, outro não é inferior. Um não é bom, um não é mau. Mas esta resolução é inadequada porque a cultura, na sua ficção e na sua história, demonstra que um (homem, lógica, ordem, ego, pai) é bom e superior a ambos, e que o outro (adivinha qual) é mau e inferior a ambos. *É o chamado princípio feminino de Eros que toda a parafernália do patriarcado conspira para suprimir através da opressão psicológica, fisiológica e econômica daquelas que são biologicamente mulheres.* A ontologia de Jung serve àquelas pessoas e instituições que subscrevem o mito do mal feminino.

A identificação do feminino com Eros, ou energia erótica (carnalidade por qualquer outro nome), vem de um mal-entendido fundamental da natureza da sexualidade humana. A informação essencial que levaria a noções não sexistas e não repressivas da sexualidade encontra-se nos mitos da androginia, mitos que descrevem a criação do primeiro ser humano como masculino e feminino em uma só forma. Em outras palavras, Jung escolheu o modelo errado, os mitos errados, sobre os quais construir uma psicologia de homens e mulheres. Ele usou mitos infusos com valores patriarcais, mitos que ganharam moeda de troca em culturas dominadas por homens. As descobertas antropológicas que alimentaram a formação de suas teorias, todas revelam peças relativamente recentes da história humana. Com poucas exceções, todas as informações antropológicas que temos lidam com o passado próximo.\* Mas os mitos que são a base e legitimam a nossa cultura são perversões grosseiras dos mitos originais da criação que moldaram a psique de povos anteriores, possivelmente menos autoconscientes e mais conscientes. Os mitos originais dizem todos a respeito de uma andrógina primordial — uma divindade andrógina, um povo andrógino. As corrupções desses mitos de uma andrógina primordial sem exceção sustentam noções patriarcais de polaridade sexual, dualidade, homem e mulher como opostos e antagonicos. O mito de uma andrógina

\* Estima-se que o espaço de tempo entre 7000 a.C. (quando as pessoas começaram a domesticar os animais e a fazer cerâmica) e 1974 d.C. é apenas 2% de toda a história humana.

---

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 36.

primordial sobrevive como parte de um verdadeiro subterrâneo cultural: embora seja ignorado, desprezado por uma cultura que postula outros valores, e embora aqueles que relacionam seus estilos de vida diretamente a ele tenham sido ostracizados e perseguidos.

Com toda essa conversa de mito e mitologia, o que é mito, e por que tem tanta importância? A melhor definição continua sendo a de Eliade, que escreveu em *Myths, Dreams, and Mysteries* (Mitos, Sonhos e Mistérios):

O que é exatamente um mito? Na linguagem corrente durante o século XIX, um "mito" significava qualquer coisa que se opusesse à "realidade": a criação de Adão, ou do homem invisível, nada menos que a história do mundo descrita pelos Zulus, ou a *Teogonia* de Hesíodo — estes eram todos "mitos". Como muitos outros clichês do Iluminismo e do Positivismo, este também era de origem e estrutura cristã; pois, segundo o cristianismo primitivo, tudo o que não podia ser justificado por referência a um ou outro dos dois Testamentos era falso; era uma "fábula". Mas as pesquisas dos etnólogos nos obrigaram a ir por trás dessa herança semântica da polêmica cristã contra o mundo pagão. Estamos finalmente começando a conhecer e compreender o valor do mito, tal como foi elaborado nas sociedades "primitivas" e arcaicas — isto é, entre aqueles grupos da humanidade onde o mito é o próprio fundamento da vida social e da cultura. Agora um fato nos impressiona imediatamente: em tais sociedades o mito é pensado para expressar a *verdade absoluta*, porque narra uma *história sagrada*; isto é, uma revelação transhumana que teve lugar no alvorecer do Grande Tempo... Sendo *real* e *sagrado*, o mito torna-se exemplar, e, conseqüentemente, *repetível*, pois serve de modelo, e da mesma forma, de justificação, para todas as ações humanas. Em outras palavras, *um mito é uma verdadeira história do que aconteceu no início do Tempo, e que fornece o padrão para o comportamento humano.* [Itálico acrescentado]<sup>81</sup>

Eu estenderia a definição de Eliade em apenas um aspecto. Não é apenas nas sociedades primitivas e arcaicas que os mitos fornecem este modelo de comportamento — é em todas as sociedades humanas. A distância entre o mito e a organização social é talvez maior, ou mais confusa, nas sociedades tecnológicas avançadas, mas o mito ainda opera como a subestrutura do coletivo. A história de Adão e Eva afetará a forma dos assentamentos na lua e em Marte, e a versão cristã do mito primitivo de um sacrifício de fertilidade divina satura os meios de comunicação tecnologicamente mais avançados.

Quais são os mitos da androginia, e como os localizamos por trás dos mitos da polaridade com os quais estamos familiarizados? Começemos com as noções chinesas de yin e yang.

Yin e yang são comumente associados com feminino e masculino. A ontologia chinesa, tão atraente que parece dar uma descrição completa, harmoniosa e sem valores

---

<sup>81</sup> Mircea Eliade, *Myths, Dreams, and Mysteries: The Encounter between Contemporary Faiths and Archaic Realities* (New York: Harper & Row, 1960), p. 23.



dos fenômenos, descreve o movimento cósmico como uma manifestação cíclica, profundamente entrelaçada de yang (masculino, agressivo, luz, primavera, verão) e yin (feminino, passivo, escuridão, outono, inverno). As identificações sexuais reduzem os conceitos com demasiada frequência às polaridades conceituais: são usadas para fixar a natureza própria de homens e mulheres, assim como as forças masculinas e femininas. Estas definições, como as junguianas que se baseiam nelas, são aparentemente modificadas pelas afirmações de que (1) todas as pessoas são compostas tanto de yin como de yang, embora no homem yang predomine adequadamente e na mulher yin predomine adequadamente; (2) estas forças masculinas e femininas são duas partes de um todo, igualmente vitais, mutuamente indispensáveis. Infelizmente, enquanto se olha para o dia-a-dia, essa encarnação biológica do yin, a mulher, encontra-se, como sempre, na metade escura do universo.

As conotações sexuais de yin e yang, no entanto, são afixadas nos conceitos originais. Elas refletem uma cultura já patriarcal e misógina. Richard Wilhelm, num ensaio sobre um antigo texto chinês chamado *The Secret of the Golden Flower* (O Segredo da Flor de Ouro), dá os significados não corrompidos de yin e yang:

Do Tao, e do *Tai-chi* ["o grande polo de cumeeira, o grande fim"] ali se desenvolvem os princípios da realidade, sendo um polo a luz (yang) e o outro a escuridão, ou o sombrio, (yin). Entre os estudiosos europeus, alguns se voltaram primeiro para as referências sexuais para uma explicação, mas os caracteres se referem a fenômenos na natureza. Yin é a sombra, portanto o lado norte de uma montanha e o lado sul de um rio... Yang, na sua forma original, indica flâmulas voadoras e, correspondendo ao caráter de yin, é o lado sul de uma montanha e o lado norte de um rio. Começando somente com o significado de "luz" e "escuridão", o princípio foi então expandido para todos os opostos polares, inclusive o sexual. No entanto, como tanto yin como yang têm a sua origem comum em um Uno indiviso e só são ativos no reino dos fenômenos, onde yang aparece como princípio e condições ativas, e yin como princípio passivo é derivado e condicionado, é bastante claro que um dualismo metafísico não é a base para estas ideias.<sup>82</sup>

A luz e a escuridão são óbvias num sentido fenomenológico — há o dia e ele muda lentamente para a noite que depois muda lentamente para o dia. Quando os homens começaram a conceituar sobre a natureza do universo, os fenômenos da luz e da escuridão eram um ponto de partida óbvio. Minha própria experiência é que a noite e o dia são mais parecidos do que diferentes — nesse caso não poderiam ser opostos. O homem, ao conceituar, reduziu os fenômenos a dois, quando os fenômenos são mais complexos e sutis do que o intelecto pode imaginar.

Ainda assim, como é que é o feminino, o sexualmente fêmea, que é encarnado no yin? Até mesmo o patriarcado e a misoginia começaram em algum lugar. Aqui eu só posso adivinhar. Sabemos que ao mesmo tempo os homens eram caçadores e as mulheres plantadoras. Ambas as formas de trabalho eram essenciais e árduas. Ambas exigiam uma força física incrível e um conhecimento e habilidade consideráveis. Por que

---

<sup>82</sup> *The Secret of the Golden Flower*, introdução de Richard Wilhelm (London: Routledge, 1962), p. 12.

é que os homens caçavam e as mulheres plantavam? Claramente as mulheres plantavam porque estavam frequentemente grávidas e, embora a gravidez não as tornasse fracas e passivas, significava que não podiam correr, ficar sem comida por longos períodos de tempo, sobreviver nos termos que a caça exigia. É provável que muito cedo na história humana as mulheres também fossem caçadoras, e que era crucial para a sobrevivência da espécie que elas se desenvolvessem em plantadoras — primeiro para complementar o fornecimento de alimentos, segundo para reduzir a mortalidade infantil e feminina. Vemos que a primeira divisão do trabalho baseada no sexo biológico teve origem num imperativo fundamental de sobrevivência. No início dos tempos, sem contracepção e sem noção do lugar do homem no processo de gravidez, as mulheres eram investidas de um poder mágico supremo, que gerava temor e medo nos homens. Ao desenvolverem habilidade no plantio, elas encarnaram ainda mais explicitamente a fertilidade, a geração e, claro, a morte. A esmagadora mana (energia vital) das mulheres, juntamente com a alta mortalidade que acompanhava o parto, poderia muito bem ter levado a práticas de proteção, segregação e restrição social que aumentavam lentamente. Com a gravidez como inevitável na vida da mulher, os homens começaram a organizar a vida social de uma forma que excluía a mulher, o que a limitava de viver fora de sua função reprodutiva. Quando os homens começaram a conhecer o poder, esse poder diretamente relacionado com a exclusão das mulheres da vida comunitária, o mito do mal feminino desenvolveu-se e forneceu justificção para leis, ritos e outras práticas que relegavam as mulheres a pedaços de propriedade. Como corolário, os homens desenvolveram o gosto por subjugar os outros e acumular o poder e a riqueza que os caracteriza até os dias de hoje.

Voltando ao yin e yang, o que é crucial é a percepção de que estes conceitos não estavam originalmente ligados ao sexo. Em termos mais concretos, o Grande Original (primeiro ser) das crônicas chinesas é a mulher santa T'ai Yuan, que foi uma andrógina, uma manifestação combinada de yin e yang. O primado é dado aqui ao princípio feminino (o gênero do substantivo é feminino) por causa da função generativa da mulher.

Entre os budistas tibetanos, as chamadas polaridades homem-mulher são chamadas de *yabyum*, entre os hindus indianos, elas são chamadas de Shiva e Shakti. Nas seitas tântricas de ambas as tradições, encontra-se um culto religioso vivo ligado ao mito de uma andrógina primordial, à união de homem e mulher. Também se descobre, não surpreendentemente, que os cultos tântricos são condenados pela cultura matriz com a qual se identificam. O rito religioso culminante dos tântricos é a foda sacramental, a união ritual do homem e da mulher que atinge, ainda que apenas simbolicamente, a energia andrógina original.

Este é o fato marcante quando se olha para *yabyum* e Shiva-Shakti:

O hindu atribuiu o aparelho simbólico masculino ao passivo, o feminino ao polo ativo; o budista fez o oposto; o hindu atribuiu o princípio

do conhecimento ao polo passivo masculino, e o princípio dinâmico ao ativo feminino; o budista Vajrayana fez o contrário.<sup>83</sup>

A explicação para esta grande diferença, esta ligação em um caso do feminino ao passivo e no outro do feminino ao ativo, é que estas ligações foram feitas arbitrariamente.<sup>84</sup> Duas convicções vitais para a ontologia sexista são minadas: que em toda parte o feminino é sinônimo de passivo, receptivo, etc., e assim deve ser verdade; que a definição do feminino como passivo, receptivo, etc., vem do fato visível e incontroverso da passividade feminina, receptividade, etc.

Na mitologia hindu, ao contrário da mitologia judaica, o mundo fenomenológico não é criado por deus como algo distinto dele. É a divindade em manifestação. Como Campbell a descreve: "... a imagem do antepassado andrógino é desenvolvida em termos de uma leitura essencialmente psicológica do problema da criação".<sup>85</sup> Em uma descrição desse ser andrógino, encontramos: "Ele era tão grande como um homem e uma mulher abraçando. Esse Eu então se dividia em duas partes; e com isso havia um mestre e uma mestra. Portanto este corpo, por si só, como declara o sábio Yajnavalkya, é como a metade de uma ervilha dividida."<sup>86</sup>

No Egito, uma das primeiras formas de divindade lunar foi a Isis-Net, uma andrógina. A Ártemis grega era andrógina. Assim é Awonawilona, deus chefe do Pueblo Zuni. O deus grego Eros também era andrógino.

Platão, repetindo uma versão corrompida de um mito muito mais antigo, descreve no *Banquete* três tipos de seres humanos originais: masculino/masculino, masculino/feminino, feminino/feminino. Esses humanos originais eram tão poderosos que os deuses os temiam e assim Zeus, cuja própria ascendência andrógina não o impediu de se tornar o Macho Kid, os reduziu pela metade.

Os Aranda da Austrália conhecem um ser sobrenatural chamado Numbakulla, "Eterno", que fez andróginos como os primeiros seres, depois os separou, depois os amarrou de volta com cânhamo para fazer casais. É essencialmente esta história que se repete por todo o mundo primitivo.

Certas tribos africanas e melanésias têm imagens ancestrais de um ser com seios, pênis e barba. Estátuas hindus que mostram Shiva e Shakti unidos participam da mesma tradição devocional — percebemos que estão unidos no ato sexual, mas também é possível que representem um corpo andrógino literal.

Ainda existem práticas religiosas devocionais que remetem à mitologia da andrógina primordial — o Tantra, por exemplo, tanto em suas manifestações tibetanas quanto indianas, participa claramente dessa tradição. Possivelmente o rito da subincisão,

---

<sup>83</sup> Agehananda Bharati, *The Tantric Tradition* (Garden City: Doubleday and Company, 1970), pp. 18-19.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 200.

<sup>85</sup> Joseph Campbell, *The Masks of God: Primitive Mythology* (New York: Viking, 1969), p. 109.

<sup>86</sup> *Ibid.*, p. 105.

praticado na Austrália, esteja similarmente enraizado no mito andrógino. A subincisão é o ritual de abrir a parte inferior do pênis para formar uma fenda permanente na uretra. A abertura é chamada de "ventre do pênis". Campbell observa que "A subincisão produz artificialmente uma hipospádia semelhante à de uma certa classe de hermafroditas".<sup>87</sup> O impulso de volta à androginia, onde é manifesto, é sacro, forte, atraente. É interessante aqui especular sobre o tabu do incesto. A articulação freudiana do que o complexo de Édipo é e significa serve aos imperativos de uma cultura patriarcal, da moral judaico-cristã, e permanece em grande parte incontestada. Mas as primeiras configurações *devocionais* mãe-filho são as de uma Mãe/Deusa e seu Filho/Amante. O filho é amante da mãe e é ritualmente sacrificado em um momento predeterminado (as mães não precisam ser possessivas). Este sacrifício não está relacionado a culpa ou punição — é um sacrifício sagrado que santifica a tribo, honra a oferenda e tem como premissa os padrões cíclicos de fertilidade de vida, morte e regeneração. Esses ritos, associados à adoração da Grande Mãe (a primeira corrupção do Grande Original, ou andrógino primordial) envolviam relações sexuais rituais entre mãe e filho, com o subsequente sacrifício do filho. Ao mesmo tempo, tanto um filho quanto uma filha eram sacrificados, mas como a filha se tornou uma mãe-substituta, o filho foi sacrificado sozinho. Esse conjunto sacralizado, Mãe/Deusa-Filho/Amante, e os rituais a ele associados, são desenvolvimentos pós-andróginos: ou seja, homens e mulheres experimentaram a separação (não a dualidade) e tentaram recriar simbolicamente o estado andrógino da mente e do corpo através do que hoje chamamos incesto. Se é verdade que as implicações dos mitos andróginos em termos de comportamento são contrárias a toda noção judaico-cristã, ou mais genericamente sexista, de moralidade, disso seguiria que o incesto é o tabu primário desta e de culturas similares, pois tem suas raízes na mentalidade andrógina sexualmente dinâmica. De fato, não é surpreendente descobrir que as primeiras versões da história de Édipo não terminam com Édipo arrancando os olhos. Sófocles deixa Édipo dominado pelo medo, culpa e remorso, cego e arruinado. Na versão homérica anterior, Édipo se torna rei e rainha feliz para sempre. Freud escolheu a versão errada da história certa.

Até mesmo a mitologia judaica fornece uma andrógina primordial. Aqui está a substância de um subterrâneo cultural mais diretamente relacionado a nós. Segundo o Zohar, a primeira mulher criada não foi Eva, mas Lilith. Ela foi criada concomitantemente com Adão, ou seja, eles foram criados em um só corpo, andrógino. Eram de uma substância, de uma corporalidade. Deus, assim diz a lenda, os separou para que Lilith pudesse ser vestida de noiva e casada com Adão adequadamente, mas Lilith se rebelou contra todo o conceito de casamento, ou seja, de ser definida como inferior de Adão, e fugiu. Lilith foi de fato a primeira mulher e a primeira feminista. Os patriarcas judeus, com astúcia de vingança, a chamavam de bruxa. Diziam que a bruxa Lilith assombrava a noite (seu nome é etimologicamente associado à palavra hebraica para noite) e matava bebês. Ela se tornou o símbolo do lado negro e maligno de todas as mulheres. Claro, Lilith, sabemos agora, fez a análise correta e foi ao centro do problema: ela rejeitou a família nuclear. Deus, porém, viu de forma diferente — ele tinha criado Lilith a partir do pé, assim como tinha criado Adão. Ele a tinha criado livre e igual. Não cometendo duas vezes o mesmo erro, Eva foi criada a partir da costela de Adão, claramente não lhe dando

---

<sup>87</sup> Joseph Campbell, *The Hero with a Thousand Faces* (Princeton: Princeton University Press, 1968), p. 154.

nenhuma reivindicação de liberdade ou igualdade. Foi preciso que os cristãos afirmassem que, como a costela está dobrada, a natureza da mulher é contrária à do homem.

Como então podemos entender a afirmação bíblica de que Deus criou o homem à sua própria imagem — homem e mulher os criou? O Midrash dá a resposta definitiva: *Quando o Santo, Bendito seja, criou o primeiro homem, criou-o andrógino*.<sup>88</sup> Há também uma correspondente divindade andrógina judaica. A própria palavra para a divindade, *Elohim*, é composta por um substantivo feminino e um final masculino no plural. Deus é múltiplo e andrógino. A tradição da divindade andrógina é mais claramente articulada na Cabala, um texto que na forma escrita remonta à Idade Média. A Cabala oral, que é mais extensa do que a Cabala escrita, tem origem nos mais obscuros alcances da história judaica, antes da Bíblia, e tem sido preservada, segundo ocultistas, com mais cuidado do que a Bíblia escrita — ou seja, a Bíblia foi reescrita, editada, modificada, traduzida; a Cabala oral manteve sua pureza.

O esquema cabalístico da divindade é complexo. Basta dizer aqui que deus é macho e fêmea entrelaçados. Certas partes estão associadas com a fêmea, outras com o macho. Por exemplo, o entendimento primordial é feminino; a sabedoria é masculina; a severidade é feminina; a misericórdia é masculina. Destaque especial é dado à emanção final da divindade, Malkuth a Rainha, a manifestação física da divindade no universo. Malkuth, a Rainha, é aproximadamente equivalente a Shakti. Para os cabalistas, como para os tântricos, o sacramento final é a relação sexual que recria a androginia. Assim como os tântricos são/eram ostracizados pelo resto das comunidades hindu e budista, também o corpo principal dos judeus ostraciza os cabalistas. Agora eles são considerados aberrações — eles têm sido vistos como hereges. E hereges são, pois ao reconhecerem a natureza andrógina da divindade, minam a autoridade de Deus Pai e ameaçam o poder do patriarcado.

Resta apenas ressaltar que Cristo também tinha alguma noção de androginia. No Evangelho aos egípcios, Cristo e uma discípula chamada Salomé têm esta conversa:

Quando Salomé perguntou quanto tempo a Morte deveria prevalecer, o Senhor disse: Enquanto as mulheres tiverem filhos; pois eu vim para destruir a obra das Mulheres. E disse-lhe Salomé: Portanto, será que fiz bem em não ter filhos? Respondeu-lhe o Senhor: Comei toda Erva, mas não comais a que tem amargura. Quando Salomé perguntou quando se daria a conhecer estas coisas de que falava, disse o Senhor: Quando pisardes as vestes da vergonha; quando os Dois se tornarem Um, e o Macho com a Fêmea nem macho nem fêmea.<sup>89</sup>

No próximo capítulo vou buscar as implicações dos mitos da androginia nas áreas de identidade sexual e comportamento sexual, e estaria de acordo com o espírito deste livro tomar Cristo como meu guia e dizer com ele: "Quando pisardes nas vestes da

---

<sup>88</sup> Midrash, Rabbah, 8: 1.

<sup>89</sup> Harding, *op. cit.*, pp. 282-83.

vergonha; quando os Dois se tornarem Um, e o Macho com a Fêmea nem macho nem fêmea.”

## Capítulo 9

# Androginia: Androginia, Transa e Comunidade

Nada menos do que tudo realmente bastará.

Aldous Huxley, *Island*

A descoberta é, naturalmente, que “homem” e “mulher” são ficções, caricaturas, construções culturais. Como modelos, eles são redutores, totalitários, inapropriados ao devir humano. Como papéis são estáticos, humilhante para a mulher, sem saída tanto para o homem quanto para a mulher. A cultura como a conhecemos legisla esses papéis fictícios como normalidade. Os desvios do comportamento sancionado e sagrado são “distúrbios de gênero”, “criminalidade”, assim como “doente”, “nojento” e “imoral”. A heterossexualidade, que é propriamente definida como o comportamento ritualizado construído sobre a definição polar de papéis, e as instituições sociais a ela relacionadas (casamento, família, Igreja, *ad infinitum*) são “natureza humana”. Homossexualidade, transexualidade, incesto e zoofilia<sup>90</sup> persistem como as “perversões” dessa “natureza humana” que presumimos conhecer tanto. Elas persistem apesar das forças esmagadoras contra elas — leis e práticas sociais discriminatórias, ostracismo, perseguição ativa pelo Estado e outros órgãos da cultura — como embaraços inexplicáveis, como exemplos odiosos de “obscenidade” e/ou “desajuste”. A tentativa aqui, por mais modesta e incompleta que seja, é a de discernir outra ontologia, que descarta a ficção de que existem dois sexos polares distintos.

Temos visto que os mitos andróginos apresentam uma imagem de uma corporalidade que é tanto masculina quanto feminina (macho-fêmea). Às vezes a imagem é literalmente uma forma-homem e uma forma-mulher em um só corpo. Às vezes é uma figura que incorpora tanto as funções masculinas quanto as femininas. Em todos os casos, essa imagem mitológica é um paradigma para uma totalidade, uma harmonia e uma liberdade que é praticamente inimaginável, a antítese de toda suposição que temos sobre a natureza da identidade em geral e do sexo em particular. A primeira questão então é: O que é a biologia? Afinal de contas, há homens e mulheres. Eles são diferentes, comprovadamente. Somos cada um de um sexo ou do outro. Se existem dois

---

<sup>90</sup> Apesar de teoricamente irem contra os valores vigentes, não é possível nem mesmo de maneira ampla colocar a homossexualidade, transexualidade, incesto e zoofilia no mesmo patamar. Não podemos considerar “perversões” da mesma natureza e peso. Ao falar de incesto atualmente, seria fora da realidade partir do princípio de uma relação consentida, uma vez que o consentimento existe apenas em escassas exceções. Os numerosos casos de abusos sexuais cometidos por pais ou parentes próximos a meninas e meninos não é nada além de uma conformidade às estruturas patriarcais misóginas e tem aval para acontecer sem “forças esmagadoras contra”. Sobre zoofilia ficamos em dúvida do que exatamente a autora estava se referindo com o termo, uma vez que ela frisa em algumas passagens sobre a eroticidade das relações com animais por serem relações baseadas em contato físico e comunicação não verbal. De toda forma, levando em conta o debate sobre consentimento em relações sexuais, não dá pra considerar qualquer relação sexual entre seres humanos e outros animais como não sendo violação e abuso. [N.T.]

sexos biológicos distintos, então não é difícil argumentar que existem dois modos distintos de comportamento humano, relacionados ao sexo, determinados pelo sexo. Pode-se argumentar por uma liberalização dos papéis baseados no sexo, mas não se pode, justificadamente, argumentar por sua total redefinição.

Pesquisas hormonais e cromossômicas, tentam desenvolver novos meios de reprodução humana (vida criada no laboratório do cientista ou consideravelmente sustentada por ele), trabalho com transexuais e estudos de formação da identidade de gênero em crianças fornecem informações básicas que desafiam a noção de que existem dois sexos biológicos distintos. Essas informações ameaçam transformar a biologia tradicional da diferença de sexo na biologia radical da semelhança de sexo. Isso não quer dizer que existe um sexo, mas que existem muitos. A evidência que é pertinente aqui é simples. As palavras "macho" e "fêmea", "homem" e "mulher", são usadas apenas porque ainda não existem outras.

1. Homens e mulheres têm a mesma estrutura corporal básica. Ambos têm os genitais masculino e feminino — o clítoris é um pênis vestigial, a glândula prostática é muito provavelmente um útero vestigial. Uma vez que, como já assinali, há informações sobre apenas 2% da história humana, e como as crônicas religiosas, que foram durante séculos o único registro da história humana, falam consistentemente de outro tempo no ciclo do tempo em que os humanos eram andróginos, e como cada sexo tem os órgãos vestigiais do outro, não há razão para não postular que os humanos já foram andróginos — hermafroditas e andróginos, criados justamente à imagem daquela divindade andrógina constantemente recorrente.

2. Até a 7ª semana de desenvolvimento fetal ambos os sexos têm exatamente a mesma genitália externa. Basicamente, o desenvolvimento dos órgãos e canais sexuais é o mesmo para homens e mulheres e os mesmos dois conjuntos de canais se desenvolvem em ambos.

3. Não se pode dizer que as gônadas sejam totalmente masculinas ou femininas. A Dra. Mary Jane Sherfey escreve:

Em sua organização somática, as gônadas sempre retêm uma quantidade maior ou menor do tecido do sexo oposto que permanece funcional durante toda a vida.<sup>91</sup>

4. O sexo cromossômico não é necessariamente o sexo visível do indivíduo. Acontece que uma pessoa de um sexo cromossômico desenvolve as gônadas do outro sexo.\* *O sexo gonadal e o sexo cromossômico podem estar em contradição direta.*

---

<sup>91</sup> Mary Jane Sherfey, M. D., *The Nature and Evolution of Female Sexuality* (New York: Vintage Books, 1973), p. 43.



\* Pergunta: Uma pessoa com o sexo cromossômico de um homem e o sexo gonadal de uma mulher pode conceber? Se sim, teríamos que aceitar a noção de que os homens podem ter filhos. Eu pensaria que tais casos existem na natureza, apesar de não encontrar confirmação de que tais pessoas sejam férteis. Como qualquer pessoa que tenha filhos é definida como uma mulher, e os testes cromossômicos não são feitos rotineiramente, tais pessoas provavelmente não seriam descobertas a não ser por acidente.

5. O sexo cromossômico não é apenas XX ou XY. Existem outras formações cromossômicas, e não se sabe muito sobre elas ou o que elas significam.

6. Uma pessoa pode ter as gônadas de um sexo, e as características sexuais secundárias do outro sexo.

7. Homens e mulheres produzem tanto hormônios masculinos quanto femininos. As quantidades e proporções variam muito, e não há como determinar a masculinidade ou a feminilidade biológica a partir da contagem hormonal.

8. Um hormônio pode ser transformado pelo corpo em seu "oposto", macho em fêmea, fêmea em macho. Em *Sex, Gender, and Society* (Sexo, Gênero e Sociedade), Ann Oakley dá este exemplo:

...o fato de que adolescentes do sexo masculino, de maturação rápida, às vezes adquirem seios pequenos — os aumentos substanciais de testosterona que acompanham a puberdade [são] parcialmente metabolizados como estrogênio, o que, por sua vez, causa o desenvolvimento mamário.<sup>92</sup>

9. Pensa-se agora que o hormônio masculino determina o impulso sexual tanto em homens quanto em mulheres.

10. O hormônio feminino (progesterona) pode ter um efeito masculinizante. A Dra. Sherfey escreve:

Podemos ter dificuldade em concebê-lo, mas a seleção natural não tem dificuldade em utilizar estruturas sexualmente heterotípicas para fins homotípicos. Por exemplo, a progesterona é o "hormônio da gravidez" essencial para a menstruação e para a gravidez prolongada. É um hormônio "feminino" tão único quanto se pode ser. Mas a progesterona possui fortes propriedades androgênicas. Ela pode ser usada para masculinizar embriões femininos. Em 1960, Jones (27, 63) demonstrou que a progesterona dada a mães humanas no início da gravidez para prevenir ameaça de abortos espontâneos... masculinizou severamente um feto feminino.<sup>93</sup>

11. As diferenças de sexo visíveis não são distintas. Há homens com pintos minúsculos, mulheres com grandes clitóris. Há homens com seios altamente

---

<sup>92</sup> Ann Oakley, *Sex, Gender and Society* (New York: Harper & Row, 1972), p. 24.

<sup>93</sup> Sherfey, *op. cit.*, pp. 50-51.

desenvolvidos, mulheres com quase nenhum desenvolvimento mamário. Há homens com quadris largos, mulheres sem desenvolvimento notável do quadril. Há homens com praticamente nenhum pelo no corpo, mulheres com muitos pelos no corpo. Há homens com voz aguda, mulheres com voz grave. Há homens sem pelos faciais, mulheres que têm barba e bigode.

12. As diferenças de altura e peso entre homens e mulheres não são distintas. As estruturas musculares não são distintas. Conhecemos o desespero da mulher alta e musculosa que não se encaixa no estereótipo feminino; conhecemos também o desespero do homem pequeno e delicado que não se encaixa no estereótipo masculino.

13. Há evidências convincentes de que a força e o desenvolvimento muscular são determinados culturalmente. Há culturas em que não há grandes diferenças no somatótipo de homens e mulheres:

Em uma sociedade de pequena escala (“primitiva”) para a qual existem bons registros fotográficos - os Manus das Ilhas do Almirantado — aparentemente não há nenhuma diferença no somatótipo entre homens e mulheres como crianças, e como adultos tanto homens quanto mulheres tendem ao mesmo alto grau de mesomorfia (ombros e peito largos, membros fortemente musculosos, pouca gordura subcutânea)... Também em Bali, homens e mulheres carecem do tipo de diferenciação do físico que é uma diferença visível em nossa cultura. Geoffrey Gorer descreveu-os uma vez como um povo “hermafrodita”; têm pouco diferencial sexual em altura e ambos os sexos têm ombros largos e quadris estreitos. Eles não correm para curvas e músculos, para pelos do corpo ou para seios de qualquer tamanho. (Gorer comentou certa vez que não se pode distinguir entre macho e fêmea, mesmo de frente.) Outra fonte nos informa que os bebês chupam os seios do pai e da mãe.<sup>94</sup>

14. Há hermafroditas na natureza. Robert T. Francoeur, em *Utopian Motherhood: New Trends in Human Reproduction* (Maternidade Utópica: Novas Tendências na Reprodução Humana), admite:

A profissão médica e os biólogos experimentais sempre foram muito céticos sobre a existência de hermafroditas funcionais entre os animais superiores e o homem, embora a minhoca, a lebre marinha e outros animais inferiores combinem ambos os sexos no mesmo indivíduo.<sup>95</sup>

Vimos como é profundo o compromisso com a distinção e a polaridade sexual humana — esse compromisso torna a ideia de hermafroditismo funcional conceitualmente intolerável. É interessante aqui especular sobre as percepções de homens como Lionel Tiger (Homens em Grupo) que efetivamente projetam padrões culturais humanos de dominação e submissão no mundo animal. Por exemplo, a Dra.

---

<sup>94</sup> Oakley, *op. cit.*, p. 30.

<sup>95</sup> Robert T. Francoeur, *Utopian Motherhood: New Trends in Human Reproduction* (Cranbury, N. J.: A. S. Barnes, 1973), p. 139.

Sherfey nos diz que "*Em muitas espécies de primatas, as fêmeas seriam diagnosticadas como hermafroditas se fossem humanas*" (itálico dela).<sup>96</sup> Muito provavelmente, nós simplesmente projetamos nossos próprios modos culturalmente determinados de agir e perceber em outros animais — nós efetivamente selecionamos informações que desafiaríamos as noções de macho e fêmea que são sagradas para nós. Nesse caso, um viés para a androginia (ao invés do atual viés para a polaridade) nos daria cenários significativamente diferentes de comportamento animal.

O hermafroditismo é geralmente definido como "um distúrbio congênito no qual os órgãos generativos masculino e feminino existem no mesmo indivíduo".<sup>97</sup> Um hermafrodita "verdadeiro" é aquele que tem ovários, testículos e as características sexuais secundárias de ambos os sexos. Mas esta é, me parece, a história de um hermafrodita funcional:

O caso envolveu uma menina de 16 anos do Arkansas que estava sendo operada por um tumor ovariano. Como é costume nesta cirurgia, o tecido removido é cuidadosamente examinado por um patologista. Neste caso, foram encontrados sinais de óvulos vivos e espermatozoides vivos em diferentes regiões do tumor. Com o óvulo e o espermatozoide situados um ao lado do outro no mesmo órgão, o Dr. Timme afirmou que "havia uma grande possibilidade de que eles se combinassem e fizessem um ser humano"... A característica única... seria que a *mesma* pessoa contribuiria com as duas células germinativas.<sup>98</sup>

A partenogênese também ocorre naturalmente nas mulheres. Francoeur se refere ao trabalho do Dr. Landrum B. Shettles que

no exame de óvulos humanos logo após terem sido retirados de seus folículos ovarianos... descobriu que três dos quatrocentos desses óvulos haviam "sofrido clivagem *in vivo* dentro do folículo intacto, sem qualquer contato possível com espermatozoides."<sup>99</sup>

Com base no trabalho de Shettles, Francoeur estima

que os nascimentos virgens são uma ocorrência bastante comum, mais ou menos na mesma frequência que os gêmeos fraternais e duas vezes mais que os gêmeos idênticos ocorrem entre os americanos brancos.<sup>100</sup>

Aparentemente um conservador, o Dr. Sherwood Taylor, um cientista britânico, "sugeriu uma frequência muito menor para a partenogênese humana, estimando um caso em dez mil nascimentos."<sup>101</sup> Por muito, por pouco que seja, ocorre.

---

<sup>96</sup> Sherfey, *op. cit.*, p. 50.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 173.

<sup>98</sup> Francoeur, *op. cit.*, p. 139.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>100</sup> *Ibid.*

<sup>101</sup> *Ibid.*

Podemos então presumir que há muita coisa sobre a sexualidade humana a ser descoberta, e que nossa noção de dois sexos biológicos distintos não pode permanecer intacta. Podemos presumir, então, que descobriremos fenômenos sexuais cruzados na proporção de nossa capacidade de vê-los. Além disso, podemos explicar a relativa raridade dos hermafroditas na população geral, a consistência dos somatótipos masculino e feminino que encontramos, e a relativa raridade das características de gênero cruzado na população geral (embora ocorram com mais frequência do que estamos dispostos a imaginar), reconhecendo que existe um processo de *seleção cultural* que, para as pessoas, substitui a seleção natural em importância. A seleção cultural, ao contrário da seleção natural, não serve necessariamente para melhorar a espécie nem para garantir a sobrevivência. Serve necessariamente para manter as normas culturais e para garantir que somatótipos e características sexuais cruzadas desviantes sejam sistematicamente criados a partir da população.

No entanto, seja o que for que se escolha fazer com os dados do que é frequentemente chamado de Intersexo, é claro que a determinação sexual nem sempre é clara e simples. O Dr. John Money da Universidade Johns Hopkins isolou basicamente esses seis aspectos da identidade sexual:

1. *Sexualidade genética ou nuclear* como revelada por indicadores como a cromatina sexual ou corpúsculo de Barr, uma contagem cromossômica completa e a baqueta leucocitária; \*
2. *Sexualidade hormonal* que resulta de um equilíbrio que é predominantemente androgênico ou estrogênico;
3. *Sexualidade gonadal* que pode ser claramente ovariana ou testicular, mas ocasionalmente também mista;
4. *Sexualidade interna*, conforme revelada na estrutura do sistema reprodutivo interno;
5. *Sexualidade genital externa* como revelada na anatomia externa e, finalmente;
6. *Desenvolvimento psicosexual* que através das forças externas de criação e condicionamento social juntamente com a resposta do indivíduo a esses fatores direciona o desenvolvimento de uma personalidade que é por natureza sexual.<sup>102</sup>

Como pode haver total contradição entre quaisquer das anteriores, já que temos discutido algumas (de jeito nenhum todas) das características cruzadas das sementes do funcionamento biológico humano, já que reconhecemos o hermafroditismo e a partenogênese como realidades humanas, justifica-se fazer uma nova formulação radical da natureza da sexualidade humana. *Somos, claramente, uma espécie multissexual que tem sua sexualidade espalhada por um vasto continuum fluido onde os elementos chamados macho e fêmea não são distintos.* \*\*

\* Um objeto na própria célula que parece determinar o gênero.

---

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 197.

\*\* A noção de bissexualidade é organicamente enraizada na polaridade estrutural e aqui é inadequada por estas razões: a própria palavra tem dualidade embutida nela; pode-se ser bissexual e ainda relacionar-se com as ficções "masculino" e "feminino" — com ambas, ao invés de uma; pode-se ser bissexual e ainda relacionar-se exclusivamente com um papel, o masculino ou o feminino, seja em homens ou mulheres.

As implicações concretas da multissexualidade, tal como a encontramos articulada na mitologia andrógina e na biologia, requerem a redefinição total dos cenários do comportamento sexual humano adequado e das formas pragmáticas da comunidade humana. Se os seres humanos são multissexuais, então todas as formas de interação sexual que estão diretamente enraizadas na natureza multissexual das pessoas devem ser parte do tecido da vida humana, aceita no léxico da possibilidade humana, integrada às formas da comunidade humana. Ao redefinir a sexualidade humana, ou ao defini-la corretamente, podemos transformar a relação humana e as instituições que buscam controlar essa relação. O sexo como dinâmica de poder entre homens e mulheres, sua forma primária, o sadomasoquismo, é o que conhecemos hoje. O sexo como comunidade entre humanos, nossa humanidade compartilhada, é o mundo que devemos construir. Que tipo de identidade e relação sexual será a substância dessa comunidade?

## Heterossexualidade e Homossexualidade

Há homens com quem eu poderia passar a eternidade, mas não esta vida.  
Kathleen Norris

um pouco de zen em nossa política, um pouco de ácido em nosso chá, pode ser tudo o que precisamos, a mágica está no ato de colocar.  
Jill Johnston

Defini a heterossexualidade como o comportamento ritualizado construído sobre a definição do papel polar. O sexo com os homens como os conhecemos é cada vez mais impossível. Requer um aborto de criatividade e força, uma recusa de responsabilidade e liberdade: uma morte pessoal amarga. Significa permanecer como vítima, aniquilando para sempre todo o autorrespeito. Significa representar o papel feminino, incorporando o masoquismo, o ódio a si mesma e a passividade, que são centrais para ele. O comportamento heterossexual convencional inequívoco é a pior traição da nossa humanidade comum.

Isso não quer dizer que "homens" e "mulheres" não devem transar. Qualquer encontro sexual que seja genuinamente pansexual e sem papéis, mesmo que entre homens e mulheres como geralmente pensamos neles (ou seja, as imagens biológicas que temos deles), é autêntico e andrógino. Especificamente, *a transa andrógina requer a destruição de todos os jogos de papéis convencionais, da sexualidade genital como foco e valor primário, das formações de casal e das estruturas de personalidade dominantes-ativas ("masculino") e submisso-passivas ("feminino")*.

A homossexualidade, por ser por definição antagônica à polaridade de dois sexos, está mais próxima no seu princípio da sexualidade andrógina. Entretanto, como toda consciência individual e toda relação social são poluídas por noções internalizadas de polaridade, acoplamento e interpretação de papéis, os critérios citados acima também devem ser aplicados à relação homossexual. Muitas vezes a relação homossexual transgride os imperativos de gênero sem transformá-los.

Um compromisso exclusivo com uma formação sexual, seja homossexual ou heterossexual, geralmente significa um compromisso exclusivo com um papel. Um compromisso exclusivo com uma formação sexual geralmente envolve a negação de muitos tipos profundos e interessantes de sensualidade. Um compromisso exclusivo com uma formação sexual geralmente significa que se é, independentemente do uniforme que se veste, um bom soldado da cultura programada efetivamente para fazer seu trabalho sujo. É desenvolvendo a pansexualidade até seus limites (e ninguém sabe onde ou o que são) que se faz o trabalho de destruir a cultura para construir comunidade.

## Transexualidade

Como eu posso realmente me importar se ganharmos "a Revolução"? De qualquer maneira, não haverá lugar para mim.

Um/a amigo/a transsexual, em uma conversa

A transexualidade é atualmente considerada um distúrbio de gênero, ou seja, uma pessoa aprende um papel de gênero que contradiz o seu sexo visível. É uma "doença" com uma cura: uma operação de mudança de sexo mudará o sexo visível da pessoa e a tornará condizente com a identidade sentida pela pessoa.

Como sabemos muito pouco sobre identidade sexual, e como os psiquiatras estão comprometidos com a propagação da estrutura cultural como ela é, seria prematuro e pouco inteligente aceitar o julgamento psiquiátrico de que a transexualidade é causada por uma socialização deficiente. Mais provavelmente, a transexualidade é causada por uma sociedade deficiente. A transexualidade pode ser definida como uma formação particular de nossa multisssexualidade geral, incapaz de alcançar seu desenvolvimento natural por causa de condições sociais extremamente adversas.

Não há dúvida de que na cultura da distinção homem-mulher, a transexualidade é um desastre para o indivíduo transexual. Toda transexual, branca, negra, homem, mulher, rica, pobre, está em estado de emergência primária (ver p. 185) como transexual. Há três pontos cruciais aqui. Um, toda transexual tem direito à sobrevivência em seus próprios termos. Isso significa que toda transexual tem direito a uma operação de mudança de sexo, que deve ser providenciada pela comunidade como uma de suas funções. Esta é uma medida de emergência para uma condição de emergência. Segundo, ao mudarmos nossas premissas sobre homens e mulheres, interpretação de papéis e polaridade, a situação social das transexuais será transformada, e as transexuais serão

integradas à comunidade, não mais perseguidas e desprezadas. Terceiro, a comunidade construída sobre a identidade andrógina significará o fim da transexualidade tal como a conhecemos. Ou a transexual será capaz de expandir sua sexualidade para uma androginia fluida, ou, à medida que os papéis desaparecerem, o fenômeno da transexualidade desaparecerá e essa energia será transformada em novos modos de identidade e comportamento sexual.

## Travestismo

A primeira vez que vesti as calcinhas pretas de seda, tive uma ereção logo de cara.

Julian Beck

O travestismo é um figurino que viola os imperativos de gênero. O travestismo é geralmente um ato sexualmente carregado: a violação visível e pública do papel sexual é erótica, excitante, perigosa. É uma espécie de desobediência civil erótica, e esse é precisamente o seu valor. O figurino faz parte da estratégia e do processo de destruição de papéis. Vemos, por exemplo, que quando as mulheres rejeitam o papel feminino, elas adotam roupas "masculinas". À medida que os papéis sexuais se dissolvem, o conteúdo erótico particular do travestismo se dissolve.

## Zoofilia<sup>103</sup>

A cópula [na Idade Média] com um judeu era considerada como uma forma de zoofilia, e incorria nas mesmas penitências.

G. Rattray-Taylor, *Sex in History*

A zoofilia primária (sexo entre pessoas e outros animais) é encontrada em todas as sociedades não-industriais. A zoofilia secundária (relações eróticas generalizadas entre pessoas e outros animais) é encontrada em todos os lugares do planeta, em todas as ruas das cidades, em todas as cidades rurais. Zoofilia é uma realidade erótica, que claramente coloca as pessoas na natureza, não acima dela.

A relação entre pessoas e outros animais, quando não predatórias, é sempre erótica, pois sua substância é a comunicação e o tato não-verbais. Que o erotismo, em sua forma pura, é afirmação da vida e enriquecimento da vida foi razão suficiente para fazer da zoofilia um crime capital na Idade Média, pelo menos para o animal não-humano; razão suficiente para os ingleses na Idade Média confundirem ovelhas e judeus.

Na sociedade contemporânea as relações entre pessoas e outros animais muitas vezes refletem a compleição sadomasoquista da relação humana. Os animais em nossa cultura são frequentemente maltratados, os objetos de violência e crueldade, a folha da

---

<sup>103</sup> Cf. nota 90. [N.T.]

sexualidade humana reprimida e, portanto, muito perigosa. Alguns animais, como cavalos e cães grandes, tornam-se paus substitutos, símbolos da virilidade ideal do macho.

Desnecessário dizer que, na comunidade andrógina, as relações humanas e entre animais se tornariam mais explicitamente eróticas, e que o erotismo não degeneraria em abuso. Os animais fariam parte da tribo e, conosco, seriam respeitados, amados e livres. Eles sempre compartilham nosso destino, seja ele qual for.

## Incesto

Eu estava com frio — mais tarde revoltado um pouco, não muito — parecia talvez uma boa ideia para tentar — conhecer o Monstro do Ventre Inicial — talvez — assim. Será que ela se importaria? Ela precisa de um amante.

Allen Ginsberg, *Kaddish*

A relação pai/mãe-criança é primeiramente erótica porque todas as relações humanas são primeiramente eróticas. O tabu do incesto é uma forma particularizada de repressão, que funciona como o baluarte de todas as outras repressões. O tabu do incesto garante que por mais livres que nos tornemos, nunca nos tornamos genuinamente livres. O tabu do incesto, porque nos nega a realização essencial com os pais que amamos com nossa energia primária, nos força a interiorizar esses pais e a procurá-los constantemente, ou a negá-los, nas mentes, corpos e corações de outros humanos que não são nossos pais e nunca serão.

O tabu do incesto faz o pior trabalho da cultura: ensina-nos os mecanismos de repressão e interiorização do sentimento erótico — obriga-nos a desenvolver esses mecanismos em primeiro lugar; obriga-nos a particularizar o sentimento sexual, para que ele se congele com a necessidade de um “objeto” sexual particular; exige que coloquemos a família nuclear acima da família humana. A destruição do tabu do incesto é essencial para o desenvolvimento da comunidade humana cooperativa baseada no livre fluxo do erotismo andrógino natural.

## A Família

Pois se concedermos que o impulso sexual é ao nascer difuso e indiferenciado da personalidade total (a “perversidade polimórfica” de Freud) e... se diferencia apenas em resposta ao tabu do incesto; e isso... o tabu do incesto agora é necessário apenas para preservar a família; então, se a família fosse eliminada, estaríamos efetivamente eliminando as repressões que moldam a sexualidade em formações específicas.

Shulamith Firestone, *The Dialectic of Sex*

O tabu do incesto só pode ser destruído pela destruição da família nuclear como instituição primária da cultura. A família nuclear é a escola de valores de uma sociedade



sexista, sexualmente reprimida. Aprende-se o que se deve saber: os papéis, rituais e comportamentos adequados à polaridade homem-mulher e os mecanismos internalizados de repressão sexual. A alternativa para a família nuclear no momento é a família estendida, ou tribo. O crescimento da tribo é parte do processo de destruição de papéis particularizados e identidade erótica fixa. À medida que as pessoas desenvolvem a identidade andrógina fluida, elas também desenvolverão as formas de comunidade apropriadas a ela. Nós não podemos realmente imaginar quais serão essas formas.

## Crianças

A ligação especial que as mulheres têm com as crianças é reconhecida por todos. Eu apresento, porém, que a natureza desse vínculo não é mais do que opressão compartilhada. E que, além disso, essa opressão está entrelaçada e se reforça mutuamente de formas tão complexas que não poderemos falar da libertação da mulher sem falar também da libertação das crianças.

Shulamith Firestone, *The Dialectic of Sex*

Dois desenvolvimentos estão ocorrendo simultaneamente: as mulheres estão rejeitando o papel feminino, e a vida está sendo criada no laboratório. A menos que a estrutura seja totalmente transformada, podemos esperar que quando as mulheres não funcionarem mais como reprodutoras biológicas, seremos dispensáveis. Conforme os *homens* aprendem cada vez mais a controlar a reprodução, conforme a clonagem se torna uma realidade, e conforme a tecnologia dos computadores e robôs se desenvolve, há todos os motivos para pensar que os homens como os conhecemos usarão esse controle e essa tecnologia para criar os objetos sexuais que os gratificarão. Afinal, os homens, ao longo da história, recorreram ao genocídio como um estratagema de controle social, como uma forma tática de atingir/manter o poder. Essa é a realidade simples e convincente. Há apenas duas outras opções: as mulheres devem tomar o poder, ou devemos realizar a transformação em androginia.

A liberdade daqueles que são capazes de reprodução biológica desse trabalho (que é simplesmente uma forma de trabalho físico) é inteiramente congruente com a comunidade andrógina. Somente no mundo do campo de concentração é que se deve esperar que o desenvolvimento leve ao genocídio. Os processos sociais aqui estão nus: se as mulheres precisam tomar o poder para sobreviver, e de alguma forma conseguem fazê-lo, o poder provavelmente mudará sem ser transformado; se podemos criar uma comunidade andrógina, podemos abandonar completamente o poder como uma realidade social — essa é a implicação final, e a mais importante, da androginia.

Quanto às crianças, elas também são seres eróticos, mais próximos da androginia do que os adultos que as oprimem. As crianças são plenamente capazes de participar da comunidade, e têm todo o direito de viver seus próprios impulsos eróticos. Na comunidade andrógina, esses impulsos conservariam um alto grau de não especificidade e sem dúvida mostrariam aos demais o caminho para a autorrealização sexual. As

distinções entre “crianças” e “adultos”, e as instituições sociais que fazem valer essas distinções, desapareceriam à medida que a comunidade andrógina se desenvolvesse.

## Conclusão

Nada menos do que tudo realmente bastará  
Aldous Huxley, *Island*

O objeto é a transformação cultural. O objeto é o desenvolvimento de um novo tipo de ser humano e de um novo tipo de comunidade humana. Todos nós, que já tentamos corrigir um erro, reconhecemos que nada menos do que tudo realmente bastará.

O caminho daqui até lá não vai ser fácil. Devemos assumir um compromisso total — não mais nos refugiarmos nos cenários de violência homem-mulher que são os reguladores da sociedade, não mais desempenhar os papéis de homem-mulher que nos foram ensinados, não mais nos recusarmos a saber quem somos e o que desejamos, para não precisarmos nos responsabilizar por nossas próprias vidas. Devemos nos recusar a nos submeter àquelas instituições que são por definição sexistas — casamento, família nuclear, religiões construídas sobre o mito do mal feminino. Devemos nos recusar a nos submeter aos medos gerados pelos tabus sexuais. Devemos nos recusar a nos submeter a todas as formas de comportamento e relacionamento que reforçam a polaridade homem-mulher, que alimentam padrões básicos de dominação masculina e submissão feminina. Devemos construir comunidades onde a violência não seja a principal dinâmica da relação humana, onde o desejo natural seja o fundamento da comunidade, onde a androginia seja a premissa operativa, onde a tribo baseada na androginia e as formas sociais que dela se desenvolveriam sejam as bases da estrutura cultural coletiva — não coerciva, não sexista. Como escreveu Julian Beck, a viagem ao amor não é romântica. Como muitos já escreveram, a jornada para a liberdade também não é romântica — nem o caminho é conhecido com precisão e para sempre. Nós começamos aqui e agora, polegada por polegada.

## POSFÁCIO

### A Grande Luta Tipográfica de Pontuação

este texto foi alterado de uma forma muito séria. eu queria que ele fosse impresso da forma como foi escrito — letras minúsculas, sem apóstrofes, contrações.

gosto que meu texto seja o mais vazio possível, só é necessária a pontuação necessária, quando se conhece um propósito se sabe o que é necessário.

meu editor, em sua sabedoria corporativa, encheu as páginas de lixo: pontuação padrão, ele conhecia seus propósitos; sabia o que era necessário, nossos propósitos eram diferentes: o meu, para conseguir clareza; o dele, para vender livros.

meu editor mudou minha pontuação porque os críticos de livros (Mamon<sup>104</sup>) não gostam de letras minúsculas.

foda-se (no sentido antigo) os críticos de livros (Mamon).

Quando eu digo deus e mamom a respeito da escrita do escritor, quero dizer que qualquer um pode usar palavras para dizer alguma coisa. E, ao usar essas palavras para dizer o que tem a dizer, pode usar essas palavras direta ou indiretamente. Se ele usa essas palavras indiretamente, ele diz o que pretende ter ouvido por alguém que vai ouvir e, ao fazê-lo, inevitavelmente tem que servir ao mamom... Agora servir a deus para um escritor que está escrevendo é escrever qualquer coisa diretamente, não faz diferença o que é, mas deve ser direto, a relação entre a coisa feita e o fazedor deve ser direta. Desta forma, há conclusão e a essência da coisa concluída é a conclusão.

Gertrude Stein

em uma carta para mim, Grace Paley escreveu: "uma vez que todos digam a verdade, os artistas serão desnecessários — enquanto isso, há trabalho para nós."

dizendo a verdade, sabemos o que é quando o fazemos e quando aprendemos a não fazê-lo, esquecemos o que é.

forma, molde, estrutura, relação espacial, como a palavra impressa aparece na página, onde respirar, onde descansar, a pontuação está marcando o tempo, indicando ritmos, mesmo no meu texto original eu usei demais — eu superorquestreie. Forcei você a respirar onde eu respiro, ao invés de deixá-lo descobrir sua própria respiração natural.

eu começo presumindo que sou livre.

---

<sup>104</sup> Mamon é um termo bíblico que significa riqueza material ou cobiça, muitas vezes personificado como uma divindade. Advém da palavra hebraica "Mamom" (מָמוֹן), que significa literalmente "dinheiro". [N.T.]

começo sem nada, sem forma, sem conteúdo, e pergunto: o que quero fazer e como quero fazê-lo.

começo presumindo que o que eu escrevo me pertence.

começo presumindo que determino a forma que utilizo — em todas as suas particularidades. trabalho no meu ofício — em todas as suas particularidades.

na verdade, tudo já está determinado.

na verdade, todos os detalhes foram determinados e são aplicados.

na verdade, onde eu violar o que já foi determinado, serei detida.

na verdade, os executores farão cumprir.

“O que quer que nos pareça, ele ainda é um servo da Lei; isto é, ele pertence à Lei e, como tal, está além do julgamento humano. Nesse caso, não se ousa acreditar que o porteiro esteja subordinado ao homem. Amarrado como está pelo seu serviço, mesmo à porta da Lei, ele é incomparavelmente mais livre do que qualquer outro no mundo. O homem só está buscando a Lei, o porteiro já está apegado a ela. É a Lei que o colocou em seu posto; duvidar de sua integridade é duvidar da própria Lei.”

“Não concordo com esse ponto de vista”, disse K., balançando a cabeça, “pois se alguém o aceita, deve aceitar como verdadeiro tudo o que o porteiro diz. Mas você mesmo já provou suficientemente como é impossível fazer isso.”

“Não”, disse o padre, “não é necessário aceitar tudo como verdade, basta aceitá-lo como necessário.”

“Uma conclusão melancólica”, disse K. “Torna a mentira num princípio universal.”

Franz Kafka

eu presumo que sou livre. eu ajo. os executores fazem cumprir. descobro que não sou livre, então: ou minto (é necessário mentir) ou luto (se não minto, devo lutar), se luto, pergunto: por que não sou livre e o que posso fazer para me tornar livre? escrevi este livro para descobrir porque não sou livre e o que posso fazer para me tornar livre.

Embora a estrutura social comece por enquadrar as mais nobres leis e as mais sublimes ordenanças que “os grandes da terra” inventaram, no final chega-se a isto: viole aquela sublime lei e eles te levam para uma cela de prisão e fecham o teu corpo humano do calor humano. Em última análise, a lei é aplicada pelo guarda insensível que dá um soco forte na barriga do seu semelhante.

Judith Malina

sem a presunção de liberdade, não há liberdade. eu sou livre, como, então, quero viver minha vida, fazer meu trabalho, usar meu corpo? como, então, quero ser, em todas as minhas particularidades?

formas padrão são impostas no vestuário, comportamento, relação sexual, pontuação. formas padrão são impostas na consciência e no comportamento — no conhecimento e na expressão — para que não presumamos a liberdade, para que a liberdade apareça — em todas as suas particularidades — impossível e impraticável, para que não saibamos o que é dizer a verdade, para que não nos sintamos obrigados a contá-la, para que gastemos nosso tempo e nossa santa energia humana contando as mentiras necessárias.

as formas padrão às vezes são chamadas de convenções, as convenções são mais poderosas do que exércitos, polícia e prisões. cada cidadão se torna o executor, o porteiro, um instrumento da Lei, um guarda insensível que dá um soco forte na barriga do seu semelhante.

Eu sou um anarquista. Eu não processo, não recebo injunções, defendo a revolução, e quando as pessoas me perguntam o que podemos fazer que seja prático, eu digo, fracamente, enfraqueça o tecido do sistema onde quer que você possa, torne possível o aumento da liberdade, de todos os tipos. Quando escrevo, tento ampliar as possibilidades de expressão.

...eu tinha tentado falar com você honestamente, à minha maneira, sem disfarces, tentando me livrar, faz parte da minha obrigação para com a musa, do antigo regime gramatical.

...as revisões em tipografia e pontuação tiraram da voz a diferença que distingue a paixão do afeto e eu falando com você de eu escrevendo um ensaio.

Julian Beck, 1965, em um prefácio  
para uma edição de *The Brig*

ACREDITE NA PONTUAÇÃO.  
Muriel Rukeyser

há muita coisa em jogo aqui, muitos escritores lutam essa batalha e a maioria a perde. o que está em jogo para quem escreve? liberdade de invenção, liberdade de dizer a verdade, em todas as suas particularidades, liberdade de imaginar novas estruturas.

(o fardo da prova não recai sobre aqueles que presumem a liberdade, o fardo da prova recai sobre aqueles que de alguma forma a diminuiriam.)

o que está em jogo para os executores, os porteiros, os guardiões da Lei — as editoras, os revisores de livros que não gostam de letras minúsculas, os bibliotecários que não vão empilhar livros sem pontuação padrão (essa foi a razão dada a Muriel Rukeyser quando sua obra foi violada) — o que está em jogo para eles? por que eles continuam a executar?

enquanto este livro pode encontrar muita resistência — perigo, medo, antipatia — lei? polícia? tribunais? — neste momento devo escrever: eu ataquei os fundamentos da cultura, tudo bem. eu ataquei a dominação masculina, tudo bem. ataquei toda noção heterossexual de relação, tudo bem. defendi o uso de drogas, tudo bem. defendi, de fato, transar com animais, isso é ok. aqui e agora, Nova York, primavera de 1974, entre um punhado de pessoas, editora e editor incluído, isso é ok. letras minúsculas não são. isso faz questionar.

por isso me perguntei e é isso que penso neste momento. existem mecanismos bem desenvolvidos e eficazes para lidar com ideias, por mais poderosas que as ideias sejam. muito poucas ideias são mais poderosas do que os mecanismos para desativá-las, a forma padrão — pontuação, tipografia, depois a organização acadêmica, a rígida formulação ritualística das ideias, etc. — é a distância real entre o indivíduo (certamente o indivíduo intelectual) e as ideias em um livro.

a forma padrão é a distância.

pode-se ficar entusiasmado *com* ideias sem mudar nada. pode-se pensar *em* ideias, falar *sobre* ideias, sem mudar nada. as pessoas estão dispostas a pensar em muitas coisas, o que as pessoas se recusam a fazer, ou não estão autorizadas a fazer, ou resistem a fazer, é mudar a maneira como pensam.

a leitura de um texto que viola a forma padrão força a pessoa a mudar de conjuntos mentais para ler. não há distância. a nova forma, que de certa forma é desconhecida, força a pessoa a ler coisas diferentes — não a ler sobre coisas diferentes, mas a ler de maneiras diferentes.

permitir aos escritores o uso de formas que violam a convenção só poderia permitir aos escritores desenvolver formas que ensinariam as pessoas a pensar diferente: não a pensar em coisas diferentes, mas a pensar de maneiras diferentes. este trabalho não é permitido.

Se tivesse sido possível construir a Torre de Babel sem ascendê-la, a obra teria sido permitida.

Franz Kafka

A Estrutura Imóvel é o vilão. Quer essa estrutura se chame prisão, escola, fábrica, família, governo ou O Mundo Como Ele É. Essa estrutura pergunta a cada homem o que ele pode fazer por ela, não o que ela pode fazer por ele, e para aqueles que não fazem por ela, há a dor da morte ou da prisão, ou da degradação social, ou da perda dos direitos dos animais.

Judith Malina

este livro é sobre a Estrutura Sexual Imóvel, no processo de sua publicação, encontrei a Estrutura da Tipografia de Pontuação Imóvel, e agora testemunho, como tantos antes de mim, que a Estrutura Imóvel aborta a liberdade, proíbe a invenção e nos causa danos verificáveis: ela usa nossa energia humana sagrada para se sustentar; ela nos transforma em executores, ou foras-da-lei; para sobreviver, precisamos aprender a mentir.

A Revolução, como a vivemos e como a imaginamos, significa destruir a Estrutura Imóvel para criar um mundo no qual possamos usar nossa energia humana sagrada para sustentar nossas vidas humanas sagradas;

para criar um mundo sem executores, porteiros, guardas, e Leis arbitrárias;

para criar um mundo — uma comunidade neste planeta — onde ao invés de mentir para sobreviver, podemos dizer a verdade e florescer.

## BIBLIOGRAFIA

- Adams, Elsie, and Mary Louise Briscoe, eds. *Up Against the Wall, Mother*. Glencoe Press, 1971.
- Andersen, Hans Christian. *The Snow Queen and Other Tales*. New York: New American Library, 1966.
- Aries, Philippe. *Centuries of Childhood: A Social History of Family Life*. New York: Alfred A. Knopf, 1962.
- Barber, Benjamin R. *Superman and Common Men: Freedom, Anarchy, and the Revolution*. New York: Praeger, 1971.
- Baring-Gould, William S. and Ceil, eds. *The Annotated Mother Goose*. New York: Clarkson N. Potter, 1962.
- Barrie, J. M. *Peter Pan*. New York: Scribners, 1950.
- Bataille, Georges. *Eroticism*. London: John Calder, 1962.
- Bebel, August. *Woman under Socialism*. New York: Schocken Books, 1971.
- Beck, Julian. *The Life of the Theatre: The Relation of the Artist to the Struggle of the People*. San Francisco: City Lights, 1972.
- Bharati, Agehananda. *The Tantric Tradition*. Garden City: Doubleday and Company, 1970.
- Black, Jonathan, ed. *Radical Lawyers: Their Role in the Movement and in the Courts*. New York: Avon Books, 1971.
- Blofeld, John. *The Tantric Mysticism of Tibet*. New York: E. P. Dutton, 1970.
- Boston Women's Health Book Collective. *Our Bodies, Our Selves: A Book by and for Women*. New York: Simon and Schuster, 1973.
- Campbell, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton: Princeton University Press, 1968.
- . *The Masks of God: Oriental Mythology*. New York: Viking, 1962.
- . *The Masks of God: Primitive Mythology*. New York: Viking, 1969.
- Chadwick, Nora. *The Celts*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970.
- Churchward, James. *The Lost Continent of Mu*. New York: Paperback Library, 1970.
- Clebert, Jean-Paul. *The Gypsies*. Harmondsworth: Penguin Books, 1967.
- Cohen, John, ed. *The Essential Lenny Bruce*. New York: Ballantine Books, 1967.
- Coon, Carleton S. *The History of Man*. Harmondsworth: Penguin Books, 1967.
- Crawley, Ernest. *The Mystic Rose: A Study of Primitive Marriage and of Primitive Thought in Its Bearing on Marriage*. London: Spring Books, 1965.
- Davies, R. Trevor. *Four Centuries of Witch Beliefs*. London: Methuen, 1947.
- de Berg, Jean. *The Image*. New York: Grove Press, 1966.
- De Crow, Karen. *The Young Woman's Guide to Liberation: Alternatives to a Half-Life While the Choice Is Still Yours*. Indianapolis: BobbsMerrill, 1971.



- Deming, Barbara. "Two Perspectives on Women's Struggle," *Liberation*. Vol. 17, No. 10, pp. 30-38.
- de Ropp, Robert S. *Sex Energy: The Sexual Force in Man and Animals*. New York: Dell, 1969.
- Dralys, Lord. *The Beautiful Flagellants of New York*. New York: Grove Press, 1971.
- Duniway, Abigail Scott. *Pathbreaking: An Autobiographical History of the Equal Suffrage Movement in Pacific Coast States*. New York: Schocken Books, 1971.
- Eliade, Mircea. *Myths, Dreams, and Mysteries: The Encounter between Contemporary Faiths and Archaic Realities*. New York: Harper & Row, 1960.
- . *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. Princeton: Princeton University Press, 1964.
- Farb, Peter. *Man's Rise to Civilization*. London: Paladin, 1971.
- Ferenczi, Sandor. *Thalassa: A Theory of Genitality*. New York: W. W. Norton, 1968.
- Figs, Eva. *Patriarchal Attitudes*. Greenwich, Conn: Fawcett Publications, 1970.
- Firestone, Shulamith. *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. New York: Bantam Books, 1972.
- Fox, Robin. *Kinship and Marriage*. Harmondsworth: Penguin Books, 1967.
- Francoeur, Robert T. *Utopian Motherhood: New Trends in Human Reproduction*. Cranbury, N. J.: A. S. Barnes, 1973.
- Goldman, Emma. *The Traffic in Women and Other Essays on Feminism*. New York: Times Change Press, 1970.
- Goode, William J., ed. *The Contemporary American Family*. Chicago: Quadrangle Books, 1971.
- Green, Richard, M. D., and John Money, eds. *Transsexualism and Sex Reassignment*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1969.
- Greenwald, Harold, and Aron Krich, eds. *The Prostitute in Literature*. New York: Ballantine Books, 1960.
- Grimm, The Brothers. *Household Stories*. New York: Dover Publications, 1963.
- Grogan, Emmett. *Ringolevio: A Life Played for Keeps*. New York: Avon Books, 1972.
- Gunkel, Hermann. *The Legends of Genesis: The Biblical Saga and History*. New York: Schocken Books, 1964.
- Hamilton, Edith. *Mythology: Timeless Tales of Gods and Heroes*. New York: New American Library, 1959.
- Hansen, Chadwick. *Witchcraft at Salem*. New York: New American Library, 1970.

- Harding, M. Esther. *Woman's Mysteries: Ancient and Modern*. London: Rider and Company, 1971.
- Harrison, Jane Ellen. *Mythology*. New York: Harcourt, Brace and World, 1963.
- Hays, H. R. *The Dangerous Sex: The Myth of Feminine Evil*. London: Methuen, 1966.
- Heline, Gorinne. *Mysteries of the Holy Grail*. San Francisco: New Age Press, 1963.
- Hole, Christina. *Witchcraft in England*. London: B. T. Batsford, 1945.
- Holzer, Hans. *The Truth about Witchcraft*. Garden City: Doubleday and Company, 1969.
- Hughes, Pennethorne. *Witchcraft*. Harmondsworth: Penguin Books, 1971.
- Humana, Charles, and Wang Wu. *The Yin Yang: The Chinese Way of Love*. London: Allan Wingate, 1971.
- Jacobs, Joseph, compiler. *Celtic Fairy Tales*. New York: Dover Publications, 1968.
- . *English Fairy Tales*. New York: Dover Publications, 1967.
- . *Indian Fairy Tales*. New York: Dover Publications, 1969.
- . *More Celtic Fairy Tales*. New York: Dover Publications, 1968.
- Johnston, Jill. *Lesbian Nation: The Feminist Solution*. New York: Simon and Schuster, 1973.
- Jung, Carl G., ed. *Man and His Symbols*. New York: Dell Publishing Company, 1971.
- Jung, C. G. *Psyche and Symbol*. Edited by Violet S. de Laszlo. Garden City: Doubleday & Achor, 1958.
- Jung, C. G., and C. Kerenyi. *Essays on a Science of Mythology: The Myth of the Divine Child and the Mysteries of Eleusis*. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- Jung, Emma, and Marie-Louise von Franz. *The Grail Legend*. London: Hodder and Stoughton, 1960.
- Ranter, Rosabeth Moss. *Commitment and Community: Communes and Utopias in Sociological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1972.
- Kraditor, Aileen S., ed. *Up from the Pedestal: Selected Writings in the History of American Feminism*. Chicago: Quadrangle Books, 1968.
- Kramer, Heinrich, and James Sprenger. *Malleus Maleficarum*. Trans. M. Summers. London: Arrow Books, 1971.
- Kronhausen, Drs. Phyllis and Eberhard. *Erotic Fantasies: A Study of the Sexual Imagination*. New York: Grove Press, 1969.
- Leach, Maria. *The Beginning: Creation Myths around the World*. New York: Funk and Wagnalls, 1956.

- Lederer, Wolfgang. *The Fear of Women*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.
- Legman, J. *Rationale of the Dirty Joke: An Analysis of Sexual Humor*. New York: Grove Press, 1968.
- Lenin, V. I. *The Emancipation of Women*. New York: International Publishers, 1970.
- L'Estrange, Ewen C. *Witchcraft and Demonianism*. London: Heath Cranton, 1933.
- Lever, Jan et and Pepper Schwartz. *Women at Yale: Liberating a College Campus*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1971.
- Levi, Eliphas. *The History of Magic*. London: Rider and Company, 1969.
- Levi-Strauss, Claude. *Totemism*. Harmondsworth: Penguin Books, 1963.
- Levy, Howard S. *Chinese Footbinding: The History of a Curious Erotic Custom*. New York: W. Rawls, 1966.
- Lewis, I. M. *Ecstatic Religion: An Anthropological Study of Spirit, Possession, and Shamanism*. Harmondsworth: Penguin Books, 1971.
- Loth, David. *The Erotic in Literature*. New York: Macfadden-Bartell, 1962.
- Lowen, Alexander. *The Betrayal of the Body*. London: Collier-Macmillan, 1967.
- Mallet-Joris, Françoise. *The Witches*. New York: Paperback Library, 1970.
- Mancini, J. G. *Prostitutes and Their Parasites: An Historical Survey*. London: Elek Books, 1963.
- Marcuse, Herbert. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. New York: Alfred A. Knopf, 1955.
- Michelet, Jules. *Satanism and Witchcraft*. London: Tandem, 1969.
- Millett, Kate. *Sexual Politics*. Garden City: Doubleday and Company, 1970.
- Mitchell, Juliet. *Woman's Estate*. New York: Pantheon, 1971.
- Morgan, Robin, ed. *Sisterhood Is Powerful*. New York: Vintage Books, 1970.
- Morton, Miriam, ed. *A Harvest of Russian Children's Literature*. Berkeley: University of California Press, 1967.
- Murray, Margaret A. *The God of the Witches*. London: Oxford University Press, 1970.
- . *The Witch-Cult in Western Europe*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- Neumann, Erich. *The Great Mother: An Analysis of the Archetype*. Trans. Ralph Manheim. Princeton: Princeton University Press, 1963.
- Newton, Huey P.. *Revolutionary Suicide*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973.
- Nicholson, Irene. *Mexican and Central American Mythology*. Feltham: Paul Hamlyn, 1967.
- Oakley, Anne. *Sex, Gender and Society*. New York: Harper & Row, 1972.
- Ostrander, Sheila and Lynn Schroeder. *Psychic Discoveries behind the Iron Curtain*. New York: Bantam Books, 1971.

- Peck, Ellen. *The Baby Trap*. New York: Bernard Geis, 1971.
- Perrault, Charles. *Classic French Fairy Tales*. New York: Meredith Press, 1967.
- The Pillow-Book of Sei-Shonagon*. Trans. Arthur Waley. London: Unwin Books, 1960.
- Pyle, Howard. *The Story of the Champions of the Round Table*. New York: Dover Publications, 1968.
- The Quest of the Holy Grail*. Trans. P. M. Matarasso. Harmondsworth: Penguin Books, 1969.
- Rafiq, B. A. *The Status of Women in Islam*. London: The London Mosque, no date.
- Reage, Pauline. *Story of O*. New York: Grove Press, 1965.
- Redgrove, H. Stanley. *Magic and Mysticism: Studies in Bygone Beliefs*. New York: University Books, 1971.
- Reich, Charles A. *The Greening of America*. New York: Random House, 1970.
- Reich, Wilhelm. *Character Analysis*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1970. k
- . *Listen, Little Man*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1971.
- . *The Function of the Orgasm*. London: Panther Books, 1968.
- . *The Mass Psychology of Fascism*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1970.
- Roszak, Betty and Theodore, eds. *Masculine/Feminine: Readings in Sexual Mythology and the Liberation of Women*. New York: Harper & Row, 1969.
- Rubin, Jerry. *Do It: Scenarios of the Revolution*. New York: Simon and Schuster, 1970.
- Sanders, Ed. *Shards of God: A Novel of the Yippies*. New York: Grove Press, 1971.
- Schulder, Diane and Florynce Kennedy. *Abortion Rap*. New York: McGraw-Hill, 1971.
- Scott, G. R. *Flagellation: The Story of Corporal Punishment*. London: Tallis Press, 1968.
- The Secret of the Golden Flower*. Trans. Richard Wilhelm. London: Routledge, 1962.
- Seligmann, Kurt. *Magic, Supernaturalism, and Religion*. New York: Universal Library, 1968.
- Sherfey, Mary Jane, M. D. *The Nature and Evolution of Female Sexuality*. New York: Vintage Books, 1973.
- Skinner, B. F. *Beyond Freedom and Dignity*. New York: Bantam Books, 1972.
- Sontag, Susan. *Styles of Radical Will*. New York: Dell, 1970.
- Stanton, Elizabeth Cady. *Eighty Years and More: Reminiscences 1815-1897*. New York: Schocken Books, 1971.

- Starkey, Marion L. *The Devil in Massachusetts: A Modern Inquiry into the Salem Witch Trials*. Garden City: Doubleday and Company, 1961.
- Storr, Anthony. *Human Aggression*. Harmondsworth: Penguin Books, 1968.
- Sullerot, Evelyne. *Woman, Society, and Change*. London: World University Library, 1971.
- Tanner, Leslie B., ed. *Voices from Women's Liberation*. New York: New American Library, 1971.
- Taylor, G. Rattray. *Sex in History*. New York: Ballantine Books, 1954.
- Thomas, Keith. *Religion and the Decline of Magic: Studies in Popular Beliefs in 16th and 17th Century England*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1971.
- Tiger, Lionel. *Men in Groups*. New York: Vintage Books, 1970.
- Tindall, Gillian. *A Handbook on Witches*. New York: Atheneum, 1966.
- Toch, Hans. *Violent Men: An Inquiry into the Psychology of Violence*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972.
- Trachtenberg, Joshua. *Jewish Magic and Superstition: A Study in Folk Religion*. New York: Atheneum, 1970.
- Trocchi, Alexander. *Helen and Desire*. Chatsworth, Calif.: Brandon House, 1967.
- . *Thongs*. Chatsworth, Calif.: Brandon House, 1967.
- Ullerstam, Lars. *The Erotic Minorities: A Swedish View*. London: Calder and Boyars, 1967.
- Vermes, Geza. *The Dead Sea Scrolls in English*. Harmondsworth: Penguin Books, 1968.
- Violations of the Child Marilyn Monroe*. By her psychiatrist-friend. New York: Bridgehead Books, 1962.
- Vivas, Eliseo. *Contra Marcuse*. New Rochelle: Arlington House, 1971.
- Waite, A. E. *The Holy Kabbalah: A Study of the Secret Tradition in Israel as Unfolded by Sons of the Doctrine for the Benefit and Consolation of the Elect Dispersed through the Lands and Ages of the Greater Exile*. New York: University Books, 1971.
- Watts, Alan W. *The Two Hands of God: The Myths of Polarity*. New York: Collier Books, 1963.
- Wilson, Colin. *Origins of the Sexual Impulse*. London: Panther Books, 1963.

**PIRATEIA E DIFUNDE!  
TODA PROPRIEDADE  
EH UM ROUBO!**

